


unesp  **UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA**
“JÚLIO DE MESQUITA FILHO”
Faculdade de Ciências e Letras
Campus de Araraquara - SP

MARINA CALSOLARI CONTI

**UMA ANÁLISE DIALÓGICA DA PROPOSTA DE
REDAÇÃO DO VESTIBULAR DA FUVEST E DAS
MELHORES REDAÇÕES**



ARARAQUARA – S.P.
2019

MARINA CALSOLARI CONTI

UMA ANÁLISE DIALÓGICA DA PROPOSTA DE
REDAÇÃO DO VESTIBULAR DA FUVEST E DAS
MELHORES REDAÇÕES

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Linguística e Língua Portuguesa da Faculdade de Ciências e Letras – Unesp/Araraquara, como requisito para obtenção do título de Mestre em Linguística e Língua Portuguesa.

Linha de pesquisa: Estrutura, organização e funcionamento discursivos e textuais

Orientador: Profa. Dra. Renata Maria Facuri Coelho Marchezan

ARARAQUARA – S.P.
2019

Conti, Marina Calsolari
Uma análise dialógica da proposta de redação do
vestibular da FUVEST e das melhores redações / Marina
Calsolari Conti – 2019
114 f.

Dissertação (Mestrado em Linguística e Língua
Portuguesa) – Universidade Estadual Paulista "Júlio
de Mesquita Filho", Faculdade de Ciências e Letras
(Campus Araraquara)

Orientador: Renata Maria Facuri Coelho Marchezan

1. Vestibular. 2. FUVEST. 3. Relações dialógicas. 4.
Gêneros do discurso. I. Título.

Ficha catalográfica elaborada pelo sistema automatizado com
os dados fornecidos pelo(a) autor(a).

MARINA CALSOLARI CONTI

UMA ANÁLISE DIALÓGICA DA PROPOSTA DE REDAÇÃO DO VESTIBULAR DA FUVEST E DAS MELHORES REDAÇÕES

Dissertação de Mestrado, apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Linguística e Língua Portuguesa da Faculdade de Ciências e Letras – UNESP/Araraquara, como requisito para obtenção do título de Mestre em Linguística e Língua Portuguesa.

Linha de pesquisa: Estrutura, organização e funcionamento discursivos e textuais

Orientador: Profa. Dra. Renata Maria Facuri Coelho Marchezan

Data da defesa: 14/03/2019

MEMBROS COMPONENTES DA BANCA EXAMINADORA:

Presidente e Orientador: Profa. Dra. Renata Coelho Marchezan (UNESP - FCL Araraquara)

Membro Titular: Profa. Dra. Marina Célia Mendonça (UNESP - FCL Araraquara)

Membro Titular: Profa. Dra. Maria Inês Batista Campos (USP)

Local: Universidade Estadual Paulista
Faculdade de Ciências e Letras
UNESP – Campus de Araraquara

AGRADECIMENTOS

A Deus, por mostrar o caminho certo, mesmo quando eu não acreditava que a rota indicada seria a melhor.

Aos meus pais, Simone e Pedro, por me direcionarem a caminhos sempre permeados por bons valores e manterem-me firme perante qualquer dificuldade, e às minhas irmãs, Vanessa e Paula, pelo companheirismo e pela parceria de vida.

À minha avó, Enrica, pela sabedoria sempre compartilhada, pela parceria ao longo de todos os anos da minha vida, pelas ponderações sempre necessárias e por sempre nos mostrar o valor da convivência familiar.

Aos meus tios e tias, em especial, Tio Nelson, Tio Paulo e Tia Angélica, pelos debates e diversões dominicais e pela presença constante ao longo da vida. Que seja sempre assim.

A todos os meus familiares mineiros. Meus avós – Pedro e Lucília -, meus tios, minhas tias e meus primos que, mesmo distante, sempre estiveram na torcida.

À minha orientadora, Renata Marchezan, pela paciência, orientação e atenciosidade. Obrigada por ter acreditado em mim e no meu trabalho.

À minha amiga-irmã, Marina Lara. Agradeço imensamente por todo o companheirismo desde os primeiros anos da graduação. Gratidão pela sua presença constante, pelos momentos vividos nesses últimos sete anos, pela sua amizade, pela acolhida sempre tão receptiva, pelas discussões e debates e, por último, mas não menos importante, pelo auxílio ao longo de todo esse mestrado.

A todos os meus amigos, em especial a três deles, feitos durante a graduação e que hoje, mesmo um pouco distantes, sempre se fazem presentes de diferentes formas. Ana Carolina Mota, amiga-irmã, obrigada pelos debates e pelas risadas proporcionadas mesmo a longas distâncias. Guilherme Jorge, primo descoberto por um acaso do destino e grande conhecedor de todos os assuntos, obrigada pelas conversas e conhecimento partilhado. Thiago Marques,

pessoa de coração enorme e de caráter ímpar, obrigada pelas lições de amizade, bondade e humildade. Aos três, gratidão pela amizade ao longo de todo esse tempo.

Às minhas amigas Carolina Déa, Tamires Mielo e Amanda Tinós. Vocês trouxeram leveza e alegria ao longo dessa caminhada. Obrigada e que possamos partilhar muitos bons momentos ao longo de toda a vida.

À Equipe Preciosa de Redação – Rafael Colucci, Isabela Canella, Marcela Rangel, Luciana Mayumi, Beatriz Bertini e Viviane Podenciano –, amigos que tornaram as vivências profissional e acadêmica muito mais divertida, agradável e proveitosa.

Ao Fábio Itasiki, professor, chefe, colega de trabalho e amigo, não só por todo o apoio e auxílio na entrada para o mercado profissional, mas também por todo o conhecimento de vida compartilhado.

A todos os professores que pelo meu caminho passaram. Um agradecimento especial para os mestres Carlos César, Mara Guimarães, Cláudia Borges, Marcelo Muller, Silvana Romani, Aparecido Rossi e Alcides dos Santos, responsáveis por, dentre tantas coisas maravilhosas, despertar e nutrir em mim o amor pelas Letras, e também aos professores Marcelo Almeida, Julio César, Fernando Gelfuso e Miguel Jabur Junior por compartilharem comigo não só sua paixão pelo ensino, mas também valores fundamentais para que eu me tornasse quem eu sou hoje. A todos, gratidão por todo o conhecimento compartilhado desde os primeiros anos do Ensino Fundamental.

Aos coordenadores, professores, alunos e amigos do Curso Unificado do Campus Araraquara (CUCA). Projeto responsável pela minha primeira experiência em sala de aula e por trazer ensinamento de vida os quais nenhum outro lugar poderia jamais ter trazido. Gratidão em poder dizer que sou fruto do CUCA – Unidade Boa Esperança do Sul.

À Unesp, pelo conhecimento construído, pelas vivências proporcionadas e pelos amigos apresentados. Agradeço também por ter sido a minha casa durante sete anos e por sempre estar de braços para, a qualquer momento, receber-me novamente.

A todos aqueles que, de alguma forma, contribuíram para a realização deste mestrado.

*“Aqueles que passam por nós não vão sós. Deixam um pouco de si,
levam um pouco de nós.” [Antoine de Saint-Exupéry]*

RESUMO

Hodiernamente, observa-se, no âmbito educacional, um grande destaque aos vestibulares como meio de ingresso em boas universidades do país. Como consequência disso, ganha força, dentro de colégios, a prática da produção textual, em especial da redação argumentativa. Tendo isso em vista, esta pesquisa objetiva identificar como ocorrem as relações dialógicas entre o conjunto de enunciados – comumente denominado *coletânea* – componentes da proposta de redação argumentativa e a redação argumentativa elaborada pelo candidato no vestibular aplicado pela Fundação Universitária para o Vestibular (FUVEST) nos anos 2012 e 2013. Para concretizar o objetivo apontado, primeiramente, são discutidos como e por que a proposta de redação argumentativa e a redação argumentativa escolar podem ser consideradas gêneros do discurso. Seguidamente, são analisadas 14 redações oriundas da prova de vestibular supracitada que mais cumpriram os quesitos avaliados pela banca examinadora. Esta pesquisa caminha pela Análise Dialógica do Discurso, tendo, como eixo basilar de fundamentação, as ideias propostas pelo Círculo de Bakhtin, em especial os conceitos *relações dialógicas*, *diálogo*, *enunciados*, *gêneros do discurso*, *esferas de atividade humana*, além de um estudo acerca dos processos de citação e seus tipos. São utilizadas, como *corpus*, duas propostas de redação argumentativa do vestibular FUVEST (2012 e 2013) e 14 redações argumentativas escolares que, segundo a banca examinadora, atingiram as expectativas esperadas. Ressalta-se ainda a importância de outro elemento ao longo desta pesquisa: o Manual do Candidato fornecido e elaborado pela Fundação Universitária para o Vestibular (FUVEST) já que nele constam as informações do que é esperado nas redações produzidas pelos candidatos. As análises realizadas mostraram que os diferentes enunciados da coletânea são responsáveis por facilitar a recuperação de determinados elos da cadeia discursiva. Ademais, observou-se uma quantidade menor de citações diretas, fosse de enunciados componentes da proposta, fosse de enunciados recuperados pelo próprio candidato, ainda assim, a maioria dos enunciados recuperados pelos candidatos emergia das esferas de atividade humana filosófica, sociológica, política e artística.

Palavras-chave: Vestibular. FUVEST. Relações dialógicas. Gêneros do discurso

ABSTRACT

Nowadays it's common to observe, especially in the scholar context, a huge emphasis in the vestibular exams, since they are a manner to access great universities around the country. Consequently, the practice of textual production, mainly the argumentative genre, gains prominence within schools. Considering this, our research aims to identify how occur the dialogic relations between the group of utterances (which composes the reading material, named by us as argumentative essay proposition) and the argumentative essays created by the candidates who applied to an undergraduating school by using the vestibular exam organized by the University Foundation for Vestibular (FUVEST), during 2012 and 2013. Firstly, in order to accomplish our objectives, it will be discussed how and why the argumentative essay proposition and the middle school argumentative essay may be considered genres of discourse. Furthermore, it will be analyzed 14 essays collected form the FUVEST vestibular exam. These 14 essays were considered by the examiners as having accomplish totally or almost totally the evaluation criteria. It's important to highlight this research has as basis the Dialogic Discourse Analysis theories, especially the theories proposed by the Bakhtin's Circle, notably the concepts: dialogic relations, dialogue, utterance, genres of discourse, spheres of human activities, as well as a study of the quotations' process. Moreover, our *corpus* is composed by two FUVEST exam's argumentative essay propositions and fourteen essays that achieved the examiners' expectations. Another important element to achieve our goals were the Candidate's Manual created and distributed by the FUVEST, since it contains all the information about what was expected in the essays. Finally, through the analyzes, it was possible to identify that the different utterances which composes the argumentative essay proposition are responsible for facilitating the recalling of certain links in the discursive chain. Besides, the research found a lower presence of direct quotations either in the utterances present in the proposition or in the candidate's retrieved utterances. Even though, the major part of the utterances recovered by the candidate came from the philosophical, sociological, political and artistic spheres.

Keywords: Vestibular exam. FUVEST. Dialogic relations. Genres of discourse

LISTA DE FIGURAS

Figura 1	Proposta de redação argumentativa da FUVEST 1985	32
Figura 2	Proposta de redação FUVEST 1983	33
Figura 3	Proposta de redação argumentativa da FUVEST 2012	38
Figura 4	Proposta de Redação Argumentativa da FUVEST 2013	41
Figura 5	Proposta de Redação Argumentativa da ENEM 2017	44
Figura 6	Proposta de Redação Argumentativa da UNESP 2018	46
Figura 7	FUVEST 2012 – Redação Argumentativa Escolar Modelo 1	51
Figura 8	FUVEST 2013 – Redação Argumentativa Escolar Modelo 2	52
Figura 9	Tema 1 Redação 7	67
Figura 10	Tema 1 Redação 5 (excerto 1)	68
Figura 11	Tema 1 Redação 5 (excerto 2)	68
Figura 12	Proposta de Redação 1 - Excerto de Aristóteles	69
Figura 13	Tema 1 Redação 2 (excerto 1)	69
Figura 14	Tema 1 Redação 1 (excerto 1)	70
Figura 15	Tema 1 Redação 6 (excerto 1)	70
Figura 16	Tema 1 Redação 3 (excerto 1)	71
Figura 17	Tema 1 Redação 2 (excerto 2)	71
Figura 18	Tema 1 Redação 1 (excerto 2)	72
Figura 19	Tema 1 Redação 4 (excerto 1)	73
Figura 20	Tema 1 Redação 2 (excerto 3)	73
Figura 21	Tema 1 Redação 6 (excerto 2)	74
Figura 22	Tema 1 Redação 4 (excerto 2)	75
Figura 23	Tema 1 Redação 5 (excerto 3)	75
Figura 24	Tema 2 Redação 3 (excerto 2)	76
Figura 25	Tema 2 Redação 5	78
Figura 26	Tema 2 Redação 4	78
Figura 27	Tema 2 Redação 1	79
Figura 28	Tema 2 Redação 3 (excerto 1)	80
Figura 29	Tema 2 Redação 3 (excerto 2)	80
Figura 30	Tema 2 Redação 2	81
Figura 31	Tema 2 Redação 4	81
Figura 32	Tema 2 Redação 7	82

Figura 33	Tema 2 Redação 6	82
Figura 34	Tema 2 Redação 3 (excerto 3)	83

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....	13
1.1. Justificativa e relevância da pesquisa	16
2. CONCEPÇÕES TEÓRICAS DO CÍRCULO DE BAKHTIN	19
2.1. Diálogo e enunciado	19
2.2 Gêneros do discurso e as esferas de atividade humana	22
2.3 A palavra de outrem no enunciado: as citações e suas formas	26
3. PROBLEMATIZANDO A REDAÇÃO ARGUMENTATIVA ESCOLAR COMO UM “TEXTO DE VESTIBULAR”	30
3.1 O vestibular como processo seletivo e as exigências para a elaboração da redação argumentativa escolar da FUVEST	30
3.2 A esfera de atividade escolar e os gêneros que nela são produzidos.....	35
3.2.1 O gênero proposta de redação argumentativa para o vestibular	36
3.2.2 O gênero redação argumentativa escolar.....	49
4. INVESTIGANDO AS REDAÇÕES ARGUMENTATIVAS ESCOLARES: ESCOLHA DO CORPUS, METODOLOGIA E ANÁLISES	55
4.1 Sobre a escolha do <i>corpus</i> a ser analisado.....	55
4.2 Metodologia e objetivos de análise	56
4.3 A proposta de redação argumentativa escolar da FUVEST 2012 e seus direcionamentos	57
4.4. A proposta de redação argumentativa escolar do FUVEST 2013 e seus direcionamentos.....	62
4.5. Análise de redações argumentativas escolares da FUVEST 2012	66
4.6. Análise das redações argumentativas escolares da FUVEST 2013.....	77
4.7. Considerações comparativas acerca do que foi encontrado nas análises	84
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS	85
REFERÊNCIAS	90
OBRAS CONSULTADAS	93
ANEXOS.....	94

1. Introdução

Observamos, no âmbito escolar, atualmente, uma grande atenção aos exames de vestibular, principalmente porque eles se caracterizam como a forma de se alcançar vagas em diferentes universidades. Nesse contexto, esta pesquisa objetiva uma análise de quatorze redações argumentativas – do vestibular elaborado pela Fundação Universitária para o Vestibular (FUVEST) – dos anos de 2012 e 2013 que, segundo diretrizes apontadas pela banca examinadora, alcançaram, parcial ou totalmente, os critérios avaliados. Juntamente às redações, analisamos também suas respectivas propostas de redação argumentativa. A escolha da FUVEST deveu-se à importância deste que é um dos maiores vestibulares do país, contando com 127.786 inscritos¹ no ano de 2018. Nos anos de 2012 e 2013, este vestibular teve, respectivamente, com 146.892 candidatos e 159.609 candidatos. Apesar do declínio, a FUVEST consolidou-se, através dos tempos, como um dos mais tradicionais vestibulares do país, sendo o segundo maior, apenas atrás do ENEM (Exame Nacional do Ensino Médio).

O objetivo principal da pesquisa é identificar a forma como a produção textual dos alunos relaciona-se com os enunciados, tanto de caracteres verbal e visual quando verbo-visual, apresentados pela coletânea da proposta. É importante ressaltarmos que as análises e estudos realizados adotam uma perspectiva teórico-metodológica baseada nas reflexões desenvolvidas pelo Círculo de Bakhtin, composto por um grupo de pensadores soviéticos dedicados ao estudo das mais diversas áreas, em especial a filosófica, cuja tríade principal era composta por Mikhail M. Bakhtin, Valentin N. Volóchinov e Pavel N. Medvedev.

Nesse sentido, alguns conceitos desenvolvidos pelo Círculo fazem-se basilares em nossas discussões ao longo de todo o trabalho. A princípio, apresentamos o diálogo, o qual é caracterizado como qualquer tipo de interação discursiva, sendo a forma clássica da comunicação. A partir dele, então, podemos discutir relações dialógicas, isto é, “as relações de sentido que se estabelecem entre enunciados, tendo como referência o todo da interação verbal” (FARACO, 2003, p.63). Assim, qualquer enunciado – ou seja, unidade de comunicação discursiva que traz consigo não somente elementos linguísticos, mas valores axiológicos, sociais e culturais – quando confrontado com outro enunciado, independentemente de sua localização no tempo e/ou no espaço, estabelecerá, com este, relações dialógicas. Os conceitos fundamentais para a realização desta pesquisa serão adensados na seção 2.

¹ Informação retirada de < <https://www.fuvest.br/fuvest-divulga-relacao-candidato-vaga-e-locais-de-prova/>>

A motivação para esta pesquisa relaciona-se à identificação da dificuldade de alunos e professores em trabalharem com o material fornecido pela proposta de redação argumentativa escolar, principalmente no que tange ao estabelecimento das relações dialógicas com a coletânea, uma vez que cada vestibular estipula uma exigência (de diálogo marcado ou não), ocorrendo, comumente, casos de plágio ou de reproduções descontextualizadas ou desconexas em relação aos trechos de textos incluídos na proposta. Outro fator motivador foi a constatação de situações problemáticas, como a ausência desse diálogo, sendo este exigido em alguns vestibulares.

Trabalhamos aqui com um *corpus* constituído por sete redações produzidas para o vestibular FUVEST 2012 e por sete redações produzidas para a FUVEST 2013, já que as propostas de redação argumentativa desses dois anos acabam por refletir, em suas constituições, maiores tendências a, respectivamente, regularidade e atualização do gênero proposta de redação argumentativa, discussão adensada na seção 3. Assim, a partir da discussão supracitada, analisaremos os enunciados componentes das propostas da FUVEST 2012 e da FUVEST 2013 para, então, realizarmos um estudo aprofundado das redações buscando identificar o posicionamento adotado pelo candidato, bem como o uso do material fornecido pela coletânea. Finalmente, procuraremos identificar se há apoio em enunciados externos à proposta para a defesa do ponto de vista assumido.

Assim, em consonância às motivações supracitadas e ao *corpus* escolhido, nosso trabalho procura realizar um estudo aprofundado sobre as exigências do vestibular da FUVEST acerca da necessidade ou não de diálogo com a coletânea e também busca analisar redações argumentativas (e suas respectivas propostas) consideradas como tendo alcançado aquilo que era esperado pela banca examinadora, a fim de se identificar quais as relações encontradas entre as produções textuais e o material fornecido pela coletânea, o que pressupõe um olhar deste “eu” (candidato) para o seu “outro” (banca examinadora), e quais as mais valorizadas por este no momento de análise e pontuação das redações. É importante ressaltarmos que nossos objetivos serão adensados e detalhados posteriormente, na seção 4.

Sob o viés bakhtiniano, consideramos que os textos selecionados constituem-se como pertencentes a um determinado gênero do discurso, isto é, eles se mostram como um tipo relativamente estável de enunciado, apresentando regularidades e inovações. Nesse sentido, optamos por classificar essas produções textuais como sendo pertencentes ao gênero do discurso redação argumentativa escolar. Por redação, entendemos um texto verbal requerido por uma voz examinadora. Porém, essa voz ainda traz algumas exigências, já que é cobrado do candidato que o texto seja dissertativo-argumentativo, isto é, não satisfaz às exigências do

examinador apenas uma exposição de fatos acerca de um tema proposto; essa exposição deve ser debatida, analisada, discutida, ou seja, deve-se argumentar sobre aquilo que se apresenta. Podemos observar isso nas diretrizes apontadas no edital elaborado pela Fundação Universitária para o Vestibular (FUVEST) quanto ao que será considerado na avaliação da redação produzida pelo candidato:

Verifica-se se o texto configura-se como uma dissertação argumentativa e se atende ao tema proposto ou sugerido [...] Não se recomenda, também, que o texto produzido se configure como uma dissertação meramente expositiva, isto é, que se limite a expor dados ou informações relativos ao tema, sem que se explicita um ponto de vista devidamente sustentado por uma argumentação consistente. (FUVEST, 2014, p.39)

Finalmente, classificamos como sendo um gênero da esfera escolar, pois, primeiramente, há a obrigatoriedade da presença dos gêneros do discurso no ensino, já que:

No início da década de 90, em função da ineficácia do ensino centrado nas tipologias tradicionalmente exploradas na escola, iniciou-se o debate em torno dos gêneros textuais. Surgiu dos órgãos governamentais a proposta de fundamentar o ensino da língua materna, tanto oral quanto escrita, nos gêneros do discurso. Segundo os PCN, os estudos dos gêneros discursivos e dos modos como se articulam proporcionam uma visão ampla das possibilidades de usos da linguagem, incluindo-se os textos. (PAVANI, KÖCHE e BOFF, 2006, p. 3)

Sendo a redação dissertativo-argumentativa um desses gêneros, ela também se torna objeto de estudo dentro das salas de aula. Ademais, o destaque dado pelos grandes vestibulares ao gênero supracitado reforçou seu processo de escolarização.

Tendo isso em vista, esperamos que, com os resultados alcançados no decorrer desta pesquisa, possamos contribuir com reflexões úteis aos professores de redação e também com um estudo bakhtiniano sobre relações dialógicas – explícitas ou não – praticadas pelos candidatos nos exames de vestibular.

Nas seções seguintes, apresentamos a relevância de nossa pesquisa, os objetivos, os procedimentos metodológicos que a compõem bem como nossas motivações. Nossa fundamentação teórica se baseia no que Beth Brait nomeia como Análise do *Dialógica* Discurso de viés bakhtiniano. Isso, porque aquela afirma que Bakhtin e o Círculo propõem uma “concepção de linguagem, de construção e de produção de sentidos necessariamente apoiadas nas relações discursivas empreendidas por sujeitos historicamente situados” (BRAIT, 2006, p.10), assim, há uma “indissolúvel relação existente entre língua, linguagens, história e sujeitos” (BRAIT, 2006, p.10), fazendo com que qualquer enunciado estabeleça relações de sentido com seus contextos de produção, discussão a ser reforçada por nós

posteriormente. Também são adensados os conceitos-chave que compõem esta reflexão, sendo eles: diálogo, enunciado, gêneros do discurso, esferas de atividade humana e, finalmente, os diferentes processos de citação. Apresentamos, ainda, uma seção dedicada ao estudo da proposta de redação argumentativa bem como da redação argumentativa escolar como pertencentes à categoria dos gêneros do discurso. Finalmente, retomamos as questões que envolvem a escolha do *corpus* com o qual trabalhamos e, em seguida, expomos nossa análise das duas propostas de redação argumentativa escolar com as quais optamos por trabalhar e das redações argumentativas escolares que se configuram como nosso *corpus*. Ressaltamos que, nessas análises, visamos: 1) analisar o posicionamento assumido pelo candidato em relação à proposta de redação argumentativa escolar fornecida pela FUVEST; 2) examinar as diferentes formas da utilização dos enunciados que compõem a proposta e; 3) observar como o candidato extrapola (quando o fizer) aquilo que está nas propostas, lançando mão de conteúdos, informações e diálogos com outras esferas de atividade humana.

1.1. Justificativa e relevância da pesquisa

O vestibular, na contemporaneidade, mostra-se como um dos grandes focos de interesse de muitos alunos, professores e instituições de ensino, uma vez que se configura como uma das formas de acesso na maior parte das universidades brasileiras. Todos os anos, milhares de estudantes dedicam-se ao aprofundamento de seus conhecimentos, almejando alcançar uma vaga em uma dessas grandes universidades. Tendo em vista a ampla concorrência, itens que se mostram como diferenciais na obtenção da pontuação necessária ao ingresso ganham destaque nos ambientes escolares e, dentre esses, sobressai-se a redação.

Detentora de grande espaço nas escolas, a prática da produção textual, em especial do tipo dissertativo-argumentativo, acaba por nortear estratégias de ensino, por parte dos professores, sendo, um dos grandes debates, a necessidade ou não do uso das informações disponibilizadas na coletânea de enunciados destinados a delimitar o tema proposto pela banca. Ressaltarmos que os diferentes vestibulares contam com idiossincrasias no que tange ao que é exigido aos futuros universitários e estas podem ser identificadas nos Manuais do Candidato, disponibilizados *on-line* pelas comissões organizadoras.

Nesse sentido, uma leitura prévia desses manuais revelou que a prova elaborada pela Fundação Universitária para o Vestibular (FUVEST) determina a existência de uma relação entre a coletânea e o texto elaborado pelo vestibulando, como é possível observarmos em:

Verifica-se se o texto configura-se como uma dissertação argumentativa e se atende ao tema proposto ou sugerido. Pressupõe-se, então, que o candidato demonstre a habilidade de compreender a proposta de redação e, quando esta contiver uma coletânea, que ele se revele capaz de ler e de relacionar adequadamente os textos que a integram. A paráfrase de elementos que compõem a proposta de redação não é um recurso recomendável para o desenvolvimento adequado do tema. Não se recomenda, também, que o texto produzido se configure como uma dissertação meramente expositiva, isto é, que se limite a expor dados ou informações relativos ao tema, sem que se explicita um ponto de vista devidamente sustentado por uma argumentação consistente. No que diz respeito ao desenvolvimento do tema, verifica-se, além da pertinência das informações e da efetiva progressão temática, também a capacidade crítico-argumentativa que a redação venha a revelar. (FUVEST, 2014, p.39)

Dessa forma, espera-se que o candidato seja capaz de compreender os enunciados componentes da proposta de redação argumentativa escolar, bem como recuperar os elos da teia discursiva que unem esses enunciados, a fim de que aquele possa produzir sua própria redação argumentativa.

A partir disso, propomo-nos analisar, segundo a perspectiva teórica do Círculo de Bakhtin, 14 redações, disponibilizadas *on-line* e selecionadas pela própria Fundação, classificadas como tendo chegado mais próximo àquilo que a banca examinadora esperava. O estudo visa compreender como se dá o diálogo entre os enunciados da proposta e aquele produzido pelo candidato, bem como a valoração dada pela banca aos diferentes processos de utilização dos tipos de citação dos enunciados que compõem a proposta de redação argumentativa elaborada pela banca examinadora.

Durante nossa pesquisa, encontramos alguns trabalhos contemporâneos que abordam diferentes aspectos da prova de redação dos diferentes vestibulares. Inicialmente, citamos Fossey (2018) que, considerando as redações “como um gênero tipicamente escolar” (FOSSEY, 2018, p.1021), analisa a grade de correção utilizada pela Vunesp, olhando os mecanismos de construção da argumentação. Também partindo deste mesmo exame de vestibular, Cassettari (2013) busca apontar a ocorrência de autoria nas redações elaboradas no Vestibular de meio de ano da Vunesp 2010, com base em uma perspectiva bakhtiniana da Análise do Discurso, trazendo para sua discussão questões de caráter educacional. Soares (2013) também direciona seu trabalho à área educacional tendo como base as ideias propostas pelo Círculo de Bakhtin, porém, opta por trazer, em seu *corpus*, as redações do ENEM.

A partir do panorama brevemente traçado, ressaltamos que, embora tenhamos tido contato com estudos os quais, por vezes, perpassaram pela redação argumentativa escolar da FUVEST, foram encontrados, durante a leitura do *corpus* e a pesquisa bibliográfica, poucos que tomassem como base teórica a perspectiva do Círculo de Bakhtin e direcionassem-se exclusivamente à análise do vestibular da FUVEST. Citamos aqui Sanches (2018), cujo

trabalho mais se aproxima daquele que nos propomos a fazer, já que a pesquisadora parte das teorias do Círculo de Bakhtin objetivando analisar o uso da palavra de outrem. Porém, Sanches (2018) desenvolve não somente um trabalho de viés mais quantitativo, como também discute questões relacionadas ao estilo nas redações de vestibular.

Assim, sendo a FUVEST um dos vestibulares de destaque do país, acreditamos que este trabalho possa ter relevância ao qualificar as relações dialógicas, estabelecidas entre as redações e a coletânea, mais recorrentes nas produções dos alunos e mais bem avaliadas pela banca examinadora do vestibular supracitado. Ademais, esperamos que, após sua conclusão, este trabalho seja útil para professores interessados no assunto e que busquem insumo para a preparação de aulas voltadas ao uso da coletânea no vestibular da FUVEST, além de contribuir para novos estudos na perspectiva bakhtiniana.

2. Concepções teóricas do Círculo de Bakhtin

Mikhail M. Bakhtin foi um pensador, teórico e filósofo russo, que se dedicou extensamente ao estudo da linguagem. Junto a um grupo de intelectuais também russos de diversas formações, como Valentin N. Volóchinov e Pavel N. Medvedev, compunham o que mais tarde viria a ser conhecido como Círculo de Bakhtin. Este se dedicava ao estudo de questões relacionadas à filosofia, à arte e, principalmente, à linguagem e sua relação com o contexto em que está inserida. Utilizando-nos das palavras de Faraco (2003, p. 15-16), ressaltamos que “os membros do círculo [...] tinham [...] uma paixão pela filosofia e pelo debate de ideias [...] Podemos acrescentar a essa paixão uma outra [...] a paixão pela linguagem”. Desta paixão surgiram teorias e conceitos que se fazem presentes em importantes estudos da atualidade, perpassando diversas áreas do conhecimento, como ocorre com a Análise do Discurso.

A partir disso, propomo-nos, neste capítulo, selecionar e apresentar questionamentos e conceitos – pontuados pelo Círculo de Bakhtin – basilares para o estudo que fazemos nesta dissertação bem como para a análise das redações argumentativas escolares que serão posteriormente apresentadas.

2.1. Diálogo e enunciado

Quando falamos em Bakhtin e nas teorias desenvolvidas pelo Círculo, tem destaque principal e primordial o conceito de diálogo, o qual está intimamente atrelado aos conceitos de palavra e enunciado. A começar, Bakhtin explana que:

A palavra, a palavra viva, indissociável do convívio dialógico, por sua própria natureza quer ser ouvida e respondida. Por sua natureza dialógica, ela pressupõe também a última instância dialógica. Receber a palavra é ser ouvido. É inadmissível a solução à *revelia*. Minha palavra permanece no diálogo contínuo, no qual ela será ouvida, respondida e reapreciada (BAKHTIN, 2003b, p. 356).

Assim, sendo a palavra um elemento dialógico, toda experiência humana que se liga a ela também o é. Neste contexto, o ser humano, uma vez inserido em um contexto histórico-social, está sendo constantemente influenciado e permeado pela palavra de outrem, o que faz dele um sujeito dialógico. É importante, ainda, ressaltarmos que a palavra não vem inerte de posicionamentos axiológicos e ideológicos, como apontado por Volochínov (2017), o qual argumenta que a aquela é permeada pela interação das forças sociais. Assim, o sujeito

dialógico não se constitui de modo homogêneo, mas, sim, como um ser permeado por embates ideológicos, bem como ocorre com a palavra.

A palavra constitui o enunciado que, por sua vez, é a unidade da comunicação discursiva e é indissociável do conceito de diálogo. Este corresponde frequentemente a uma comunicação direta, face a face, entre pessoas. Porém, os principais pensadores do Círculo de Bakhtin ampliam essa definição, caracterizando o diálogo como qualquer interação discursiva, independentemente de seu tipo. Nesse contexto, pontuamos aqui que Bakhtin (2003a) destaca o diálogo como uma clássica forma da comunicação discursiva.

Estando intrinsecamente ligado ao conceito de diálogo, o enunciado configura-se como a união de elementos linguísticos e valores axiológicos, culturais e sociais do sujeito que o constrói, afinal, o sujeito lida com a escolha de estruturas e vocábulos, por exemplo, havendo, então, uma intencionalidade, além de ser permeado por valores axiológicos. Dessa forma:

As noções enunciado/enunciação têm papel central na concepção de linguagem que rege o pensamento bakhtiniano justamente por que a linguagem é concebida de um ponto de vista histórico, cultural e social que inclui, para efeito de compreensão e análise, a comunicação efetiva e os sujeitos e discursos envolvidos (BRAIT; MELO, 2005, p. 65)

Ademais, a existência de um enunciado demanda a presença do outro, já que aquele “[...] se forma entre dois indivíduos socialmente organizados, e, na ausência de um interlocutor real, ele é ocupado, por assim dizer, pela imagem do representante médio daquele grupo social ao qual o falante pertence” (VOLÓCHINOV, 2017, p. 204).

Assim, o enunciado nunca está solto no tempo ou no espaço, pois se direciona a alguém, “responde a algo e orienta-se para uma resposta” (VOLÓCHINOV, 2017, p. 184). Tendo isso em vista, nota-se que esses enunciados são delimitados e definidos pela alternância de sujeitos do discurso (BAKHTIN, 2003a, p. 275). Dessa forma, observa-se que:

O falante termina o seu enunciado para passar a palavra ao outro ou dar lugar à sua compreensão ativamente responsiva. O enunciado não é uma unidade convencional, mas uma unidade real, precisamente delimitada da alternância dos sujeitos do discurso, a qual termina com a transmissão da palavra ao outro, por mais silencioso que seja o “dixi” percebido pelos ouvintes [como sinal] de que o falante terminou (BAKHTIN, 2003a, p. 275).

Podemos constatar, ainda, que o enunciado configura-se como “um elo na cadeia ininterrupta de discursos verbais” (VOLÓCHINOV, 2017, p. 184), estabelecendo relações com os demais enunciados, concordando ou negando, com mais ou menos força, algo

(VOLÓCHINOV, 2017, p.197) e, uma vez imersos em teias discursivas, “[...] os diálogos sociais não se repetem de maneira absoluta, mas não são completamente novos, reiteram marcas históricas e sociais que caracterizam uma dada cultura, uma dada sociedade” (MARCHEZAN, 2006, p.118). Às relações estabelecidas entre os enunciados, Bakhtin dá o nome de *relações dialógicas*. Segundo Fiorin (2006), é possível analisar todo e qualquer fenômeno ocorrente na comunicação a partir das relações dialógicas que estabelecem, não se restringindo apenas às questões puramente relacionadas à linguagem.

Ademais, reforça-se a ideia de que, estando em uma teia discursiva, o enunciado trazido pelo *eu* demanda a presença e a atitude responsiva do *outro*:

[...] todo falante é por si mesmo um respondente em maior ou menos grau: porque ele não é o primeiro falante, o primeiro a ter violado o eterno silêncio do universo, e pressupõe não só a existência do sistema da língua que usa mas também alguns enunciados antecedentes – dos seus e alheios – com os quais o seu enunciado entra nessas ou naquelas relações [...] (BAKHTIN, 2003a, p. 272).

Isso acontece, porque “todo enunciado é antes de tudo uma orientação avaliativa. Por isso, em um enunciado vivo, cada elemento não só significa, mas também avalia” (VOLÓCHINOV, 2017, p.236).

Tendo em vista que, posteriormente, abordaremos o conceito de gêneros do discurso – os quais se apresentam como sendo tipos relativamente estáveis de enunciados, já que os sujeitos enunciam por meio de gêneros – particularidades ainda devem ser pontuadas. Dirá Bakhtin que:

[os enunciados] refletem as condições específicas e as finalidades de cada referido campo, não só por seu conteúdo (temático) e pelo estilo da linguagem, ou seja, pela seleção dos recursos lexicais, fraseológicos e gramaticais da língua mas, acima de tudo, por sua construção composicional. Todos esses três elementos – o conteúdo temático, estilo e construção composicional - estão indissolivelmente no *todo* do enunciado e são igualmente determinados pela especificidade de um determinado campo da comunicação (BAKHTIN, 2003a, p. 261-262).

Destarte, o enunciado tem uma natureza social (VOLÓCHINOV, 2017, p. 200), fazendo com que ele se adeque à situação em que está inserido. Sendo os gêneros do discurso constituídos por enunciados, podemos observar que aqueles também refletem, em seu conteúdo temático, em seu estilo de linguagem e em sua construção composicional, as condições e as finalidades da sua produção. A partir disso, procuramos, na próxima seção, apresentar em que consiste uma esfera de atividade, na qual nascem os gêneros, para, então, aprofundar as questões relativas a eles.

2.2 Gêneros do discurso e as esferas de atividade humana

Como já explanamos anteriormente, fazemos o uso da língua a partir de enunciados, os quais são concretos e únicos, produzidos por sujeitos nas diferentes esferas de atividade humana (BAKHTIN, 2003a, p. 261). Apesar de cada enunciado ser único, cada campo de atividade humana vai elaborar, de acordo com Bakhtin (2003a), tipos relativamente estáveis de enunciados, estes, nomeados como gêneros do discurso. Volóchinov também apontou esta dualidade ao mencionar que:

[...] individualização estilística do enunciado [...] é o reflexo das inter-relações e é em seu ambiente que se constitui o enunciado em questão. A situação mais próxima e o ambiente social mais amplo determinam completamente e, por assim dizer, de dentro, a estrutura do enunciado (VOLÓCHINOV, 2017, p.206).

Assim, as possibilidades e as heterogeneidades dos diferentes gêneros do discurso são tão vastas quanto o são as esferas de atividade humana. Historicamente, a classificação dos diferentes gêneros do discurso remonta à Grécia Antiga, inicialmente com Platão, o primeiro a abordar a questão das classificações, porém, tendo como maior expoente grego deste campo de estudos Aristóteles, que discorreu sobre essa questão em sua *Poética*. Em ambos os casos, a divisão de gêneros foi feita a partir de suas espécies.

Os membros do Círculo de Bakhtin, por sua vez, afirmam, diferentemente dos estudiosos clássicos já mencionados, que gêneros do discurso são tão variáveis quanto as esferas de atividade nas quais eles emergem. Por esferas de atividade, entendemos as instâncias situadas em um determinado contexto sócio-histórico ideológico as quais são responsáveis por organizar a produção, circulação e recepção dos diferentes enunciados que nelas emergem. Dessa forma, como cada esfera é idiossincrática no que tange à estrutura formal, ao estilo e ao conteúdo composicional, logo, os enunciados que emergem nelas também trarão particularidades. Analisando os gêneros do discurso de acordo com as concepções bakhtinianas, Souza (2002) afirma que “qualquer gênero se orienta em relação à realidade em duas direções: a) ao ouvinte ou receptor em conjunto com as condições precisas de performance e percepção; b) à vida pelos seus conteúdos temáticos (acontecimentos, problemas, etc.)” (SOUZA, 2002, p.94).

Nesse contexto, Bakhtin (2003a) estabelece duas grandes categorias para a classificação dos diferentes gêneros do discurso, já que “trata-se de uma distinção que dimensiona as esferas de uso da linguagem e processo dialógico-interativo” (MACHADO, 2005, p.151). A primeira categoria é a dos gêneros primários, isto é, aqueles mais simples,

ligados às esferas de atividade do cotidiano e formados durante a comunicação imediata, sendo adquiridos a partir de experiências e vivências da vida cotidiana. Já a segunda é a categoria dos gêneros secundários, ou seja, os mais complexos, “que surgem nas condições de um convívio cultural mais complexo e relativamente muito desenvolvido e organizado” (BAKHTIN, 2003a, p. 263), como o sociopolítico, o artístico e o científico. Ainda, é importante ressaltarmos que:

O percurso de incorporação dos gêneros dialogados da oralidade para os gêneros escritos manifesta a percepção de Bakhtin sobre o processo histórico de formação e complexificação das esferas ideológicas nas sociedades complexas, bem como a formação do romance enquanto gênero da esfera literária. (GRILLO, 2008, p.67)

Assim, os gêneros secundários, em seu processo de formação, acabam por incorporar e reelaborar diversos gêneros que nascem na comunicação imediata (os gêneros primários). Porém, durante o processo, estes acabam perdendo a ligação com a realidade concreta em que foram produzidos e também com os enunciados alheios aos quais estavam ligados na teia discursiva (BAKHTIN, 2003a, p. 263). Desse modo, é claro que, sendo constituídos por enunciados, os gêneros do discurso estão intrinsecamente ligados à sua situação de produção, a qual acaba “obrigando-o[s] a soar de um jeito e não de outro” (VOLÓCHINOV, 2017, p.206).

A partir das questões pontuadas anteriormente, aprofundar-nos-emos nas questões concernentes à relativa estabilidade dos gêneros. Primeiramente, este fenômeno ocorre, pois, segundo Bakhtin (2002), os diferentes gêneros (assim como seus constitutivos enunciados) estão sujeitos à atuação de forças. São elas as forças centrípetas, de tendência unificadora – ou seja, aquelas que agem em prol da manutenção da estabilidade – e as forças centrífugas, responsáveis pela descentralização – e que muitas vezes podem atuar em favor da atualização dos gêneros de acordo com o contexto sócio-histórico-ideológico.

Ressaltamos, ainda, que os gêneros estão diretamente ligados ao seu contexto sócio-histórico, sendo “correias de transmissão entre a história da sociedade e a história da linguagem” (BAKHTIN, 2003a, p.268). Isso se conecta intrinsecamente à questão de manutenção e atualização de elementos a partir da atuação das forças centrípeta e centrífuga, já que estas emanam da sociedade e daquilo que a constitui.

Já no que tange a sua estruturação, os enunciados (e também os gêneros do discurso, uma vez que estes são constituídos a partir daqueles) são compostos por três elementos, sendo eles, o estilo de linguagem, a construção composicional o conteúdo temático, os quais são explicados pelas palavras de Guariglia (2008):

A estabilidade de enunciados depende de três fatores: o conteúdo temático (os sentidos referentes ao uso do gênero em determinado meio social), a estrutura composicional (o modo de formar o texto) e o estilo (o apontamento de recursos linguísticos) à necessidade. Em outras palavras, o enunciado apresenta-se sob três planos: o estilo refere-se à escolha dos recursos lexicais, gramaticais; a composição, às estratégias para que seja estruturado o texto a partir das estratégias ditadas pelo gênero discursivo a qual ele pertença; o conteúdo diz respeito aos conceitos abordados pelo texto (GUARIGLIA, 2008, p.19).

Acerca do conteúdo temático, observamos que este é parte constitutiva dos enunciados e, conseqüentemente, dos gêneros do discurso. Devemos compreender que, de acordo com Bakhtin/Medvedev (*apud* GRILLO, 2006, p.1828), o conteúdo temático, primeiramente, é uma forma única e particular de se orientar ideologicamente na realidade. Porém, não apenas isso, uma vez que o conteúdo temático tem mais dois componentes: a avaliação social e a relação com o todo concreto do enunciado. A avaliação social é aquela que “evidencia que o contato do gênero com o referente não é neutro. Ela define todos os aspectos do enunciado, isto é, determina a escolha do conteúdo e da forma, e estabelece a relação entre eles” (GRILLO, 2006, p. 1829). Por sua vez, Bakhtin/Medvedev (*apud* GRILLO, 2006, p.1829) reforça que o conteúdo temático não está ligado à estrutura frasal, mas sim ao todo que é o enunciado e, conseqüentemente, ao seu contexto histórico e social de produção. Dessa forma, no que tange à redação argumentativa escolar, devemos, ao analisar seu conteúdo temático, ir além da compreensão do “tema”, isto é, devemos recuperar os elos da cadeia dialógica que constituem o conteúdo temático.

No que tange ao estilo da linguagem, Bakhtin (2003a, p.265) aponta que todo enunciado é individual, portanto, reflete a individualidade do sujeito o qual o produz. Porém, quando nos inserimos no campo dos gêneros discursivos, podemos observar – ainda que estes sejam compostos por enunciados – que alguns gêneros são mais propícios do que outros para a exteriorização dessa individualidade, a exemplo dos gêneros literários. A redação argumentativa escolar configura-se como um espaço onde o candidato pode expressar sua relativa individualidade, isto é, revelar suas particularidades – textuais, por exemplo – ao escrever, embora forças coercitivas atuem para que essa liberdade não seja integral. Ilustrando essa situação, o candidato deve, por orientação da banca examinadora, usar a norma culta-padrão da língua portuguesa, assim, desde que siga essa regra, aquele tem a possibilidade de optar pelas escolhas lexicais que mais lhe aprouver.

A estrutura composicional, por sua vez, “é a realização de uma forma arquitetônica através da organização do material [...] Essa organização ocorre no nível da totalidade e da

articulação das partes dirigidas a um fim”² (GRILLO, 2007, p. 29, *tradução nossa*). É importante adicionarmos que, por forma arquitetônica, apreendemos “a construção, ou a estrutura da obra, entendida como um ponto de encontro e de interação entre material, forma e conteúdo” (TODOROV, 1997, p.5). Ademais, a forma composicional também é determinada pela esfera de atividade humana na qual o gênero insere-se, pois “uma determinada função [...] e determinadas condições de comunicação discursiva, específicas de cada campo, geram determinados gêneros, isto é, determinados tipos de enunciados estilísticos, temáticos e composicionais relativamente estáveis” (BAKHTIN, 2003a, p.266).

Nota-se, portanto, que estilo, construção composicional e conteúdo temático são elementos intrinsecamente ligados de acordo com a esfera de produção de determinado gênero.

Neste contexto, “a vontade discursiva do falante se realiza antes de tudo na escolha de um gênero do discurso” (BAKHTIN, 2003a, p. 282). Porém, para isso, o falante considera aspectos como o tema sobre o qual se produz o enunciado, a situação de comunicação, o perfil dos ouvintes. É por meio dessas escolhas, também, que a subjetividade do sujeito faz-se presente.

Cabe-nos, ainda, uma última consideração, a qual se configura como uma ponte para o próximo elemento a ser abordado – as citações e seus tipos. Bakhtin (2003a) ressalta que cada enunciado – e aqui são incluídos os enunciados relativamente estáveis, isto é, os gêneros do discurso – é permeado por atitudes responsivas da cadeia discursiva. Essas atitudes podem assumir diferentes formatos, assim:

[...] os enunciados dos outros podem ser introduzidos diretamente no contexto do enunciado; podem ser introduzidas somente palavras isoladas ou orações que, neste caso, figurem como representantes de enunciados plenos, e além disso enunciados plenos e palavras isoladas podem conservar a sua expressão alheia mas não podem ser reacentuados [...]; os enunciados podem ser recontados com um variado grau de reassimilação; podemos simplesmente nos basear neles como em um interlocutor bem conhecido, podemos pressupô-los em silêncio, a atitude responsiva pode refletir-se somente na expressão do próprio discurso – na seleção de recursos linguísticos e entonações, determinada não pelo objeto do próprio discurso, mas pelo enunciado do outro sobre o mesmo objeto (BAKHTIN, 2003a, p. 297).

Percebemos, então, que as palavras de outrem podem e frequentemente aparecem na atitude responsiva perante o enunciado e são isto – as citações e suas formas de aparição – que desejamos apontar e discutir, de forma mais detalhada, na seção subsequente.

² “La forme compositionnelle est la réalisation d’une forme architectonique à travers l’organisation d’un matériau [...] Cette organisation se joue au niveau de la totalité et de l’articulation des parties, dirigée vers un but”.

2.3 A palavra de outrem no enunciado: as citações e suas formas

Como já mencionamos, uma das estratégias para se concretizar um projeto de dizer, nos diferentes gêneros do discurso, é por meio da utilização das palavras de outrem, seja para a concordância ou para a discordância com aquilo que o sujeito deseja manifestar, assim, “o ‘discurso alheio’ é o discurso dentro do discurso, o enunciado dentro do enunciado, mas ao mesmo tempo é também o discurso sobre o discurso, o enunciado sobre o enunciado” (VOLÓCHINOV, 2017, p.249).

Primeiramente, faz-se importante dizer que, segundo Volóchinov (2017), o discurso alheio é compreendido pelo falante como o discurso de outrem, sendo, o enunciado deste, autônomo e completo. Com isso, entende-se que, existindo fora de seu contexto original, o discurso alheio pode ser transferido para o enunciado do sujeito que o constrói. O que presenciamos aqui, com a transmissão do discurso alheio, é a relação ativa entre dois enunciados (VOLÓCHINOV, 2017, p. 251).

Este fenômeno, segundo o autor supracitado, constitui uma reação da palavra à palavra, algo que se difere do diálogo, pois:

No diálogo, as réplicas são separadas gramaticalmente e não são incorporadas em um único contexto. Pois não há formas sintáticas que constroem a unidade do diálogo. Já se o diálogo estiver incluído no contexto aural, temos diante de nós um caso de discurso direto, isto é, de uma das formas do fenômeno em questão (VOLÓCHINOV, 2017, p.251).

Ademais, Volóchinov (2017) pontua que também há diferenças entre a percepção ativa do discurso alheio e sua transmissão em um contexto coerente. Isso, porque a transmissão, diferentemente da percepção ativa, atua em situações específicas, por exemplo, em uma polêmica científica. Além disso, a transmissão é direcionada a um terceiro, isto é, a quem são transmitidas as palavras alheias, o que “acentua a influência das forças sociais organizadas sobre a percepção do discurso” (VOLÓCHINOV, 2017, p. 252), uma vez que este vem permeado por posicionamentos axiológicos pertencentes não só ao produtor do enunciado, mas também daquele que primeiro o produziu.

Ao se abordar a questão das forças sociais, faz-se necessário pontuar que a forma como a palavra de outrem é apropriada e utilizada pelo sujeito que produz o enunciado também está ligada ao contexto sócio-histórico vivido. Isso, porque:

A língua não reflete oscilações subjetivo-psicológicas, mas inter-relações sociais estáveis dos falantes. Em diferentes línguas, em diferentes épocas, em diferentes

grupos sociais, em contextos que variam conforme os objetivos, predomina ora uma, ora outra forma, umas ou outras modificações dessas formas. Tudo isso revela a fraqueza ou a força das tendências sociais da mútua orientação social dos falantes, das quais as formas são estratificações estáveis e seculares. Se em determinadas condições uma forma é pouco apreciada [...] isso indica que as tendências predominantes de compreensão e avaliação do enunciado alheio encontram dificuldades para se expressar nessa forma que não lhes dá liberdade e as inibe. (VOLÓCHINOV, 2017, P. 253-254)

Nota-se como as forças sociais, que influenciam, por exemplo, na manutenção e na atualização dos gêneros do discurso, atuam no processo de valorização das diferentes formas de se assimilar a palavra do outro.

Diz, Volóchinov (2017), que o discurso de outrem e o contexto em que aquele aparece são membros de uma relação dinâmica, a qual, por sua vez, reflete como se orientam, verbal e ideologicamente, os participantes na comunicação. O autor aponta duas diferentes tendências constitutivas dessa dinâmica: a de preservação da alteridade e da autenticidade das palavras de outrem e a de diluição das fronteiras entre o discurso do eu e o discurso do outro.

Na primeira tendência apontada, ou seja, quando há a manutenção da alteridade do discurso alheio – o que remete especialmente ao discurso direto –, a língua pode criar limites para este, que se apresenta como “[...] um fenômeno de tipo especial: é uma espécie de alternância dos sujeitos do discurso transferida para o interior do enunciado” (BAKHTIN, 2003a, p. 298-299). Assim, “ao protegê-los da penetração das entonações autorais, os modelos e suas modificações seguem uma estratificação mais rígida e clara do discurso alheio, tendendo à sua síntese e ao desenvolvimento de suas particularidades linguísticas” (VOLÓCHINOV, 2017, p. 255). Observamos, ainda, que o discurso alheio é compreendido em diferentes níveis por diferentes grupos, uma vez que, por estar distante de seu contexto original e por apresentar-se como “uma posição semântica indivisível do falante”, torna-se despersonalizado.

No que tange à tendência de preservação das fronteiras com a palavra de outrem, ainda se faz necessário identificar o grau de autoridade, a confiança ideológica e o dogmatismo trazidos pela palavra do outro. Isso, porque:

À medida que o dogmatismo da palavra aumenta e a percepção compreensiva e avaliativa deixa de admitir matizes entre a verdade e a mentira, entre o bem e o mal, as formas de transmissão do discurso alheio se despersonalizam. Pois, quando há uma polarização bruta e extrema entre as avaliações sociais, não há lugar para um tratamento positivo e atento a todos os aspectos individualizantes do enunciado alheio (VOLÓCHINOV, 2017, p. 256-257)

Dessa forma, observa-se que, quanto maior o autoritarismo das palavras de outrem, menos julgamentos autorais acerca de suas asserções serão possíveis e mais aceitar-se-á aquilo que é dito pelo outro como algo verdadeiro e crível.

A segunda tendência apontada, por sua vez, caminha em um sentido oposto ao que já foi apresentado. Isso, porque, linguisticamente, as fronteiras entre os discursos alheio e autoral são reduzidas e, por vezes, até mesmo apagadas, já que “a língua elabora um meio de introdução mais sutil e flexível da resposta e do comentário autoral ao discurso alheio” (VOLÓCHINOV, 2017, p.258). Nesse contexto, Volóchinov (2017) aponta que essa tendência apresenta-se de muitas formas diferentes, variando desde o enfraquecimento das fronteiras a partir da própria voz autoral – através de entonações, sentimentos, ironias, desprezo e afins – até o fortalecimento do discurso alheio em detrimento do contexto autoral, o que faz com que este seja dissolvido. Estes se fazem comumente conhecidos como discurso indireto e discurso indireto livre.

Além disso, nesta segunda tendência, o dogmatismo e a autoridade trazidos pelo discurso alheio são radicalmente enfraquecidos, já que, independentemente da forma que assuma, é certo que ocorre uma análise, isto é, uma percepção ativa, do discurso alheio nesta modalidade de discurso – o indireto (VOLÓCHINOV, 2017, p.268-269). Assim, “o discurso indireto ‘ouve’ diferentemente o enunciado, percebendo-o ativamente e atualizando, na sua transmissão, aspectos e tons, em comparação” com o modelo de discurso direto (VOLÓCHINOV, 2017, p.270). Por conta disso, as expressões utilizadas para dar ênfase ou para construir o enunciado são as que mais sofrem modificações na transição de discurso direto para discurso indireto, como aponta Volóchinov (2017).

Faz-se necessário, ainda, aprofundarmo-nos nas diferenciações entre o discurso indireto e o discurso indireto livre, embora este seja menos recorrente no gênero com o qual trabalhamos em seções futuras. Enquanto o discurso indireto percebe, analisa e atualiza um enunciado, o discurso indireto livre caracteriza-se como a convergência entre o discurso direto e o indireto, processo o qual representa “[...] uma tendência positiva completamente nova da percepção ativa do enunciado alheio, uma orientação específica da dinâmica da inter-relação entre o discurso autoral e o alheio” (VOLÓCHINOV, 2017, p. 295). Assim, ainda ocorre uma percepção do discurso de outrem, embora este esteja mesclado à voz autoral daquele que produz o enunciado.

Finalmente, alguns pontos devem ser levantados no que tange à escolha das formas de utilização do discurso alheio no contexto autoral. Volóchinov expõe que o principal a ser considerado é a “finalidade de orientação do contexto autoral” (VOLÓCHINOV, 2017, p.

261), o que está diretamente ligado ao gênero pelo qual se enuncia. Dessa forma, alguns gêneros não permitirão um livre manuseio da palavra de outrem, pois se exigirá que o discurso alheio seja identificável em sua forma isolada e com todo o dogmatismo que ela possa apresentar. Outros gêneros, por sua vez, lidarão com as palavras de outrem de forma mais maleável, impregnando-as com maior ou menor relevância de acordo com o contexto em que serão inseridas. Ademais, “é necessário considerar sempre a hierarquia social da palavra alheia que está sendo transmitida” (VOLÓCHINOV, 2017, p. 262), pois quanto maior for a posição hierárquica daquela, mais desejar-se-á manter as fronteiras entre o contexto autoral – que comenta e responde – e o discurso do outro.

Assim, observa-se que, assim como o contexto discursivo de comunicação, os enunciados e suas formas de apresentação estão diretamente ligados ao contexto sócio-histórico no qual estão inseridos. Este mesmo contexto, unindo-se a questões de hierarquização, finalidade e gênero pelo qual o enunciado se apresenta, acaba por influenciar nas formas de manipulação, ou não, das palavras de outrem.

3. Problematizando a redação argumentativa escolar como um “texto de vestibular”

3.1 O vestibular como processo seletivo e as exigências para a elaboração da redação argumentativa escolar da FUVEST

Antes de nos direcionarmos ao vestibular escolhido para exame e às suas características, apresentamos um breve panorama acerca da educação superior no Brasil.

As primeiras universidades brasileiras nascem com a vinda da Família Real para o país, em 1808. Porém, apesar de o surgimento da educação superior brasileira datar o século XIX, o vestibular aparece apenas no século XX, em 1911, quando aqueles interessados em realizar um curso superior deveriam ser aprovados por um “exame” do Estado, já que “o crescimento demográfico, com o processo de urbanização e industrialização provocaram maior aspiração por educação. [Assim,] com a expansão do sistema escolar, a pressão social sobre o vestibular se tornou cada vez maior.” (CARVALHO, 2012, p.2)

A nomenclatura “vestibular” surge apenas em 1915 e mesmo com o nascimento deste “vestibular incipiente” – uma vez que a classificação era feita com a apresentação de um certificado que comprovasse a aprovação em todas as matérias componentes do currículo do Colégio Pedro II ou que a ele se equiparavam – até quase a década de 20 não havia obrigatoriedade na realização da prova, sendo considerados ainda os “exames preparatórios” realizados ao fim do Ensino Médio (GUIMARÃES, 1984, p.11-12). É importante ressaltarmos que a estrutura do vestibular “como a conhecemos hoje, obrigatório para todos os que querem ingresso no curso superior, só começou a vigorar, de fato, quando o número de candidatos ultrapassou o número de vagas” (GUIMARÃES, 1984, p.12). A redação, por sua vez, aparece, por meio do Decreto nº 79.298, de Fevereiro de 1977, após o MEC receber críticas devido às “notórias deficiências que os ingressantes apresentavam no que respeita à capacidade de expressarem-se por escrito de forma organizada, correta e clara”. (RIBEIRO NETTO, 1985, p. 45). Assim, defende Ribeiro Netto (1985, p. 45) que “tais deficiências, numa análise apressada e, porque não dizer, até preconceituosa, começaram a ser atribuídas ao emprego exclusivo dos testes de escolha múltipla nos vestibulares”.

Contemporaneamente, os grandes vestibulares, como aqueles realizados para o ingresso para as universidades do estado de São Paulo, Rio de Janeiro, do Distrito Federal, entre outras, juntamente com o ENEM – Exame Nacional do Ensino Médio – o qual, por meio do SISU – Sistema de Seleção Unificada –, dá ao candidato a possibilidade de acesso a muitas

universidades federais do país, figuram entre os mais concorridos. Destacamos, nesse panorama, a FUVEST (Fundação Universitária para o Vestibular) “criada pela Universidade de São Paulo (USP) em 20 de abril de 1976 [...] para realizar o exame vestibular da USP, de acordo com as diretrizes estabelecidas pelo Conselho de Graduação da Universidade”³.

A partir desse breve percurso histórico, direcionamo-nos, então, às especificidades do vestibular da FUVEST. Este é composto por duas fases, sendo a primeira delas responsável por mensurar os conhecimentos gerais do candidato – por meio de questões-teste –, e a segunda – ocorrente em dois dias – responsável por identificar os conhecimentos específicos relacionados a cada carreira escolhida, e é nesta segunda fase quando o candidato deve elaborar uma redação. Esta está presente desde o ano de 1977⁴ - data da primeira edição do vestibular –, porém, apenas em 1985 (Figura 1) a Fundação Universitária para o Vestibular trouxe, na proposta, a nomenclatura “dissertação”, especificando o que era esperado do candidato. Ressaltamos que, entre 1977 e 1985, outros tipos textuais foram utilizados como forma avaliativa, a exemplo da narrativa (Figura 2). Depois de 1985, porém, o que observamos foi a tendência ao texto dissertativo (estando explícito ou não o termo “dissertação” na proposta de redação argumentativa).

³ Informação retirada de <<https://www.fuvest.br/sobre/>>

⁴ Informação retirada de <<http://acervo.estadao.com.br/noticias/acervo,veja-todas-as-redacoes-da-fuvest-desde-1-vestibular,12575,0.htm>>

Figura 1 - Proposta de redação argumentativa da FUVEST 1985

1985

REDAÇÃO

Leia o texto abaixo.

Vestibular: "Um mal necessário".
(Antônio Hélio Guerra Vieira, reitor da Universidade de São Paulo).

No Brasil, as escolas superiores adotam o mesmo princípio usado na Europa para a seleção dos candidatos: o número clausus, que fixa o total de alunos que cada curso pode receber. Mas lá a situação é diferente. As escolas superiores aplicam um exame de qualificação, que serve apenas para encaminhar o aluno a determinada escola: todos conseguem uma vaga no ensino superior, só que nem sempre nas escolas que pretendem.

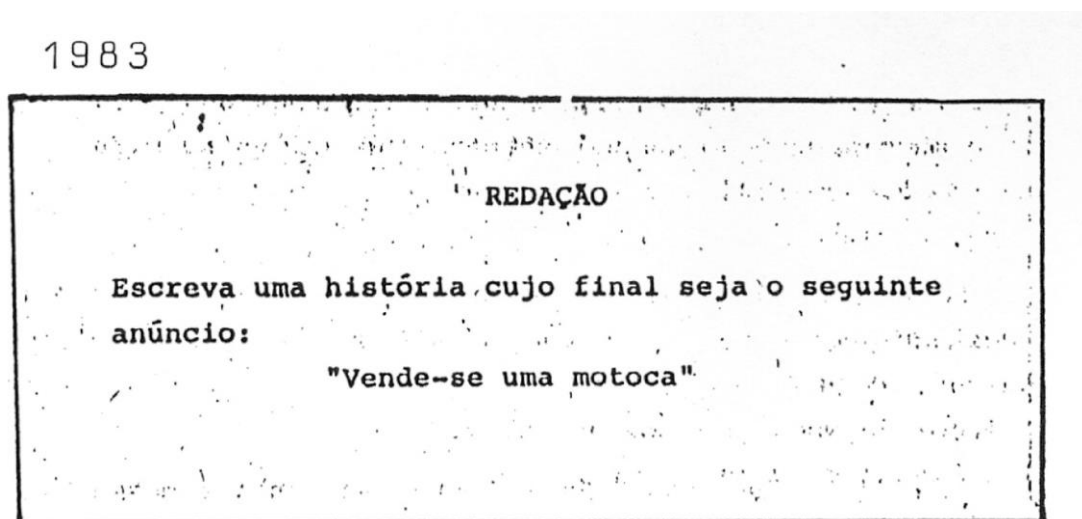
A França, por exemplo, substitui o vestibular pelo baccal aureat (bacharelado) e a Alemanha pelo abitur (habilitação). Esses exames servem de critérios para remanejar os alunos aprovados, que têm garantido um lugar no ensino superior. "Nesses países — lembra Guerra Vieira —, o Estado mantém um número de escolas superiores suficientes para atender toda a demanda." Outros, no entanto, decidiram acabar com o número clausus. Resultado: o Instituto Nacional Politécnico, no México, tem 150 mil alunos matriculados (na Escola Politécnica da USP existem apenas três mil estudantes), fato que levou a uma total degeneração do ensino superior naquele país.

(O Estado de São Paulo - 16/11/84)

Redija, em prosa, uma dissertação expondo seu ponto de vista sobre a necessidade da existência do número clausus para o ingresso nas universidades públicas brasileiras. Você deve apresentar sua posição, desenvolver sucintamente argumentos e chegar a uma conclusão compatível com a argumentação.

Fonte: <http://infograficos.estadao.com.br/public/educacao/fuvest-redacoes/img/acervo/pdf/Redacao1985.pdf>. Acesso em 09 jan. 2019

Figura 2 - Proposta de Redação FUVEST 1983



Fonte: <http://infograficos.estadao.com.br/public/educacao/fuvest-redacoes/img/acervo/pdf/Redacao1983.pdf>. Acesso em 09 jan. 2019

Com a consolidação do texto dissertativo-argumentativo como forma de avaliação, voltamo-nos ao Manual do Candidato disponibilizado pela Fundação Universitária para o Vestibular⁵. Assim, temos uma ideia dos critérios avaliados pela banca examinadora no que tange à redação. Durante os anos de 1997, 1998, 1999 e 2000, as indicações eram:

Dissertação: exposição, argumentação e conclusões a partir de tema que mobilize conhecimentos e opiniões.

Espera-se que o candidato demonstre o domínio dos recursos linguísticos necessários para a composição de textos coerentes, construídos em uma linguagem formal adequada à situação. Entre os mencionados recursos linguísticos, destacam-se:

- estrutura do texto dissertativo;
- estrutura do parágrafo e da frase
- hierarquização e correlação das informações apresentadas;
- elementos e processos de correlação entre palavras, orações e períodos;
- convenções normativas quanto a acentuação e grafia de palavras;
- vocabulário - adequação e pertinência lexical na exposição de idéias. (FUVEST, 1999, p.54)

Observamos, a partir dos elementos apresentados, que os critérios apresentados no Manual do Candidato eram bastante sucintos em relação àquilo que era esperado do candidato. Porém, a partir do Vestibular 2001, essa característica mudou e esses itens foram condensados, sendo, então, definidos três grandes critérios que abarcariam as intenções

⁵ É importante ressaltar que o site <<http://acervo.fuvest.br/fuvest/>> disponibiliza os Manuais do Candidato a partir de 1997, não sendo possível precisar quais eram os critérios estabelecidos anteriormente a esse ano.

avaliativas da banca examinadora. Estes, segundo consta no Manual do Candidato fornecido pela FUVEST, são: 1 - Tema e desenvolvimento; 2- Estrutura e; 3-Expressão.

No critério *Tema e desenvolvimento*, avalia-se se a redação de vestibular elaborada pelo candidato encontra-se dentro da temática proposta e também se ela se configura como uma dissertação em prosa. Já no segundo critério, *estrutura*, observa-se principalmente dois itens, sendo eles, a coesão e a coerência. Finalmente, a partir do último critério, *expressão*, observa-se o domínio do candidato acerca da língua formal e da fluência do discurso (FUVEST, 2000, p.62).

A partir do vestibular 2015, houve uma mudança de nomenclatura dos diferentes critérios de análise (passando a ser, respectivamente: 1- Desenvolvimento do tema e organização do texto dissertativo; 2 - Coerência dos argumentos e articulação das partes do texto e; 3 - Correção gramatical e adequação vocabular), porém, os elementos avaliados basicamente não se alteraram (FUVEST, 2014, p.39).

Antes de passarmos às análises das redações argumentativas escolares que selecionamos e as quais compõem o *corpus* desta dissertação, vamos nos ater de forma mais aprofundada no primeiro critério avaliativo, *desenvolvimento do tema e organização do texto dissertativo*, uma vez que é ele o responsável por identificar a atitude responsiva a qual o candidato deve ter em relação à proposta, estando intimamente ligado ao conteúdo temático do gênero redação argumentativa escolar. A explicação acerca daquele diz que:

Verifica-se se o texto configura-se como uma dissertação argumentativa e se atende ao tema proposto ou sugerido. Pressupõe-se, então, que o candidato demonstre a habilidade de compreender a proposta de redação e, quando esta contiver uma coletânea, que ele se revele capaz de ler e de relacionar adequadamente os textos que a integram. A paráfrase de elementos que compõem a proposta de redação não é um recurso recomendável para o desenvolvimento adequado do tema. Não se recomenda, também, que o texto produzido se configure como uma dissertação meramente expositiva, isto é, que se limite a expor dados ou informações relativos ao tema, sem que se explicita um ponto de vista devidamente sustentado por uma argumentação consistente. No que diz respeito ao desenvolvimento do tema, verifica-se, além da pertinência das informações e da efetiva progressão temática, também a capacidade crítico-argumentativa que a redação venha a revelar. (FUVEST, 2014, p.39)

Como é possível observar no excerto acima, demanda-se que o candidato seja capaz de, de acordo com o próprio Manual do Candidato, “relacionar adequadamente” – isto é, traçar e identificar os diferentes elos entre – os diferentes enunciados, tanto verbais quanto visuais, componentes do enunciado maior que se configura, para nós, como o gênero proposta de redação argumentativa da FUVEST. Assim, fica explícita a necessidade de assumir uma leitura, de fato, dialógica dos enunciados ali presente, sendo capaz de estabelecer os diferentes

elos da corrente de enunciados. Outras leituras dialógicas também são indicadas, uma vez que o candidato deve trazer “um ponto de vista devidamente sustentado por uma argumentação consistente” (FUVEST, 2014, p.39). Assim, espera-se que o candidato não só retome os elos da cadeia de enunciados construída pelos enunciados trazidos pela proposta de redação argumentativa para o vestibular, como também que seja capaz de retomar elos que construiu até o momento da realização do exame, sendo isso, algumas vezes, indicado na própria proposta.

Após essa análise, cabe a nós fazer um pequeno comentário sobre como se dá a postura responsiva do candidato no contexto do vestibular. Bakhtin afirma que “o ouvinte, ao perceber e compreender o significado (linguístico) do discurso ocupa simultaneamente em relação a ele uma ativa posição responsiva: concorda ou discorda dele (total ou parcialmente), completa-o, aplica-o, prepara-se para usá-lo, etc [...]” (BAKHTIN, 2003a, p.271). No contexto do vestibular, porém, essa atitude responsiva dá-se na produção do candidato, ou seja, na redação de vestibular que deve ser escrita.

Cabe a nós, ainda, aprofundarmo-nos na esfera de atividade educacional, direcionando-nos ao vestibular, para, assim, observarmos como dela emanam os dois gêneros, a que já fizemos menção anteriormente, ligados às questões pontuadas por este trabalho: o gênero proposta de redação argumentativa para o vestibular da FUVEST e o gênero redação argumentativa escolar.

3.2 A esfera de atividade educacional e os gêneros que nela são produzidos

Diz Bakhtin que “[...] cada campo de utilização da língua elabora seus tipos relativamente estáveis de enunciados, os quais denominamos gêneros do discurso” (BAKHTIN, 2003a, p.262). Partindo desta assertiva, procuramos, nesta seção, observar dois gêneros oriundos da esfera de circulação a qual intitulamos educacional. Acreditamos que esta abarca em si os exames de vestibular, sendo, estes, capazes de elaborar seus próprios gêneros de acordo com sua função e existência. Em nossa empreitada, utilizamos as duas propostas e algumas das redações argumentativas que compõem nosso *corpus*. É importante ressaltarmos que esse *corpus* será retomado na seção 4, porém não mais com o objetivo de discutirmos proposta de redação argumentativa escolar e redação argumentativa escolar como gêneros do discurso, mas sim como material de análise para aquilo que se configura como objetivo de nosso trabalho (também apontados na seção 4).

3.2.1 O gênero proposta de redação argumentativa para o vestibular

Para alcançar nossos objetivos, optamos por trabalhar com um *corpus* composto por textos produzidos para o vestibular FUVEST 2012 e da FUVEST 2013. Sob o viés bakhtiniano, consideramos, aqui, que esses textos constituem-se como pertencentes a um determinado gênero do discurso, isto é, eles se mostram como um tipo relativamente estável de enunciado, apresentando regularidades e inovações. Nesse sentido, optamos por classificar essas produções textuais como sendo pertencentes ao gênero redação argumentativa escolar. Por redação, entendemos um texto verbal coeso e coerente requerido por uma voz examinadora. Porém, essa voz ainda traz algumas exigências, sendo cobrado, do candidato, que o texto seja dissertativo-argumentativo, assim, apenas uma exposição de fatos relacionados ao tema proposto; essa exposição deve ser debatida, analisada, discutida, ou seja, deve-se argumentar sobre aquilo que se apresenta. Podemos observar isso nas diretrizes apontadas no edital elaborado pela Fundação Universitária para o Vestibular (FUVEST) quanto ao que será considerado na avaliação da redação produzida pelo candidato:

Verifica-se se o texto configura-se como uma dissertação argumentativa e se atende ao tema proposto ou sugerido [...] Não se recomenda, também, que o texto produzido se configure como uma dissertação meramente expositiva, isto é, que se limite a expor dados ou informações relativos ao tema, sem que se explicita um ponto de vista devidamente sustentado por uma argumentação consistente. (FUVEST, 2014, p.39)

Finalmente, classificamos como sendo um gênero do âmbito escolar, pois a prática da redação dissertativo-argumentativa também está presente nas escolas básicas do país, sendo utilizado a partir da defesa de um ponto de vista, a respeito de um tema proposto pelo professor (COSTA, 2009, p. 93). Além disso, a importância dada a este gênero, o qual, em muitas escolas, tornou-se o foco das aulas de redação e dos materiais didáticos, tendo, por vezes, predileção quanto à forma avaliativa escolhida, ocorre, porque isso é obrigatório por lei, permeando a maioria das indicações dos Parâmetros Curriculares Nacionais para o Ensino Médio (PCNEM):

[...] Na produção, entretanto, é preciso que o aluno mobilize uma série de recursos, também relacionados às suas competências interativa e gramatical:

- utilizar relações várias, de acordo com seu projeto textual – tese e argumentos; causa e consequência; fato ou opinião; anterioridade e posterioridade; problema ou solução; conflito e resolução; definição ou exemplo; tópico e divisão; comparação; oposição; progressão argumentativa;
- quanto ao texto dissertativo (expositivo ou argumentativo), relacionar adequadamente a seleção e a ordenação dos argumentos com a tese;

- quanto ao texto argumentativo, identificar o interlocutor e o assunto sobre o qual se posiciona para estabelecer interlocução; • considerando as condições de produção, utilizar diferentes recursos resultantes de operações lingüísticas – escolha, ordenação, expansão, transformação, encaixamento, inversão, apagamento. (BRASIL, 2006, p.80)

Tendo isso em vista, procuramos, nesta seção, mostrar, a partir da análise de duas propostas de redação argumentativa escolar do vestibular da FUVEST, por que elas se configuram como um gênero próprio. Trabalhamos com as duas propostas do *corpus*, sendo, elas, a da FUVEST 2012 e a da FUVEST 2013. A escolha deste *corpus* ocorreu após um período de estudo de diferentes propostas do vestibular mencionado anteriormente. Visamos, em nossos estudos prévios, identificar quais delas mais se aproximariam da singularidade e aquelas que mais tenderiam à estabilidade, selecionando uma representante para cada tendência, para, a partir delas, podermos analisar como se constitui o gênero o qual apresentamos aqui.

Figura 3 – Proposta de redação argumentativa da FUVEST 2012

REDAÇÃO

Texto 1

A ciência mais imperativa e predominante sobre tudo é a ciência política, pois esta determina quais são as demais ciências que devem ser estudadas na pólis. Nessa medida, a ciência política inclui a finalidade das demais, e, então, essa finalidade deve ser o bem do homem.

Aristóteles. Adaptado.

Texto 2

O termo “idiota” aparece em comentários indignados, cada vez mais frequentes no Brasil, como “política é coisa de idiota”. O que podemos constatar é que acabou se invertendo o conceito original de idiota, pois a palavra *idiôtes*, em grego, significa aquele que só vive a vida privada, que recusa a política, que diz não à política.

Talvez devêssemos retomar esse conceito de idiota como aquele que vive fechado dentro de si e só se interessa pela vida no âmbito pessoal. Sua expressão generalizada é: “Não me meto em política”.

M. S. Cortella e R. J. Ribeiro,
Política – para não ser idiota. Adaptado.

Texto 3

FILHOS DA ÉPOCA

Somos filhos da época
e a época é política.

Todas as tuas, nossas, vossas coisas
diurnas e noturnas,
são coisas políticas.

Querendo ou não querendo,
teus genes têm um passado político,
tua pele, um matiz político,
teus olhos, um aspecto político.

O que você diz tem ressonância,
o que silencia tem um eco
de um jeito ou de outro, político.

(...)

Wisława Szymborska, Poemas.

Texto 4

As instituições políticas vigentes (por exemplo, partidos políticos, parlamentos, governos) vivem hoje um processo de abandono ou diminuição do seu papel de criadoras de agenda de questões e opções relevantes e, também, do seu papel de propositoras de doutrinas. O que não significa que se amplia a liberdade de opção individual. Significa apenas que essas funções estão sendo decididamente transferidas das instituições políticas (isto é, eleitas e, em princípio, controladas) para forças essencialmente não políticas — primordialmente as do mercado financeiro e do consumo. A agenda de opções mais importantes dificilmente pode ser construída politicamente nas atuais condições. Assim esvaziada, a política perde interesse.

Zygmunt Bauman. Em busca da política. Adaptado.

Texto 5



Folha de S. Paulo. 05/10/2011.

Os textos aqui reproduzidos falam de política, seja para enfatizar sua necessidade, seja para indicar suas limitações e impasses no mundo atual. Reflita sobre esses textos e redija uma dissertação em prosa, na qual você discuta as ideias neles apresentadas, argumentando de modo a deixar claro o seu ponto de vista sobre o tema **Participação política: indispensável ou superada?**

Instruções:

- A redação deve obedecer à norma padrão da língua portuguesa.
- Escreva, no mínimo, 20 e, no máximo, 30 linhas, com letra legível.
- Dê um título a sua redação.

Fonte: <http://brasilecola.uol.com.br/upload/conteudo/images/reda%C3%A7%C3%A3o%20funes%202012.jpg>. Acesso em 17 out. 2017

Observando a proposta de redação do vestibular FUVEST 2012, podemos considerar que ela é um grande enunciado – composto por enunciados menores – dividido em três diferentes seções. A primeira delas, logo abaixo do enunciado “Redação”, é composta por quatro enunciados verbais e por um enunciado verbo-visual. A segunda seção, por sua vez,

intitulada por nós como *comando*, e localizada imediatamente após o enunciado verbo-visual, traz apenas enunciados verbais de caráter instrutivo, isto é, mostra-se a voz da banca examinadora buscando delimitar o recorte temático bem como o gênero textual a ser utilizado. A terceira seção, introduzida pelo enunciado “Instruções”, aponta diretrizes coercitivas em relação a questões estruturais, neste caso, modalidade da língua portuguesa a ser utilizada, número de linhas e a obrigatoriedade de um título.

Na primeira seção, designada pelo uso do termo “Redação”, temos um conjunto de enunciados retirados de diferentes fontes. Há, inicialmente, um excerto, sem fonte e adaptado, pertencente à esfera de atividade filosófica, mas que também transita entre outras esferas, em especial a sociopolítica. Trata-se das palavras de Aristóteles acerca da finalidade e da importância da ciência política. Em diálogo, há, ainda, outro excerto, também adaptado e oriundo da esfera sociopolítica, porém, desta vez, com a fonte: trata-se de um trecho de *Política – para não ser idiota*. Nele, Mario Sergio Cortella e Renato Janine Ribeiro discutem o conceito de *idiotae* sua origem na Grécia Antiga, assim, estabelece-se não só um diálogo com as palavras de Aristóteles acerca da política, mas também com a época em que este desenvolveu suas filosofias. O terceiro excerto, por sua vez, dialoga com os anteriores ao abordar a temática da política e sobre como ela se faz presente na vida das pessoas. Desta vez, porém, é apresentado um poema, o qual tem maior destaque na esfera literária de atividade humana. Ainda há um quarto enunciado de materialidade apenas verbal. Este, também adaptado, traz as palavras de um sociólogo contemporâneo, Zygmunt Bauman. Ele problematiza a questão da representatividade política contemporânea, recuperando elos da cadeia discursiva que remontam a importância da política através dos tempos, sendo uma discussão que vem desde a Grécia Antiga, com Platão, até a contemporaneidade. Finalmente, há um enunciado verbo-visual conhecido como o gênero do discurso “tirinha de jornal”. Nela, mais uma vez, há uma crítica, em diálogo ao excerto das palavras de Bauman, à falta de engajamento político, por meio do humor. Assim, observa-se que todos os cinco enunciados que compõem o material de apoio para que o candidato redija sua redação argumentativa escolar de vestibular estão ligados por elos da cadeia discursiva, brevemente apontados na seção *comando*, independentemente do gênero em que se apresentam.

Além disso, é importante observarmos que, na primeira seção da proposta de redação argumentativa para o vestibular da FUVEST 2012, apesar de a maioria dos enunciados trazidos serem adaptados (conforme está apresentado ao final de cada excerto), ainda ocorre o que Volóchinov (2017) nomeia como uma tendência à manutenção das fronteiras com o do discurso do outro – prevalecendo clara a voz do outro que, neste caso, é uma autoridade sobre

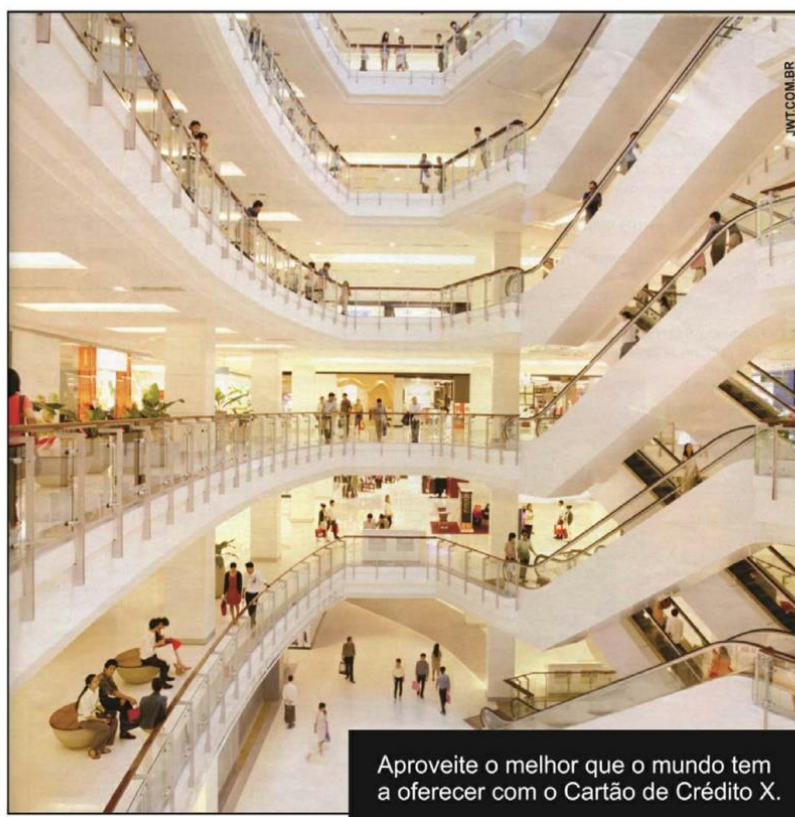
o assunto. Ou seja, embora a linguagem possa ter sido adaptada ao público que realiza o exame, mantêm-se as ideias trazidas por uma voz de autoridade sobre a temática discutida.

Na segunda seção, podemos ver enunciados verbais que trazem a voz da banca examinadora – diferente do que ocorre na primeira seção, na qual se localizam as vozes de autoridade sobre o tema -, apresentados em pequenos excertos e responsáveis por direcionar a atitude responsiva do candidato, no que tange ao conteúdo temático. Ressaltamos que, nessa proposta, há uma temática explícita, denotando, assim, um possível indício da relativa instabilidade do gênero aqui designado como proposta de redação argumentativa para o vestibular, já que não se faz uma constante a presença de uma materialidade verbal designando o tema. Cabe, então, ao candidato, retomar os elos da cadeia discursiva estabelecida com os enunciados-base a partir de um tema explicitamente apresentado, para poder elaborar sua redação argumentativa escolar para o vestibular.

A terceira seção, por sua vez, denominada *Instruções*, também traz a voz do examinador, porém, novamente, relacionada ao plano estrutural do gênero a ser redigido, isto é, têm-se indicações coercitivas acerca da forma que a atitude responsiva do candidato deve assumir ao ser escrita. Neste contexto, retomando a questão da relativa estabilidade dos gêneros destacadas pelo Círculo de Bakhtin, a segunda e a terceira seções representam a tendência à manutenção das características do gênero presente naquela que será a atitude responsiva do candidato no que tange a questões estruturais, já que ela apresenta as normas para a elaboração da redação argumentativa de vestibular a ser elaborada.

Figura 4 – Proposta de Redação Argumentativa da FUVEST 2013

REDAÇÃO



Esta é a reprodução (aqui, sem as marcas normais dos anunciantes, que foram substituídas por X) de um anúncio publicitário real, colhido em uma revista, publicada no ano de 2012.

Como toda mensagem, esse anúncio, formado pela relação entre imagem e texto, carrega pressupostos e implicações: se o observarmos bem, veremos que ele expressa uma determinada mentalidade, projeta uma dada visão de mundo, manifesta uma certa escolha de valores e assim por diante.

Redija uma dissertação em prosa, na qual você interprete e discuta a mensagem contida nesse anúncio, considerando os aspectos mencionados no parágrafo anterior e, se quiser, também outros aspectos que julgue relevantes. Procure argumentar de modo a deixar claro seu ponto de vista sobre o assunto.

Instruções:

- A redação deve obedecer à norma-padrão da língua portuguesa.
- Escreva, no mínimo, 20 e, no máximo, 30 linhas, com letra legível.
- Dê um título a sua redação.

Fonte: <http://infograficos.estadao.com.br/public/educacao/fuvest-redacoes/img/acervo/pdf/Redacao2013.pdf>. Acesso em 17 out. 2017

Observando a proposta de redação do vestibular FUVEST 2013, podemos considerar que ela também é um grande enunciado – composto por enunciados menores – dividido em três diferentes seções. A primeira delas está localizada logo após o enunciado “Redação” e é composta por um enunciado maior, pertencente ao gênero do discurso anúncio publicitário, que conjuga o verbal e o visual. A segunda seção, o *comando*, localiza-se entre o enunciado verbo-visual e a terceira seção e traz a voz da banca examinadora quanto a quais elos da

cadeia discursiva deverão ser retomados, bem como o gênero textual que o candidato deve produzir. Finalmente, a seção intitulada “Instruções” traz apenas enunciados verbais de caráter coercitivo, principalmente no que tange a questões estruturais.

Na primeira seção, tem-se um enunciado maior composto por um enunciado verbo-visual e por enunciado visual que remete a um *shopping center*: há clareza, corredores espaçados e pessoas ora ocupando os lugares a elas disponíveis ora em movimento, com ou sem sacolas, mostrando um plano geral do ambiente direcionado às compras. Dentre as memórias que o enunciado pode suscitar, há um forte remeter à questão do consumo, reforçada pelo enunciado verbo-visual trazido no rodapé da imagem. Consideramos aqui o enunciado “Aproveite o melhor que o mundo tem a oferecer com o Cartão de Crédito X” como uma materialidade verbo-visual, por ele se encontrar colocado à parte dos demais enunciados verbais, sendo destacado em um pequeno quadro de fundo preto. Ressaltamos que este anúncio traz uma voz de autoridade sobre a temática implícita na proposta de redação argumentativa. Abaixo deste, no *comando*, temos um novo enunciado verbal, integrante do enunciado maior que é a proposta, apresentado em pequenos excertos, responsável por direcionar a atitude responsiva do candidato, no que tange ao conteúdo temático (outro componente dos enunciados). São nestes enunciados que encontramos explicitamente a voz do examinador, como se observa no excerto “[...] se o observarmos bem [o anúncio], veremos que ele expressa uma determinada mentalidade, projeta uma dada visão de mundo, manifesta uma escolha de valores [...]”. Têm-se, a partir desse trecho, indicativos sobre qual elo da cadeia discursiva o candidato terá que recuperar ao dialogar com a materialidade verbo-visual anteriormente apresentada. Finalmente, o último enunciado encaminha-se para uma coerção temática-estrutural acerca do que o candidato terá de realizar, visível principalmente em marcas linguísticas como a utilização dos verbos no modo imperativos, como “redija”, “discuta”, “procura argumentar” e “deixe claro o seu ponto de vista”.

Ressalta-se que, na proposta apresentada, não há uma temática tão explícita como a da primeira proposta, a qual traz, em destaque, o que poderia ser considerado a definição temática exata, cabendo, ao candidato, o papel de retomar os elos da cadeia discursiva que englobam os diferentes enunciados e suas possíveis concordâncias.

A segunda e terceira seções, por sua vez, podem ser caracterizadas como uma representação ainda mais forte das forças responsáveis pela estabilidade na produção do candidato. São elas quem majoritariamente ditam as normas estruturais para a elaboração da redação de vestibular que o candidato, assumindo uma atitude responsiva em relação ao material que lhe é fornecido, deverá apresentar.

A partir das análises feitas, podemos retomar a hipótese da proposta de redação argumentativa como um gênero do discurso pertencente à categoria dos gêneros secundários. Com base nisso, observamos, inicialmente, a atuação de elementos que se constituem como representantes de uma tendência à estabilidade, à manutenção. Primeiramente, ambas as propostas escolhidas são divididas em partes – sendo que uma delas traz enunciados verbais ou visuais e direciona a abordagem do tema, enquanto as outras duas trazem indicações coercitivas acerca de elementos temáticos e estruturais que deverão compor a redação que o candidato fará. Ademais, nota-se, nas propostas analisadas, a apresentação de vozes de autoridade, seja acerca da discussão trazida seja com o intuito de apresentar direcionamento temático para que o candidato possa elaborar sua redação, tendo, esta última função, a voz de autoridade da banca examinadora.

Já como tendência a atualização do gênero, o grande destaque é para as diferentes materialidades apresentadas pelos enunciados que compõem o enunciado maior que é a proposta de redação argumentativa. Isso porque nota-se que ora aparecem apenas enunciados de materialidade verbal ora esses aparecem em conjunto com outras materialidades – sejam elas somente verbais ou também verbo-visuais. Ainda pode-se observar que, embora haja uma tendência à centralização, ao trazer uma voz de autoridade, este quesito conecta-se também a uma tendência de descentralização, já que a voz de autoridade pode ser composta apenas pela voz do examinador ou também por autoridades além dele. Nesta segunda tendência, como ocorre na segunda proposta analisada, a voz do examinador, apesar de responsável pela organização das demais vozes que compõem o enunciado proposta de redação argumentativa, ganha pouco destaque, já que apenas direciona as questões relacionadas à temática apresentada. Finalmente, pode-se dizer que a parte da proposta de redação argumentativa direcionada a indicar os elos da cadeia discursiva que o candidato deverá recuperar para que elabore a sua redação é aquela em que mais se vê a tendência a atualização do gênero.

É importante ressaltarmos que as características por nós apontadas nas propostas de redação argumentativa da FUVEST também são observadas em outros vestibulares que cobram do aluno o conhecimento deste mesmo gênero, corroborando com a nossa proposição de que a proposta de redação argumentativa pode ser compreendida como um gênero do discurso a partir dos critérios definidos e identificados pelo Círculo de Bakhtin. Neste contexto, o trabalho de Soares (2014) vai ao encontro de nossas proposições, uma vez que a pesquisadora aponta como a proposta de redação do Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM) pode ser considerada como um gênero do discurso sob a ótica bakhtiniana.

Figura 5 – Proposta de Redação Argumentativa da ENEM 2017

enem2017

* 5 A D 2 7 5 A R 1 9 *

INSTRUÇÕES PARA A REDAÇÃO

- O rascunho da redação deve ser feito no espaço apropriado.
- O texto definitivo deve ser escrito à tinta, na folha própria, em até 30 linhas.
- A redação que apresentar cópia dos textos da Proposta de Redação ou do Caderno de Questões terá o número de linhas copiadas desconsiderado para efeito de correção.

Receberá nota zero, em qualquer das situações expressas a seguir, a redação que:

- desrespeitar os direitos humanos.
- tiver até 7 (sete) linhas escritas, sendo considerada "texto insuficiente".
- fugir ao tema ou que não atender ao tipo dissertativo-argumentativo.
- apresentar parte do texto deliberadamente desconectada do tema proposto.

TEXTOS MOTIVADORES

TEXTO I

**CAPÍTULO IV
DO DIREITO À EDUCAÇÃO**

Art. 27. A educação constitui direito da pessoa com deficiência, assegurados sistema educacional inclusivo em todos os níveis e aprendizado ao longo de toda a vida, de forma a alcançar o máximo desenvolvimento possível de seus talentos e habilidades físicas, sensoriais, intelectuais e sociais, segundo suas características, interesses e necessidades de aprendizagem.

Parágrafo único. É dever do Estado, da família, da comunidade escolar e da sociedade assegurar educação de qualidade à pessoa com deficiência, colocando-a a salvo de toda forma de violência, negligência e discriminação.

Art. 28. Incumbe ao poder público assegurar, criar, desenvolver, implementar, incentivar, acompanhar e avaliar: [...]

IV - oferta de educação bilíngue, em Libras como primeira língua e na modalidade escrita da língua portuguesa como segunda língua, em escolas e classes bilíngues e em escolas inclusivas; [...]

XII - oferta de ensino da Libras, do Sistema Braille e de uso de recursos de tecnologia assistiva, de forma a ampliar habilidades funcionais dos estudantes, promovendo sua autonomia e participação.

BRASIL. Lei nº 13.146, de 6 de julho de 2015. Disponível em: www.planalto.gov.br. Acesso em: 9 jun. 2017 (fragmento).

TEXTO II

Matrículas de Surdos na Educação Básica - Educação Especial

Ano	Classes comuns (alunos incluídos) (em milhares)	Classes especiais/escolas exclusivas (em milhares)
2011	25	10
2012	28	9
2013	25	8
2014	24	7
2015	22	6
2016	21	5

Fonte: Inep.

TEXTO III

Disponível em: <http://servicos.pr4.mpt.mp.br>. Acesso em: 3 jun. 2017 (adaptado).

TEXTO IV

No Brasil, os surdos só começaram a ter acesso à educação durante o Império, no governo de Dom Pedro II, que criou a primeira escola de educação de meninos surdos, em 26 de setembro de 1857, na antiga capital do País, o Rio de Janeiro. Hoje, no lugar da escola funciona o Instituto Nacional de Educação de Surdos (Ines). Por isso, a data foi escolhida como Dia do Surdo.

Contudo, foi somente em 2002, por meio da sanção da Lei nº 10.436, que a Língua Brasileira de Sinais (Libras) foi reconhecida como segunda língua oficial no País. A legislação determinou também que devem ser garantidas, por parte do poder público em geral e empresas concessionárias de serviços públicos, formas institucionalizadas de apoiar o uso e difusão da Libras como meio de comunicação objetiva.

Disponível em: www.brasil.gov.br. Acesso em: 9 jun. 2017 (adaptado).

PROPOSTA DE REDAÇÃO

A partir da leitura dos textos motivadores e com base nos conhecimentos construídos ao longo de sua formação, redija texto dissertativo-argumentativo em modalidade escrita formal da língua portuguesa sobre o tema "Desafios para a formação educacional de surdos no Brasil", apresentando proposta de intervenção que respeite os direitos humanos. Selecione, organize e relacione, de forma coerente e coesa, argumentos e fatos para defesa de seu ponto de vista.

LC - 1º dia | Caderno 2 - AMARELO - Página 19

Fonte: <https://g1.globo.com/educacao/enem/2017/noticia/tema-da-redacao-do-enem-2017-fala-sobre-a-educacao-de-surdos-no-brasil.ghtml>. Acesso em 07 jan. 2019

Embora organizadas de forma diferente, observamos que, na proposta de redação argumentativa do ENEM – Exame Nacional do Ensino Médio –, encontramos as três diferentes partes que compõe o gênero com o qual estamos trabalhando, desta vez separadas, inclusive visualmente, por meio de barras horizontais. Primeiramente, na seção indicada por

“Instruções para a redação”, temos a parte responsável pela coerção estrutural do gênero a ser escrito pelos candidatos, isto é, temos as regras estruturais que devem ser seguidas. Na sequência, temos os enunciados menores componentes da proposta, responsáveis por indicar ao candidato os elos que deverão ser retomados em sua produção textual e mantendo a tendência que esta seção tem em ser aquela que representa as forças de atualização do gênero, uma vez que vemos nela presença de diferentes tipos de enunciados – verbais, visuais e verbo-visuais. Em especial, na proposta do ENEM 2018, vemos quatro diferentes excertos. O “Texto I” nasce na esfera de atividade jurídica, já que se configura como uma transcrição de trechos da Constituição, neste caso, referente à educação de pessoas com deficiências. O “Texto II”, por sua vez trata-se de um enunciado verbo-visual, do gênero gráfico, o qual traz informações sobre a presença dos surdos nas educações básica e especial. Por sua vez, o “Texto III”, também um enunciado verbo-visual, porém pertencente ao gênero anúncio publicitário, o qual propaga a ideia da inclusão de deficientes no mercado de trabalho. Finalmente, o “Texto IV” traz um pequeno histórico sobre a educação inclusiva no Brasil, sendo, este, oriundo do próprio site sob comando do governo federal brasileiro. Enfim temos o *comando* trazendo as últimas indicações estruturais e principalmente temáticas da banca examinadora em relação àquilo que o candidato deve cumprir.

Figura 6 – Proposta de Redação Argumentativa da UNESP 2018



REDAÇÃO

TEXTO 1

Um levantamento do Instituto Datafolha divulgado em maio de 2014 apontou que 61% dos eleitores são contrários ao voto obrigatório. O voto obrigatório é previsto na Constituição Federal – a participação é facultativa apenas para analfabetos, idosos com mais de 70 anos de idade e jovens com 16 e 17 anos.

Para analistas, permitir que o eleitor decida se quer ou não votar é um risco para o sistema eleitoral brasileiro. A obrigatoriedade, argumentam, ainda é necessária devido ao cenário crítico de compra e venda de votos e à formação política deficiente de boa parte da população.

"Nossa democracia é extremamente jovem e foi pouco testada. O voto facultativo seria o ideal, porque o eleitor poderia expressar sua real vontade, mas ainda não é hora de ele ser implantado", diz Danilo Barboza, membro do Movimento Voto Consciente.

O sociólogo Eurico Cursino, da Universidade de Brasília (UnB), avalia que o dever de participar das eleições é uma prática pedagógica. Ele argumenta que essa é uma forma de canalizar conflitos graves ligados às desigualdades sociais no país. "A democracia só se aprende na prática. Tornar o voto facultativo é como permitir à criança decidir se quer ir ou não à escola", afirma.

Já para os defensores do voto não obrigatório, participar das eleições é um direito e não um dever. O voto facultativo, dizem, melhora a qualidade do pleito, que passa a contar majoritariamente com eleitores conscientes. E incentiva os partidos a promover programas eleitorais educativos sobre a importância do voto.

(Karina Gomes. "O voto deveria ser facultativo no Brasil?". www.cartacapital.com.br, 25.08.2014. Adaptado.)

TEXTO 2

Há muito tempo se discute a possibilidade de instauração do voto facultativo no Brasil. Mas são diversos os fatores que travam a discussão.

Atualmente, é a Lei nº 4737/1965 que determina o voto como obrigatório no Brasil, além dos dispositivos e penas a quem não comparece ao pleito. Com a imposição, o país segue na tendência contrária ao resto do mundo. Estudo divulgado pela CIA, que detalha o tipo de voto em mais de 230 países no mundo, mostra que o Brasil é um dos (apenas) 21 que ainda mantém a obrigatoriedade de comparecer às urnas.

Para Rodolfo Teixeira, cientista político e professor da Universidade de Brasília (UnB), a atual descrença na classe política pode levar a uma grave deserção do brasileiro do processo eleitoral. O jurista Alberto Rollo, especialista em Direito Eleitoral e membro da comissão de reforma política da OAB de São Paulo, concorda e acredita que o eleitor brasileiro ainda é "deficitário" do ponto de vista de educação política, sem ser maduro o suficiente para entender a importância do voto: "Se [o voto facultativo] fosse implementado hoje, mais da metade dos eleitores não votaria. Isso é desastroso", afirma.

O cientista político e professor da FGV-Rio Carlos Pereira pensa diferente. O especialista acredita que as sete eleições presidenciais depois do fim da ditadura militar mostram que o momento democrático do Brasil está consolidado. O voto facultativo seria mais um passo a uma democracia plena.

"O argumento de que o eleitor pobre e menos escolarizado deixaria de votar parte de um pressuposto da vitimização. É uma visão muito protecionista", diz Pereira. "O eleitor mais pobre tem acesso à informação e é politizado: ele sabe quanto está custando um litro de leite, uma passagem de ônibus, se o bairro está violento, se tem desemprego na família. É totalmente plausível que ele faça um diagnóstico e decida em quem votar e se quer votar."

(Raphael Martins. "O que falta para o Brasil adotar o voto facultativo?". <http://exame.abril.com.br>, 01.08.2017. Adaptado.)

Com base nos textos apresentados e em seus próprios conhecimentos, escreva uma dissertação, empregando a norma-padrão da língua portuguesa, sobre o tema:

O VOTO DEVERIA SER FACULTATIVO NO BRASIL?

Fonte: <https://guiadoestudante.abril.com.br/universidades/unesp-2018-tema-de-redacao-e-voto-facultativo-no-brasil/>. Acesso em 08 jan. 2019

Ainda que também seja organizada de forma diferente, encontramos, embora diluídas, as três seções anteriormente apontada na proposta de redação argumentativa da UNESP.

Nesta, vemos que há um maior destaque para a parte direcionada a trazer diferentes enunciados motivadores para que o candidato possa elaborar sua redação. Apesar disso, temos apenas dois blocos de enunciados, ambos retirados do site de duas revistas de grande circulação, Carta Capital e Exame, os quais trazem justificativas contrárias e favoráveis dois posicionamentos possíveis em relação à pergunta da frase tema (“o voto deveria ser facultativo no Brasil?”) a partir de vozes de autoridade no assunto. Além disso, observamos, no enunciado “Com base nos textos apresentados e em seus próprios conhecimentos, escreva uma dissertação, empregando a norma-padrão da língua portuguesa, sobre o tema: o voto deveria ser facultativo no Brasil?”, a diluição entre a seção responsável por dar instruções estruturais coercitivas (“escreva uma dissertação”, “empregando a norma-padrão da língua portuguesa”) e o comando (“Com base nos textos apresentados e em seus próprios conhecimentos”, “sobre o tema: o voto deveria ser facultativo no Brasil?”). Ainda assim, constata-se que a estrutura da Proposta de Redação Argumentativa mantém regularidades e estabilidades características dos gêneros do discurso, corroborando com aquilo que é proposto por Bakhtin.

Retornando às nossas análises sobre a proposta de redação argumentativa da FUVEST, temos que, de acordo com Bakhtin (2003a), os gêneros do discurso são compostos por três elementos – o estilo de linguagem, a construção composicional e o conteúdo temático. Nesse sentido, propomo-nos a apontar como esses três elementos constituem-se no gênero como o qual trabalhamos aqui. Ao analisarmos a construção composicional, temos que o gênero proposta de redação argumentativa para o vestibular constitui-se como um enunciado maior composto por enunciados menores, estes que podem assumir as formas verbal, visual ou ainda verbo-visual. Esses enunciados menores apresentam três diferentes funções. A primeira delas é trazer consigo a voz de outrem sobre o conteúdo temático, objetivando fazer com que o candidato recupere memórias de enunciados pertencentes às mesmas teias discursivas quando for elaborar sua redação argumentativa escolar. Ademais, os enunciados componentes da proposta também têm como função delinear o conteúdo temático a ser debatido, uma vez que nem sempre isso se mostra explicitamente com a apresentação de uma frase-tema. Finalmente, há um conjunto de enunciados que se configuram como a voz da banca examinadora acerca de instruções temáticas e principalmente estruturais acerca daquilo que o candidato terá que produzir.

Sobre o estilo de linguagem, isto é, a “seleção dos recursos lexicais, fraseológicos e gramaticais da língua” (BAKHTIN, 2003a, p.261), temos que os enunciados menores que compõem a proposta trazem, primordialmente, a voz de outrem sobre o assunto a ser

discutido, promovendo o distanciamento da banca examinadora em relação aos valores axiológicos defendidos pelas “autoridades no assunto”. Assim, cada excerto traz marcas linguísticas das esferas em que emergem, por vezes, com construções frasais mais elaboradas e com termos mais específicos, como acontece com o excerto “Texto 4”, presente na Proposta 1 e creditado a Zygmunt Bauman. Devemos pontuar, ainda, que a voz da banca examinadora aparece majoritariamente com a função de determinar o tema e instaurar regras para a produção textual do candidato. Porém, ela ainda pode aparecer com o intuito de direcionar o candidato a recuperar determinados elos da cadeia discursiva na elaboração de sua redação argumentativa. É o que acontece com a Proposta 2:

Esta é a reprodução (aqui, sem as marcas normais dos anunciantes, que foram substituídas por X de um anúncio publicitário real, colhido em uma revista, publicada no ano de 2012. Como toda mensagem, esse anúncio, formado pela relação entre imagem e texto, carrega pressupostos e implicações: se o observarmos bem, veremos que ele expressa uma determinada mentalidade, projeta uma dada visão de mundo, manifesta uma certa escolha de valores e assim por diante.

Ademais, observamos que, em ambas as propostas, temos uma seção marcada pelo uso do tipo textual injuntivo, ou seja, aquele que busca impor, designar instruções. É o que encontramos, por exemplo, em:

Os textos aqui reproduzidos falam de política, seja para enfatizar sua necessidade, seja para indicar suas limitações e impasses no mundo atual. Reflita sobre esses textos e redija uma dissertação em prosa, na qual você discuta as ideias neles apresentadas, argumentando de modo a deixar claro o seu ponto de vista sobre o tema **Participação política: indispensável ou superada?**

E também em:

Instruções:

- A redação deve obedecer à norma padrão da língua portuguesa.
- Escreva, no mínimo, 20 e, no máximo, 30 linhas, com letra legível.
- Dê um título a sua redação.

Desse modo, por meio da materialidade linguística, denota-se a coerção tanto no plano do conteúdo quanto no plano estrutural, sobre a produção textual do candidato, já que se indica sobre o que ele deve falar e como isso deve ser feito.

No que tange ao conteúdo – o tema a ser abordado dentro do enunciado como um todo –, observamos que ambas as propostas expressam um posicionamento valorativo perante a realidade, que pode estar mais explícito – como ocorre com a Proposta 1 em que a maioria

dos enunciados componentes da proposta apontavam a necessidade da participação política – ou mais implícito – como acontece na Proposta 2, em que se afirma a existência de valores relacionados ao enunciado verbo-visual, mas cabendo ao candidato identificar quais esses valores. Também é importante ressaltarmos que esse conteúdo temático nasce a partir de problemáticas sociais, mas que remetem sempre a questões de ordens filosóficas ou sociológicas. Assim, sempre há um diálogo entre as propostas e as questões contemporâneas ao período sua elaboração.

Assim, com as discussões aqui apresentadas, espera-se que tenhamos conseguido apresentar o gênero proposta de redação argumentativa para o vestibular, a partir das discussões realizadas por Bakhtin e o Círculo para, agora, analisarmos o gênero redação argumentativa escolar.

3.2.2 O gênero redação argumentativa escolar

Antes de nos encaminharmos às análises e tendo já apontado, a partir de conceitos bakhtianos, como a proposta de redação argumentativa configura-se como um gênero do discurso, dedicar-nos-emos agora a mostrar que o texto elaborado pelo candidato, isto é, a redação argumentativa escolar, também apresenta características que nos permitem classificá-lo como um gênero do discurso.

Comumente, em colégios e principalmente em cursos pré-vestibulares, a disciplina intitulada *Redação* tem como um de seus principais objetivos fazer com que o estudante domine uma determinada estruturação para a elaboração de um texto escrito, a fim de se atingir os objetivos que os vestibulares exigem. A partir desse contexto, procuramos, aqui, apontar as características que delimitam a redação argumentativa escolar, proposta por diferentes vestibulares como forma de avaliação, como um gênero do discurso, uma vez que ela, contemporaneamente, tem grande importância, pois almeja “avaliar a competência do candidato no uso da linguagem numa determinada situação de interação” (PAVANI, KÖCHE & BOFF, 2006, p.2), cujo objetivo maior é apresentar questões e debater pontos de vista com o público-alvo, isto é, a banca avaliadora.

Primeiramente, faz-se necessário retomar o porquê de optarmos por nomear o texto produzido pelo candidato da FUVEST como redação argumentativa escolar. Encontramos, no estado de São Paulo, nos últimos anos, quatro grandes exames de vestibulares priorizados no ambiente escolar, sendo eles os vestibulares para o ingresso na Universidade de São Paulo (USP) – elaborado pela Fundação Universitária para o Vestibular (FUVEST) –, na

Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” (UNESP) – sendo, a prova, elaborada pela Fundação Vunesp –, na Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP) – tendo sua prova organizada pela Comissão Permanente para os Vestibulares (COMVEST) – e, por fim, em grande parte das universidades federais do país, que se dá a partir do Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM).

Dentre essas quatro provas, em três delas – USP, UNESP e ENEM – nota-se a existência da exigência da elaboração de um texto escrito dissertativo-argumentativo acerca de um determinado tema designado pela banca examinadora. Quando se trata da prova de redação da UNICAMP, os organizadores não somente têm a possibilidade de pedir o gênero textual supracitado, como qualquer outro, assim, o candidato à UNICAMP também elabora uma “redação de vestibular”, embora essa possa ser caracterizada por um gênero diferente daquele pedido pelos demais vestibulares do estado.

Então, optamos, aqui, por nomear o gênero com o qual estamos trabalhando como redação argumentativa escolar, assim, abarcamos um tipo de texto que pode estar presente em vestibulares que dele fazem uso como forma de avaliação, mas sem estarmos ignorando ou generalizando a existência de provas que não trabalham apenas com o texto dissertativo-argumentativo.

Retomando a fala de Bakhtin (2003a) sobre o fato de os diferentes gêneros do discurso serem compostos por três elementos – o estilo de linguagem, a construção composicional e o conteúdo temático, buscamos ver como cada um desses elementos é construído na redação argumentativa escolar. Nessa empreitada, usamos duas dissertações oriundas do vestibular da FUVEST. Mais uma vez, ressaltamos que, na seção 4, essas redações serão retomadas, porém com outros objetivos, isto é, aqueles por nós definidos como sendo os principais nesta reflexão que aqui fazemos.

Figura 7 - FUVEST 2012 – Redação Argumentativa Escolar Modelo 1



Fonte: <http://noticias.r7.com/educacao/fotos/veja-algumas-das-melhores-redacoes-da-fuvest-2012-20120516-1.html#fotos>. Acesso em 02 fev. 2018

Figura 8 - FUVEST 2013 – Redação Argumentativa Escolar Modelo 2

Atenção: Leia atentamente as instruções do caderno de questões antes de preencher essa folha.

01 Valor: Duas faces.

02 A sociedade vem ao longo do tempo marcando sua passagem pelo mundo,

03 imprimindo uma identidade, identidade essa formada por crenças e valores.

04 Passamos por diversas etapas e momentos históricos que influenciaram na

05 forma como o mundo era visto e vivido. Citando exemplos não tão distantes,

06 podemos dizer sobre a Idade Média e seu mundo cheio de dogmas religiosos, pos-

07 teriamente a Idade Moderna com seus pensamentos revolucionários de liberda-

08 de, chegando ao momento atual, da famosa pós-modernidade. Mas

09 e agora? E nós? Quais são os valores que estamos deixando para as ge-

10 gerações futuras?

11 A pós-modernidade é caracterizada pela velocidade, agilidade, pela praticidade,

12 e, principalmente, pelo dinheiro. Como de uma forma nunca antes vista, o di-

13 nheiro e o poder de compra, tem tomado dimensões alarmantes na vida das

14 pessoas. Atualmente, com apenas um cartão de crédito compra-se tudo, exata-

15 mente tudo que se quer, desde vestimentas e comida até sexo, e incrível-

16 mente, até amigos pela internet. Já existem sites de pessoas que vendem

17 seus "bons ouvidos" ou seu "ombro amigo" aos solitários.

18 A sociedade do extremo consumo tem ajudado de forma extraordinária no

19 esvaziamento dos valores e na perda do contato social. Andamos cada vez

20 mais solitários, presos aos nossos telefones celulares, tablets, roupas de marca.

21 Assim caímos na triste máxima de "você é aquilo que tem", aquilo que

22 compra, aquilo que consome.

23 Essa mentalidade do consumismo excessivo, tem mudado a forma como

24 vemos e lidamos com o mundo, há mais interesse pela roupa que se veste

25 do que pelo caráter, pelas pequenas gentilezas, pela demora respeito. In-

26 felizmente, poucos ainda sentem como Tim Maia ao escrever as

27 imortais palavras "não quero dinheiro, quero amor sincero, isso

28 que eu espero".

29

30

31

32

33

34

© Redação - FUVEST 2013

Fonte: <http://www.fuvest.br/vest2013/bestred/bestred.html>. Acesso em 11 jul. 2016

A partir das duas dissertações de vestibular apresentadas, vemos que, no estilo da linguagem, ou seja, nos recursos lexicais e gramaticais utilizados, ambas trazem uma linguagem majoritariamente formal, isto é, tendem ao uso da norma-padrão e prezam pelo distanciamento do candidato em relação àquilo que é dito, objetivando trazer um caráter não particularizado daquilo que se fala, dando credibilidade às discussões feitas. A fim de se alcançar esse distanciamento, algumas estratégias são majoritariamente utilizadas. A primeira delas é a apresentação da discussão a partir de uma perspectiva global, isto é, a partir de elementos que remetem à sociedade como um todo. É o que podemos observar na Figura 7 com o uso de termos como “o mundo ocidental parece ter descartado [...]” ou ainda “as

pessoas são tão sedentas por consumo [...]”. A segunda estratégia, também com sentido generalizante, porém colocando a argumentação em uma perspectiva mais próxima tanto do candidato quanto do leitor, é a utilização da primeira pessoa do plural (“nós”) e suas respectivas conjugações, a exemplo do que encontramos na Figura 8 com construções como “Passamos por diversas etapas e momentos históricos [...]” ou “podemos dizer [...]”. Uma terceira estratégia também é encontrada. Trata-se do uso da impessoalidade por meio da indeterminação do sujeito, como podemos constatar em sentenças como “com apenas um cartão de crédito compra-se tudo”. A partir disso, há a construção de uma cadeia argumentativa, a qual se desenvolve pelos parágrafos e se apresenta de forma menos explícita quando o uso de elementos conectores é menor – como ocorre na Figura 8 – ou mais explícita, com o uso, por exemplo, de conectivos no início dos parágrafos – a exemplo da Figura 7 – indicando, assim, de forma clara, a relação trazida entre eles. Em ambos os casos, estabelecem-se relações lógicas entre as ideias que se fundamentam como base da exposição feita pelo candidato.

No plano da construção composicional, observamos a presença de três diferentes seções, sendo elas, introdução – composta por apenas um parágrafo –, desenvolvimento – de estruturação variável, podendo conter de 1 a 3 parágrafos na maioria das vezes – e conclusão – também constituída por apenas um parágrafo. Vê-se, ainda, que essas seções possuem caráter majoritariamente opinativo, como é possível observar neste excerto retirado da Figura 8: “A sociedade do extremo consumo tem ajudado de forma extraordinária no esvaziamento dos valores e na perda do contato social. Andamos cada vez mais solitários, presos aos nossos telefones celulares, tablets, roupas de marca.”. Porém, é preciso mencionar ainda que podem aparecer também sequências injuntivas, descritivas, narrativas, preditivas e explicativas (PAVANI, KÖCHE & BOFF, 2006), de acordo com as estratégias argumentativas do candidato. Sistematizado por Guariglia (2008, p. 16), o gênero redação argumentativa escolar “é caracterizado pela ordenação lógica em tese anterior (premissa ou introdução), justificativa por argumentos (desenvolvimento/contra-argumentação) e tese posterior (conclusão), obrigando o sujeito, inclusive a organizar uma textualização predominantemente temática (opinativa)”.

Ainda no plano composicional, devemos apontar a presença de relações dialógicas estabelecidas entre a coletânea e a redação argumentativa escolar. Citamos como exemplo, então, o discurso trazido pelo enunciado verbo-visual “Aproveite o melhor que o mundo tem a oferecer com o Cartão de Crédito X”, integrante da proposta de redação argumentativa da FUVEST 2013 (Figura 4), a qual remete à ideia de consumo, e a redação argumentativa 1 da

FUVEST 2013 (Figura 8) a qual dialoga com esse enunciado verbo visual, concordando com sua existência, mas discordando das benfeitorias desta situação.

Já no que tange ao conteúdo temático, vê-se que o tema é delimitado pela coletânea por meio de excertos que direcionam a atitude responsiva do candidato. Porém, é este quem assume um posicionamento valorativo em relação aos enunciados trazidos pela coletânea para, assim, elaborar sua redação argumentativa escolar. Ressaltamos também que encontramos no gênero textual aqui abordado a mobilização de situações contemporâneas sendo rechaçadas ou confirmadas a partir da apresentação de enunciados, pertencentes às vozes de autoridade, oriundos de diferentes esferas de atividade humana, em especial a artística, a filosófica e a sociológica. Desse modo, a redação argumentativa escolar traz, no que tange a seu conteúdo temático, uma recuperação pessoal de conhecimento, ou seja, de informações que extrapolam o material trazido. É importante ressaltarmos que essa exigência está institucionalizada pelos organizadores do vestibular, como é possível notar ao observarmos as instruções trazidas pelo Manual do Candidato, fornecido e criado pela Fundação Universitária para o Vestibular (FUVEST):

Pressupõe-se, então, que o candidato demonstre a habilidade de compreender a proposta de redação e, quando esta contiver uma coletânea, que ele se revele capaz de ler e de relacionar adequadamente os trechos que a integram. *A simples paráfrase da coletânea, da proposta e/ou das instruções não é, em princípio, um recurso recomendável para o desenvolvimento do tema.* (FUVEST, 2011, p. 61, grifo nosso)

Finalmente, podemos observar que as características observadas, a partir das categorias que compõem um gênero, delimitadas por Bakhtin, fazem da redação argumentativa escolar um gênero do discurso pertencente aos gêneros secundários. Isso, porque não se trata de um gênero elaborado na comunicação imediata (como o são os gêneros primários). Bem diferente disso, a redação argumentativa escolar nasce em um contexto organizado e complexo que demanda um enunciado previamente planejado. Ademais, este gênero circula em esferas mais coercitivas e menos livres do que as esferas do cotidiano. A partir disso, analisamos, então, como se dão os diálogos estabelecidos entre a proposta de redação e as dissertações de vestibulares escritas pelos candidatos da FUVEST 2012 e da FUVEST 2013.

4. Investigando as redações argumentativas escolares: escolha do corpus, metodologia e análises

Neste capítulo, objetivamos, embasando-nos nas ideias propostas pelo Círculo de Bakhtin, identificar como são estabelecidas as relações dialógicas entre o material fornecido pela Proposta de Redação Argumentativa Escolar dos vestibulares FUVEST 2012 e FUVEST 2013 e as dissertações elaboradas pelos candidatos. Antes disso, porém, fazemos uma breve apresentação do *corpus*, justificando nossa escolha.

4.1 Sobre a escolha do *corpus* a ser analisado

O *corpus* por nós selecionado consiste em sete redações argumentativas escolares da FUVEST 2012 e sete redações argumentativas escolares da FUVEST 2013. Optamos por esse recorte, pois identificamos, nesses dois anos, maiores tendências a, respectivamente, regularidade e atualização do gênero proposta de redação argumentativa. As nossas catorze redações foram colhidas aleatoriamente dentre um total de quarenta e duas redações (sendo quinze da FUVEST 2012 e vinte e sete da FUVEST 2013) inicialmente separadas, objetivando conseguir a maior diversidade possível de estratégias argumentativas que se apoiassem no uso ou não de citações, fossem diretas fossem indiretas. Todas essas quarenta e duas redações foram disponibilizadas em um montante virtual⁶ classificado pela Fundação Universitária para o Vestibular (FUVEST) como mais próximas àquilo que a banca examinadora esperava.

É importante ressaltarmos aqui que a opção por trabalhar com redações argumentativas que alcançaram ou mais se aproximaram da nota máxima deveu-se a dois principais fatores:

- a. A Fundação Universitária para o Vestibular (FUVEST) informou-nos de que não seria possível ter acesso a quaisquer outras dissertações que não estivessem disponibilizadas no site oficial;
- b. A possibilidade de trabalharmos com as melhores redações faz com que nos seja possível identificar aquilo que era esperado pela banca examinadora.

⁶ Atualmente esse montante não pode mais ser consultado *on-line*. Isso porque, no final de 2016, a Fundação Universitária para o Vestibular reestruturou seu site, tirando do ar a seção que disponibilizava esses textos.

Esperamos, então, encontrar textos os quais apresentem um domínio amplo e consistente da modalidade escrita da linguagem, bem como a capacidade de produzir uma dissertação coesa e coerente, mobilizando diferentes recursos para a defesa do ponto de vista, já que trabalhamos com um grupo de dissertações selecionadas como sendo as melhores do ano.

Com nossas análises e escolha do nosso *corpus*, esperamos ter uma ideia ampla daquilo que o vestibular da FUVEST espera de seus candidatos, especialmente no que tange às formas de se dialogar com a coletânea bem como a mobilização de demais conteúdos e informações que com ela dialoguem, seja de forma direta, seja de forma indireta..

4.2 Metodologia e objetivos de análise

Nossos objetivos a serem alcançados, conforme já indicamos na introdução, consistem, de modo mais detalhado, em:

- a) Analisar as propostas de dissertação do vestibular FUVEST 2012 e FUVEST 2013, a fim de identificarmos as vozes presente nos enunciados de apoio fornecidos pela coletânea, bem como as indicações e direcionamentos (caso eles aconteçam) dados ao candidato;
- b) Analisar as dissertações produzidas buscando identificar:
 - i. O posicionamento adotado pelo candidato e sua relação com a coletânea fornecida, visando, principalmente, identificar se a dissertação se encontra em concordância ou discordância com aquilo que os enunciados componentes da coletânea propõem;
 - ii. As diferentes formas de utilização da coletânea na fundamentação que o candidato procura fazer de seu ponto de vista, isto é, como (e se) o candidato lê os enunciados trazidos como apoio e como ele os utiliza. Focalizamos, aqui, especialmente, a utilização de citações diretas, indiretas e a existência de paráfrases e;
 - iii. Se o candidato extrapola o conteúdo trazido pela banca, lançando mão de conteúdos, informações e diálogos com outras esferas de atividade humana (a exemplo da artística, da histórica e da filosófica).

Como nosso trabalho fundamenta-se em uma abordagem dialógica da análise do discurso segundo propostas pelo Círculo de Bakhtin, partimos da concepção de que o enunciado está inserido em um contexto histórico-social e dialoga com seu tempo e com

outros textos. Assim, observamos, nas redações selecionadas, como se dá essa relação entre as dissertações produzidas pelos vestibulandos e os textos fornecidos pela coletânea a partir da ideia defendida por Volóchinov (2017) de que a citação de outrem nunca é apenas reproduzida, já que traz consigo uma valoração da palavra anteriormente dita e também condiciona modificações, ajustes, reformulações, etc. a fim de atingir os fins que são almejados na reprodução.

Como embasamento teórico para a análise das redações, partimos das teorias desenvolvidas pelos teóricos do Círculo de Bakhtin. Também realizamos a leitura de uma bibliografia sobre questões envolvendo os gêneros do discurso, especialmente no que tange à redação argumentativa escolar utilizada como parâmetro avaliativo em diferentes vestibulares.

4.3 A proposta de redação argumentativa escolar da FUVEST 2012 e seus direcionamentos

Uma vez já tendo apresentado nosso *corpus* objetivando discutir por que as propostas de redação argumentativa constituem-se como gêneros do discurso, retornamos a ele, agora, visando, como já apontado em nossos objetivos, identificar as vozes presentes nos enunciados de apoio que compõem a proposta. Propomo-nos, ainda, identificar indicações e direcionamentos temáticos dados aos candidatos. Tendo isso em vista, iniciamos nossas análises com a apresentação da proposta de dissertação de vestibular FUVEST 2012.

Figura 3 – Proposta de redação argumentativa escolar da FUVEST 2012

REDAÇÃO

Texto 1

A ciência mais imperativa e predominante sobre tudo é a ciência política, pois esta determina quais são as demais ciências que devem ser estudadas na pólis. Nessa medida, a ciência política inclui a finalidade das demais, e, então, essa finalidade deve ser o bem do homem.

Aristóteles. Adaptado.

Texto 2

O termo "idiota" aparece em comentários indignados, cada vez mais frequentes no Brasil, como "política é coisa de idiota". O que podemos constatar é que acabou se invertendo o conceito original de idiota, pois a palavra *idiótes*, em grego, significa aquele que só vive a vida privada, que recusa a política, que diz não à política.

Talvez devêssemos retomar esse conceito de idiota como aquele que vive fechado dentro de si e só se interessa pela vida no âmbito pessoal. Sua expressão generalizada é: "Não me meto em política".

M. S. Cortella e R. J. Ribeiro,
Política – para não ser idiota. Adaptado.

Texto 3

FILHOS DA ÉPOCA

Somos filhos da época
e a época é política.

Todas as tuas, nossas, vossas coisas
diurnas e noturnas,
são coisas políticas.

Querendo ou não querendo,
teus genes têm um passado político,
tua pele, um matiz político,
teus olhos, um aspecto político.

O que você diz tem ressonância,
o que silencia tem um eco
de um jeito ou de outro, político.

(...)

Wisława Szymborska, Poemas.

Texto 4

As instituições políticas vigentes (por exemplo, partidos políticos, parlamentos, governos) vivem hoje um processo de abandono ou diminuição do seu papel de criadoras de agenda de questões e opções relevantes e, também, do seu papel de propositoras de doutrinas. O que não significa que se amplia a liberdade de opção individual. Significa apenas que essas funções estão sendo decididamente transferidas das instituições políticas (isto é, eleitas e, em princípio, controladas) para forças essencialmente não políticas — primordialmente as do mercado financeiro e do consumo. A agenda de opções mais importantes dificilmente pode ser construída politicamente nas atuais condições. Assim esvaziada, a política perde interesse.

Zygmunt Bauman. Em busca da política. Adaptado.

Texto 5



Folha de S. Paulo, 05/10/2011.

Os textos aqui reproduzidos falam de política, seja para enfatizar sua necessidade, seja para indicar suas limitações e impasses no mundo atual. Reflita sobre esses textos e redija uma dissertação em prosa, na qual você discuta as ideias neles apresentadas, argumentando de modo a deixar claro o seu ponto de vista sobre o tema **Participação política: indispensável ou superada?**

Instruções:

- A redação deve obedecer à norma padrão da língua portuguesa.
- Escreva, no mínimo, 20 e, no máximo, 30 linhas, com letra legível.
- Dê um título a sua redação.

Fonte:

<http://brasilecola.uol.com.br/upload/conteudo/images/reda%C3%A7%C3%A3o%20fuvest%202012.jpg>

Acesso em 17 out. 2017

Inicialmente, acabe-nos apontar que a voz do formulador da proposta tem sua exposição dividida em três seções. A primeira delas não possui um título específico, vindo logo após o enunciado “Redação”, colocado na parte superior da proposta. A segunda,

localiza-se logo abaixo da *tirinha* comumente publicada em jornais e optamos aqui por intitulá-la *comando*. Já a terceira seção está indicada pelo enunciado “Instruções”.

No que se refere à primeira seção, podemos observar, analisando a Figura 3, que a proposta de redação argumentativa escolar é composta por enunciados verbais e enunciados que conjugam o verbal e o não verbal. O primeiro deles – identificado como “Texto 1” e localizado na seção intitulada “Redação” –, creditado a Aristóteles, é oriundo da esfera filosófica, mas dialoga com as esferas sociológica e política, trazendo uma voz pertencente à Antiguidade que ressalta a importância da ciência política para a organização da *pólis*, já que dela derivariam todas as demais ciências que têm o bem do homem como finalidade. Trata-se da política como ferramenta para o bem comum. Pode-se, ainda, observar que, apesar de pequeno, o excerto traz características do gênero argumentativo-expositivo, uma vez que visa mostrar e defender a importância daquilo que apresenta neste caso, a ciência política.

O segundo enunciado, igualmente de caráter verbal, identificado como “Texto 2”, também nasce na esfera filosófica, mas transita pelas esferas sociológica e política, porém, agora, trazendo vozes pertencentes à contemporaneidade, concebendo política como algo não privado, isto é, de âmbito social. Observamos que é possível estabelecer uma relação dialógica entre essas vozes e a voz da Antiguidade trazida pelo “Texto 1”. Assim, M. S. Cortella e R.J. Ribeiro delineiam valores axiológicos acerca da ausência de participação política e a ligação desta com a sociedade onde isso ocorre. Podemos ver que, segundo os autores, há um contraste entre o uso do termo “idiota”. Este inicialmente era utilizado para designar aquele que não se interessava pela vida em sociedade, isto é, pelos assuntos da *pólis*, restringindo-se à vida privada apenas. Já no que tange à contemporaneidade, os valores axiológicos ligados à palavra “idiota” alteraram-se, pejorativamente, servindo para designar os poucos seres que, de fato, se interessam por política, em oposição ao sentido que o termo trazia na Antiguidade. Mais uma vez, tem-se um excerto próximo ao gênero argumentativo-expositivo, buscando trazer informações acerca da participação política.

Destoando levemente dos enunciados já apresentados, quanto à esfera que emerge, o enunciado identificado como “Texto 3”, intitulado como “Filhos da Época”, nasce na esfera artística, ainda que estabeleça diálogo com enunciados da esfera política, uma vez que se tem o gênero do discurso poesia. É trazida, nesse excerto, a ideia de que o ser está relacionado à sua época e tudo que compõe uma época é político; assim, o homem e seu contexto de vivências seriam indissociáveis das questões políticas que envolvem o mundo. Imediatamente, podemos identificar que embora todos esses enunciados partilhem de um espaço na mesma teia dialógica, o “Texto 1” e o “Texto 3” estabelecem uma relação dialógica

explícita, já que ambos assumem ser, a política, um dos fundamentos basilares para a constituição de uma sociedade.

Quando observamos o enunciado identificado por “Texto 4”, vemos novamente o uso de excertos que emergem da esfera filosófica, mas em diálogo com as esferas sociológica e política. Dessa forma, temos um enunciado cuja voz delinea os problemas acerca da falência das instituições políticas vigentes, logo, ocasionando uma perda de interesse por parte da sociedade. Vemos, portanto, que o “Texto 2” e o “Texto 4” estabelecem relações dialógicas extremamente explícitas, recuperando os elos da cadeia dialógica no que tange, respectivamente, à perda de interesse nas questões políticas e às causas disso.

Finalmente, há um último enunciado demarcado, como os demais, com a nomenclatura “texto”; trata-se do “Texto 5”. Destoando dos demais excertos, este se trata de um enunciado que conjuga o verbal e o não verbal, oriundo da esfera jornalística, em que se reconhece uma tirinha, no caso publicada em jornal. Nele, é possível vermos o desenho de duas pessoas conversando acerca de questões políticas e, quando o homem opta por não opinar, dizendo ser “apolítico”, surge um terceiro personagem, nomeado como “homem-legenda” que o classifica por ignorante. Assim, por meio do humor, tece-se uma crítica àqueles que dizem ser “apolíticos”. Para entendê-la, devemos compreender a função de uma legenda, seja ela textual ou fílmica, que é explicar algo, respectivamente, de forma mais clara e simples, de forma a apontar algo em outro idioma. Desse modo, a crítica, trazida por meio da junção entre humor e ironia, acontece quando há o surgimento do personagem “homem-legenda” explicando que “apolítico”, de fato, quer dizer “ignorante”, fazendo da política um sinônimo de esclarecimento.

A segunda seção é composta por um único enunciado, o qual se trata de um excerto temático-instrucional, cuja função é trazer a voz do examinador, fazendo uma pequena reflexão acerca dos elos da cadeia dialógica que perpassam pelos cinco enunciados motivadores e delimitando o conteúdo temático da dissertação de vestibular que o candidato vai produzir. Nele encontramos os seguintes dizeres:

“Os textos aqui reproduzidos falam de política, seja para enfatizar suas necessidades, seja para indicar suas limitações e impasses no mundo atual. Reflita sobre esses textos e redija uma dissertação em prosa, na qual você discuta as ideias apresentadas, argumentando de modo a deixar claro seu ponto de vista sobre o tema Participação política: indispensável ou superada?”

Neste trecho há indicações de que os “textos” manifestam ideias e, portanto, o candidato deve ser capaz de identificá-las e relacioná-las, a partir dos excertos oferecidos na

proposta de redação argumentativa. Compreendemos, então, que a concepção da banca examinadora perpassa a ideia de que os enunciados não são produtos isolados, mas sim componentes de uma grande teia discursiva, estabelecendo relações entre si, e por isso, devem ser compreendidos a partir das relações estabelecidas entre eles, sendo dever do candidato recuperar essas ideias e as demais relações estabelecidas.

Ainda, é importante ressaltarmos que apenas a tirinha traz consigo a data de publicação. Assim, podemos presumir que a voz do examinador o qual selecionou os enunciados que serviriam como motivadores para a escrita do candidato parte do pressuposto de que o estabelecimento das relações temporais dos textos não é pertinente para o seu entendimento e aproveitamento; o que, de fato tem importância, são as discussões apresentadas. Assim, caso o candidato tenha o domínio histórico temporal acerca dos autores de cada um dos enunciados, ele pode retomar a linha histórico-temporal dialógica entre os excertos a favor da construção de sua argumentação, embora isso não se mostre como essencial.

Por fim, observamos que os três enunciados emergem na esfera filosófica trazem, no rodapé, a indicação de que foram *adaptados*. Acreditamos que isto tenha duas causas principais: o fato de os textos serem um recorte de um texto maior, fazendo com que a adaptação seja necessária para garantir a compreensão das ideias, bem como o fato de as três esferas supracitadas demandarem um uso mais elaborado da linguagem, o que, no nível de exame de vestibular, pode acabar prejudicando a compreensão dos candidatos. Assim, a banca examinadora opta por trazer, aos textos, uma linguagem e uma clareza mais evidentes, facilitando a compreensão do enunciado.

A proposta deixa claro o fato de que há uma indicação temática explícita, representada aqui pela frase-tema “Participação política: indispensável ou superada?”. Dessa forma, o candidato já possui uma indicação clara sobre quais elos da cadeia discursiva ele deverá retomar a fim de cumprir com aquilo que foi pedido pelo examinador.

Finalmente, cabe-nos ainda verificar como se constitui a terceira seção que há no enunciado maior que é a proposta de redação argumentativa escolar. Ela se localiza logo abaixo da seção *comando* e é identificada pelo nome “Instruções”. É importante ressaltarmos que ela não traz diretrizes acerca do tema, mas, sim, acerca de questões estruturais, a exemplo da necessidade de dar um título ao texto.

Na FUVEST 2013, identificamos vozes que atuam ou se apresentam de forma diferente do modo como isso ocorre na FUVEST 2012, especialmente devido ao fato de não

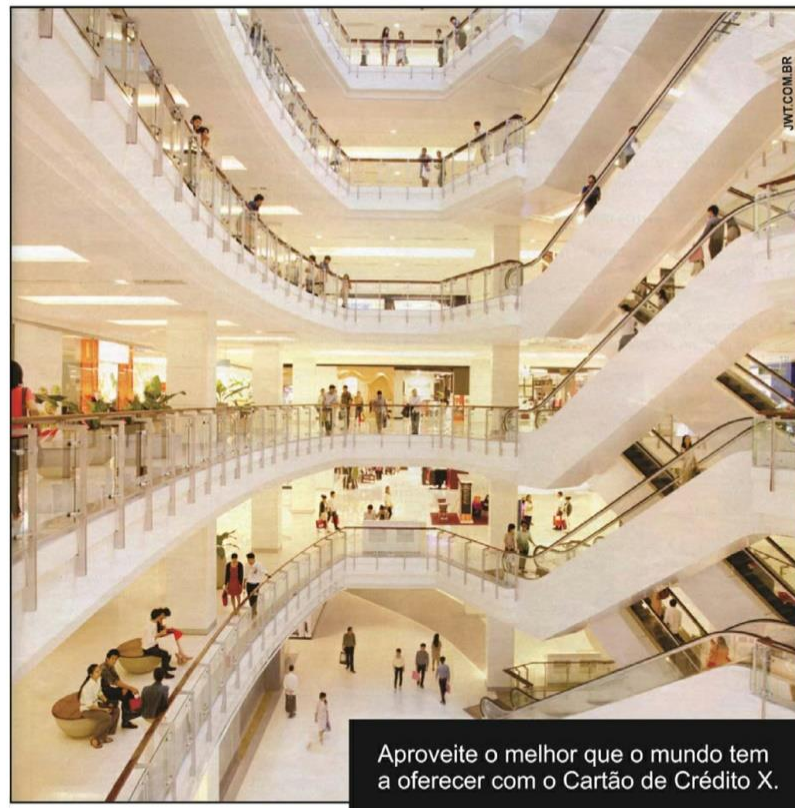
haver vozes de autores, filósofos, musicistas e afins e dar-se maior destaque ao enunciado visual, fato que discutiremos em sequência.

4.4. A proposta de redação argumentativa escolar do FUVEST 2013 e seus direcionamentos

A segunda proposta que nos dedicamos a analisar foi retirada da FUVEST 2013. A importância dela se dá pelo fato de, depois de analisarmos diversos materiais para a escolha do *corpus*, esta foi aquela que mais representou a tendência de instabilidade do gênero, isto é a proposta não traz o tema explícito e não se apoia majoritariamente em enunciados verbais, como comumente observamos na maioria das propostas de redação argumentativa aqui apresentadas.

Figura 4 – Proposta de Redação Argumentativa Escolar da FUVEST 2013

REDAÇÃO



Esta é a reprodução (aqui, sem as marcas normais dos anunciantes, que foram substituídas por X) de um anúncio publicitário real, colhido em uma revista, publicada no ano de 2012.

Como toda mensagem, esse anúncio, formado pela relação entre imagem e texto, carrega pressupostos e implicações: se o observarmos bem, veremos que ele expressa uma determinada mentalidade, projeta uma dada visão de mundo, manifesta uma certa escolha de valores e assim por diante.

Redija uma dissertação em prosa, na qual você interprete e discuta a mensagem contida nesse anúncio, considerando os aspectos mencionados no parágrafo anterior e, se quiser, também outros aspectos que julgue relevantes. Procure argumentar de modo a deixar claro seu ponto de vista sobre o assunto.

Instruções:

- A redação deve obedecer à norma-padrão da língua portuguesa.
- Escreva, no mínimo, 20 e, no máximo, 30 linhas, com letra legível.
- Dê um título a sua redação.

Fonte: <http://infograficos.estadao.com.br/public/educacao/fuvest-redacoes/img/acervo/pdf/Redacao2013.pdf>. Acesso em 17 out. 2017

Observamos que a proposta de redação argumentativa escolar da FUVEST 2013 é composta por enunciados verbais e enunciados não verbais, também sendo dividida em três diferentes seções, duas designadas pelos termos “Redação” e “Instruções” e uma sem designação específica

Na primeira seção, intitulada “Redação”, temos um enunciado maior, pertencente ao gênero do discurso anúncio publicitário, composto por um enunciado visual e um enunciado verbo-visual. O enunciado visual remete a um *shopping center*, em que observamos um

espaço fechado, ainda que muito claro, o qual é preenchido por corredores e escadas rolantes. É possível também vermos pessoas, ora sentadas ora em movimento, mas majoritariamente carregando sacolas, ou seja, cria-se a atmosfera de um ambiente de compras. Dentre as memórias que esse enunciado visual traz, podemos enfatizar a questão do consumo, que se torna ainda mais forte quando vemos o enunciado verbo-visual colocado na parte direita e inferior do enunciado verbal.

Consideramos, aqui, o enunciado “Aproveite o melhor que o mundo tem a oferecer com o Cartão de Crédito X” como uma materialidade verbo-visual devido ao fato de ele estar colocado à parte dos demais enunciados verbais e dentro de um pequeno retângulo preto. Esta materialidade muito se assemelha a uma legenda – cuja função é esclarecer, explicar – pois acompanha e retoma elos da cadeia discursiva que reforçam a memória de consumo já trazida pelo enunciado visual. Isso acontece, porque os dizeres “Aproveite o melhor que o mundo tem a oferecer com o Cartão de Crédito X” retomam a ideia de que somente coisas adquiríveis, isto é, os bens materiais, são capazes de trazer felicidade e proporcionar as benfeitorias mundanas.

Na sequência, temos mais três enunciados, dessa vez, verbais. Os dois primeiros, ainda componentes da seção intitulada “Redação”, trazem a voz da banca examinadora com o intuito de fazer contextualizações a respeito do anúncio publicitário. Assim, inicialmente, a voz do examinador contextualiza a localização e a natureza do bloco formado pelo enunciado visual e verbo-visual, isto é, o anúncio publicitário. A partir disso, a mesma banca aponta indicações sobre quais elos da cadeia discursiva o candidato deverá retomar ao compor sua redação argumentativa escolar, o que é visível, por exemplo, no excerto “[...] esse anúncio [...] carrega pressupostos e implicações: se o observarmos bem veremos que ele expressa uma determinada mentalidade, projeta uma visão de mundo, manifesta uma certa escolha de valores [...]”. Ainda neste trecho, identificamos, mais uma vez, que a banca examinadora compreende que um enunciado não deve ser abordado de forma isolada. Assim, ao dizer que o anúncio “carrega pressupostos e implicações”, propõe que este (bem como qualquer outro enunciado) traz consigo antecedentes (ou seja, demanda-se a recuperação dos pressupostos que ele apresenta) e também promove implicações futuras, sendo função do candidato recuperá-las. Vemos, então, que a banca exige a capacidade de entender que um enunciado não é um produto isolado, mas algo capaz de trazer consigo relações de significado não só explícitas, mas também implícitas. Dessa forma, o candidato deve ser capaz de recuperar memórias que o enunciado traz, não apenas refletindo sobre isso, mas expondo em sua redação.

Finalmente, apontamos que os enunciados componentes da proposta acabam por tanger a questão do consumo, porém não há, por parte da banca examinadora, a indicação de que um determinado posicionamento – isto é, questões positivas ou questões negativas envolvendo o consumo – deva ser assumido. Isso cabe ao candidato escolher.

Por sua vez, o último enunciado, considerado por nós como uma terceira seção – o comando – fornece instruções de caráter coercitivo acerca da redação argumentativa escolar que o candidato deverá elaborar, o que pode ser observado principalmente nos marcadores linguísticos presentes no último enunciado verbal da seção intitulada “proposta”. Dentre esses marcadores, podemos citar, como exemplo, os verbos conjugados no imperativo, como “Redija” e “discuta”.

Ainda é importante notarmos que, dentre os enunciados menores que compõem o enunciado maior – que é a proposta – é o enunciado visual que mais se destaca, embora seja necessário compreender as relações dialógicas estabelecidas entre ele e os demais enunciados, a fim de que se identifiquem elos da cadeia discursiva na qual esta imagem está inserida.

Por fim, cabe-nos apontar que a terceira seção da proposta de redação argumentativa escolar, identificada pelo termo “Instruções”, assim como ocorreu na proposta da FUVEST 2012, não traz direcionamentos temático, mas sim estruturais, a exemplo da quantidade máxima de linhas para a escrita da redação argumentativa.

Dessa forma, podemos concluir, a partir de nossas análises, que as duas propostas apresentam diferenças, especialmente no que tange às vozes utilizadas em sua construção, porém, sobressaem-se as suas regularidades. Sobre as diferenças, podemos apontar que o maior destaque são as diversas materialidades apresentadas pelos enunciados que compõem a proposta. Isso porque se nota que ora aparecem apenas textos verbais ora aparecem textos não verbais ora aparece a conjugação entre esses dois tipos de textos a fim de comporem um enunciado global, neste caso, o anúncio publicitário, trazendo, assim, a presença de uma materialidade verbo-visual. Ainda podemos observar que em ambas as propostas aparecem vozes de autoridade que se fazem basilares ao indicarem quais memórias de enunciado o candidato deve retomar. Observamos que essas vozes variam entre a voz da banca e as vozes de autoridades - que têm um maior destaque, já que fazem, em geral, direcionamentos temático – oriundas comumente das esferas filosófica, sociológica e, até mesmo, publicitária, como ocorre na Proposta 2. Assim, constatamos que as diferenças se concentram na parte da proposta direcionada a indicar os elos da cadeia discursiva que o candidato deverá recuperar para que elabore a sua redação. Já no que tange às regularidades apresentadas, vemos que ambas as propostas escolhidas são divididas em seções – sendo que duas delas trazem textos

verbais e/ou não verbais que delineiam a abordagem do tema, enquanto a outra traz indicações coercitivas acerca de elementos estruturais que deverão compor a redação que o candidato fará. Ademais, nota-se, nas propostas analisadas, a apresentação constante de uma voz de autoridade, especialmente no que tange ao direcionamento temático para que o candidato possa elaborar sua redação. No que diz respeito às vozes de autoridade, pudemos constatar ainda que há uma maior frequência daquelas que emergem das esferas filosóficas em detrimento das demais vozes sobre as quais se pode lançar mão de forma a trazer enunciados que permitam o resgate de elos da cadeia discursiva essenciais para a elaboração da redação argumentativa.

4.5. Análise de redações argumentativas escolares da FUVEST 2012

Voltamo-nos ao nosso *corpus* de redações argumentativas escolares, anteriormente utilizados para discutir como elas se apresentam como gêneros do discurso, a fim de identificar qual posicionamento o candidato adota em relação à coletânea de enunciados a ele apresentada, bem como se esse candidato faz uso dos excertos da coletânea e como isso acontece. Finalmente, ainda observamos se o há uma extrapolação das informações que a banca examinadora traz na coletânea por ela elaborada.

Tendo em mente os direcionamentos propostos pelas coletâneas, passamos, então, às análises das redações argumentativas escolares elaboradas pelos candidatos com base nos enunciados motivadores. Começamos pela proposta de redação argumentativa escolar que traz a informação explícita de quais elos da cadeia discursiva o candidato deverá retomar, ou seja, aquela cuja proposta questiona: “Participação política: indispensável ou superada?”.

É possível observarmos, em nosso *corpus*, que todas as redações argumentativas escolares analisadas delineiam um posicionamento claro em relação à frase-tema. Isso, invariavelmente, é induzido pela forma como é construída a proposta de redação argumentativa escolar, uma vez que ela traz um questionamento o qual demanda um posicionamento dentre duas opções fornecidas (“a participação política é indispensável” ou “a participação política já foi superada”). Ademais, observamos que todas as redações produzidas seguem a ideologia proposta pelos enunciados que compõem a proposta de redação argumentativa, isto é, em nosso *corpus* encontramos apenas vozes que consideram a política como indispensável à vida humana. Certamente, isso é provocado pelas escolhas dos excertos componentes da proposta, uma vez que todos enfatizam a importância da política.

Após essa contextualização, e direcionando-nos à análise da utilização da palavra de outrem, encontramos, em raras vezes, o fenômeno da paráfrase ou, principalmente, da citação indireta, em especial no que diz respeito ao enunciado intitulado “Filhos da Época”. Lembramos aqui que ele nasce na esfera artística e traz consigo a ideia de que todos os elementos componentes de uma determinada época têm raízes políticas; assim, o homem e suas vivências são indissociáveis de questões políticas presentes no mundo onde estão inseridos:

Filhos da época

Somos filhos da época
e a época é política.

Todas as tuas, nossas, vossas coisas
diurnas e noturnas,
são coisas políticas.

Querendo ou não querendo,
teus genes têm um passado político,
tua pele, um matiz político,
teus olhos, um aspecto político.

O que você diz rem ressonância,
o que silencia tem um eco
de um jeito ou de outro político. (...)
(SZYNBORSKA, 2011, p.77-78)

Um fato curioso para o qual devemos nos atentar é que, em nosso *corpus*, o poema “Filhos da Época”, quando citado, é associado às palavras de Bertold Brecht, dramaturgo alemão cujas críticas, em especial no poema intitulado “Analfabeto Político”, concentram-se em questões políticas e sociais da época em que viveu. Vale ressaltar que Brecht não foi apresentado na coletânea de excertos componentes da proposta. Logo, a recuperação de elos da cadeia discursiva entre Bertold Brecht e Wislawa Szymborska foi algo idiossincrático desses dois candidatos, os quais estabeleceram diálogos com a esfera artística. Isso pode ser observado, não só no excerto trazido pela Figura 9 como também na Figura 10:

Figura 9 - Tema 1 Redação 7

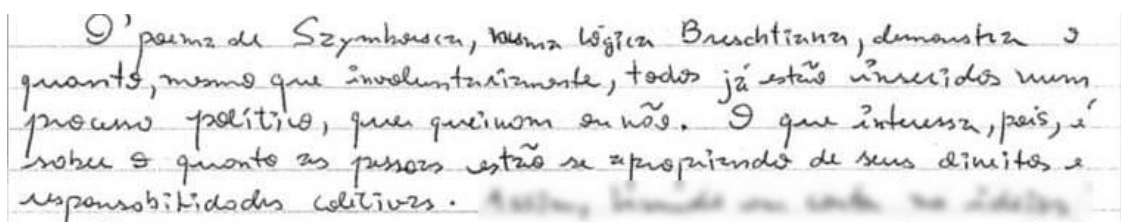


Figura 10 - Tema 1 Redação 5 (excerto 1)

O dramaturgo alemão Bertolt Brecht, no famoso texto "O analfabeto político", defende que o pior tipo de ignorância ou "analfabetismo" é a negação da política, pois dessa negação derivariam todos os outros males da sociedade, que teriam raiz na não-participação do indivíduo na decisão dos rumos da vida social na qual está inserido. Essa visão de mundo, também compartilhada por Wislawa Szymborska em seu poema, já foi colocada como apenas um vestígio de uma época em que a política fazia sentido, sendo ela obsoleta no mundo atual, um mundo supostamente "pós-moderno" onde o desenvolvimento tecnológico nos marcos da economia capitalista e da democracia liberal trataria de resolver todos os impasses desse mesmo modo de viver.

Acreditamos que duas motivações podem levar a isso. A primeira delas é que, como o poema escrito por Wislawa Szymborska é um enunciado oriundo da esfera de atividade artística, ele acaba por induzir à recuperação de enunciados pertencentes a essa mesma esfera e que abordem o mesmo conteúdo temático. A segunda é o fato de ambas partilharem da ideia de que a vida é permeada por questões políticas, sendo a ausência dessa consciência algo nefasto. Isso explica a utilização das palavras de Brecht em diálogo (seja de concordância ou oposição) às de Szymborska.

Apontamos que alguns outros enunciados oriundos da esfera artística também foram recuperados, embora este processo tenha apresentado uma menor frequência. É o que acontece quando há diálogos entre fatos da conjuntura contemporânea a partir de Hamlet, obra shakespeariana de grande importância da literatura mundial:

Figura 11 - Tema 1 Redação 5 (excerto 2)

Porém, um olhar sobre a realidade objetiva permite ao sujeito crítico constatar sérias fissuras na tese do "fim da História" e ser colocado diante de contradições fortes, como um Hamlet que descobre algo podre no reino da Dinamarca, sendo a Dinamarca agora o mundo globalizado. A desregulação dos mercados financeiros gera a pior crise desde 1929, crise essa que é combatida sem que se abale a hegemonia das estruturas de poder perversas que eslapam a democracia na Europa esclarecida, substituindo a vontade popular por programas definidos pelos mercados, demonstrando a falência das instituições apontada por Bauman e causando novas formas de mal-estar na cultura. Não à toa, a depressão já é a patologia escolhida como "mal do século".

Pudemos constatar, também, que no *corpus* poucas foram as citações diretas ou indiretas dos demais enunciados, que não o poema, trazidos na coletânea. Em vez disso, os

diálogos são estabelecidos através dos pontos de interseção, isto é, dos nós que compõem a teia discursiva, os quais unem direcionamentos teóricos pertencentes à mesma esfera de atividade humana de onde emergem os enunciados componentes da proposta de redação argumentativa escolar. A exemplo disso, podemos citar o enunciado aristotélico, identificado na proposta por “Texto 1”, o qual dialoga com os elementos da historicidade grega trazidos por um dos candidatos.

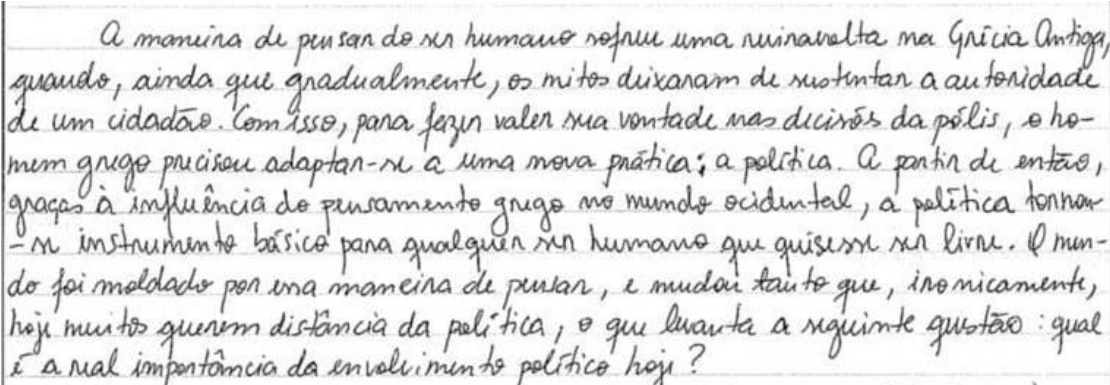
Figura 12 - Proposta de Redação 1 - Excerto de Aristóteles

Texto 1

A ciência mais imperativa e predominante sobre tudo é a ciência política, pois esta determina quais são as demais ciências que devem ser estudadas na pólis. Nessa medida, a ciência política inclui a finalidade das demais, e, então, essa finalidade deve ser o bem do homem.

Aristóteles. Adaptado.

Figura 13 - Tema 1 Redação 2 (excerto 1)



A maneira de pensar do ser humano sofreu uma reviravolta na Grécia Antiga, quando, ainda que gradualmente, os mitos deixaram de sustentar a autoridade de um cidadão. Com isso, para fazer valer sua vontade nas decisões da pólis, o homem grego precisou adaptar-se a uma nova prática: a política. A partir de então, graças à influência do pensamento grego no mundo ocidental, a política tornou-se instrumento básico para qualquer ser humano que quisesse ser livre. O mundo foi moldado por uma maneira de pensar, e mudou tanto que, ironicamente, hoje muitos querem distância da política, o que levanta a seguinte questão: qual é a real importância do envolvimento político hoje?

Assim, observamos que ambos os enunciados recuperam não só a memória histórica da Grécia Antiga, lugar onde a política se fazia fundamental para o funcionamento da *polis*, mas também a importância da prática em si, especialmente como fator primordial no exercício da cidadania, como trazido no trecho apresentado pela Figura 13, “[...] a política tornou-se instrumento básico para qualquer ser humano que quisesse ser livre.”, e também nas palavras de Aristóteles: “[...] essa finalidade [da ciência política] deve ser o bem do homem”. Porém, o recurso de apoiar-se em bases históricas não é o único utilizado pelos candidatos. Isso, porque houve também a tentativa de embasamento de argumentação a partir de citações de vozes de autoridade sobre o assunto, embora estas citações não fossem oriundas de enunciados da proposta de redação argumentativa, como é possível observarmos na Figura 14.

Figura 14 - Tema 1 Redação 1 (excerto 1)

“É aceitável um cidadão não se interessar por política, todavia ele sempre será governado por aqueles que se interessam.” Essas palavras de Platão que estar alheio à política não era uma opção nas pólis gregas. Além disso, na antiguidade clássica, o direito à participação política não era apenas visto como uma possibilidade, mas como algo honroso e necessário para a manutenção de uma sociedade justa e democrática. Apesar de tal regime democrático ter sido substituído por outros ao longo do curso da história e apenas ter sido reconhecido no Brasil na década de 80, nunca perdemos nossos valores ideais de justiça e igualdade perante à lei. Mesma assim, em nosso país, o interesse pela política dos cidadãos brasileiros diminuiu exponencialmente. Esse fato representa que a suposição da participação política ou ela continua indispensável?

Constatamos, portanto, a utilização de uma citação direta, isto é, da apresentação da voz de outrem, conforme destacado por Volóchinov (2017), a partir da utilização das aspas. Isso delinea uma clara separação entre a voz daquele que é citado – majoritariamente com o objetivo de trazer consistência à argumentação desenvolvida, seja por concordância ou discordância – e a voz daquele que produz a redação argumentativa. Neste caso, observamos, ainda, que a citação é o ponto de partida para a argumentação do candidato, isto é, há primeiramente a apresentação das palavras de Platão e, na sequência, um comentário acerca delas.

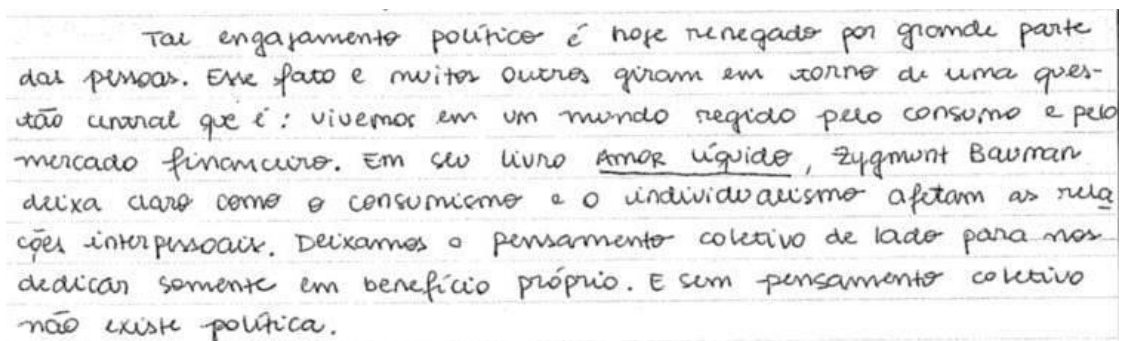
Há um segundo texto cujas discussões apresentadas são fortemente retomadas: trata-se do “Texto 4”, de autoria creditada a Zygmunt Bauman. Nesse sentido, tanto o enunciado trazido pela proposta quanto o enunciado produzido pelo candidato apontam a ligação entre a falência das instituições políticas e o suplantar destas “pelo mercado financeiro e pelo consumo” que, no excerto da Figura 15, são apontados como sendo “o FMI, o Banco Mundial e a OMC, instituições estas que defendem interesses econômicos”. Desta vez, porém, o processo é majoritariamente feito por meio de citações indiretas, sem qualquer apoio de citações diretas, assim a separação entre a voz do eu e a voz do outro não ocorre de forma extrema e tão marcada, a partir do recurso da utilização de citações.

Figura 15 - Tema 1 Redação 6 (excerto 1)

... e isso como é possível. Omitindo-se, os cidadãos perderão totalmente o controle dos rumos políticos, restando ao bel prazer dos atuais substitutos das instituições políticas: o FMI, o Banco Mundial e a OMC, instituições estas que defendem interesses econômicos de uma pequena aristocracia internacional, pouco se importando com políticas sociais ou com uma melhor distribuição de renda à população mundial.

Ademais, ao observarmos o trecho apresentado pela Figura 16, vemos que a separação entre as vozes é reforçada por meio de um segundo processo, isto é, a explicitação do nome do autor (“Zygmunt Bauman”) e do nome da obra (“Amor Líquido”) com a qual se dialoga a partir da citação indireta. Há também um entrelaçamento entre as palavras de Aristóteles, o qual defende a política como tendo finalidade de buscar o bem comum, e de Bauman, o qual aponta o consumo e o individualismo como fatores responsáveis por afetar as relações humanas. Esse diálogo se dá por uma constatação de que a contemporaneidade ruma em sentido oposto àquilo que propôs o pensador grego (“Deixamos o pensamento coletivo de lado para nos dedicar somente em benefício próprio”).

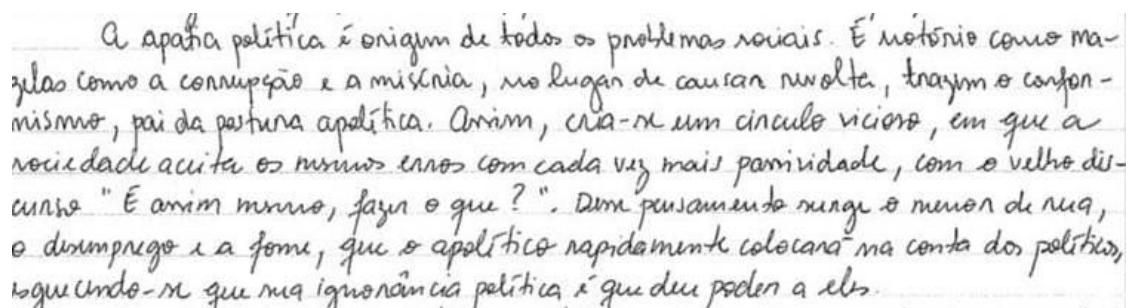
Figura 16 - Tema 1 Redação 3 (excerto 1)



Tal engajamento político é hoje renegado por grande parte das pessoas. Esse fato e muitos outros giram em torno de uma questão crucial que é: vivemos em um mundo regido pelo consumo e pelo mercado financeiro. Em seu livro Amor Líquido, Zygmunt Bauman deixa claro como o consumismo e o individualismo afetam as relações interpessoais. Deixamos o pensamento coletivo de lado para nos dedicar somente em benefício próprio. E sem pensamento coletivo não existe política.

Finalmente, pudemos identificar, durante a análise do nosso *corpus*, uma menor frequência no estabelecimento de diálogos marcados e explícitos com o enunciado verbo-visual, apontado na proposta de redação argumentativa como “Texto 5”. Nesse sentido, duas redações do nosso *corpus* realizaram diálogo explícito com a expressão que mais se destaca na tirinha: o ser “apolítico”. Trazemos um exemplo a partir do trecho apresentado pela Figura 17.

Figura 17 - Tema 1 Redação 2 (excerto 2)

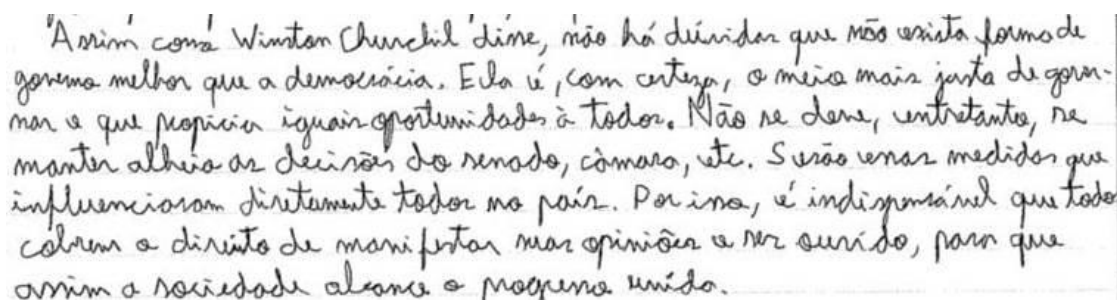


A apatia política é origem de todos os problemas sociais. É notório como mazelas como a corrupção e a miséria, ao lugar de causar revolta, trazem o conformismo, pai da postura apolítica. Assim, cria-se um círculo vicioso, em que a sociedade acerta os rumos errados com cada vez mais proximidade, com o velho discurso “É assim mesmo, fazer o que?”. Deste pensamento surge o medo de rugir, o desemprego e a fome, que o apolítico rapidamente colocará na conta dos políticos, esquecendo-se que sua ignorância política é que deu poder a eles.

Porém, como podemos observar, enquanto na “tirinha de jornal”, trazida pela proposta, o termo “apolítico” seria um eufemismo à ignorância política, na redação argumentativa de vestibular elaborada pelo candidato a ignorância política seria a responsável pela falência das instituições responsáveis por zelar pelo seu povo. Assim, ocorre um entrelaçamento entre o enunciado trazido pela tirinha e o enunciado de Bauman (identificado como “Texto 4”), o qual discorre acerca dos processos de falência das instituições políticas. O candidato, por sua vez, aponta que a ignorância política – apresentada como sendo o fato de a “sociedade aceita[r] os mesmo erros com cada vez mais passividade” – acaba por levar à falência as instituições políticas, já que a sociedade se conforma com os problemas por elas apresentados e, por isso, não se busca mudanças.

Finalmente, constatamos mais algumas estratégias para embasar a argumentação ao longo da produção dos candidatos. Muitas delas extrapolam os enunciados trazidos pela coletânea e retomam elos da cadeia discursiva que envolvem outros pensadores os quais atuam também nas esferas de atividade humana política e/ou filosófica. É o caso da utilização de ideias advindas de diferentes personalidades como Winston Churchill, Jean-Jacques Rousseau, Jean-Paul Sartre e até mesmo Guimarães Rosa, não a partir de suas obras literárias, mas como voz de autoridade a qual exerce influência na sociedade.

Figura 18 - Tema 1 Redação 1 (excerto 2)

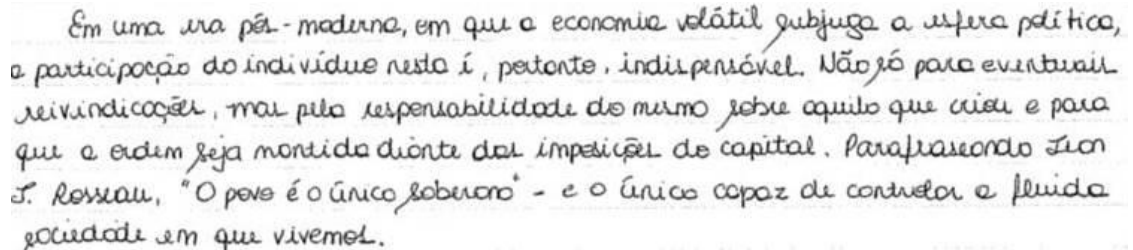


Assim como Winston Churchill disse, não há dúvida que não exista forma de governo melhor que a democracia. Ela é, com certeza, o meio mais justo de governar e que propicia iguais oportunidades a todos. Não se deve, entretanto, se manter alheio às decisões do senado, câmara, etc. Serão essas medidas que influenciarão diretamente todos no país. Por isso, é indispensável que todos tenham o direito de manifestar suas opiniões e ser ouvido, para que assim a sociedade alcance o progresso unido.

No trecho apresentado pela Figura 18, recupera-se a ideia da democracia como um governo feito a partir da atuação do povo e em favor dele, estabelecendo diálogo com as ideias do excerto de Aristóteles (mostrado na Figura 12), o qual aponta que a ciência política tem como finalidade o bem do homem. O candidato usa isso para ressaltar a necessidade de não “se manter alheio às decisões do senado, câmara, etc”, concretizando seu posicionamento perante a pergunta feita pela proposta de redação argumentativa (“Participação política: indispensável ou superada?”), como observamos em “Por isso, é indispensável que todos

cobrem o direito de manifestar suas opiniões e ser ouvido, para eu a sociedade alcance o progresso unida”.

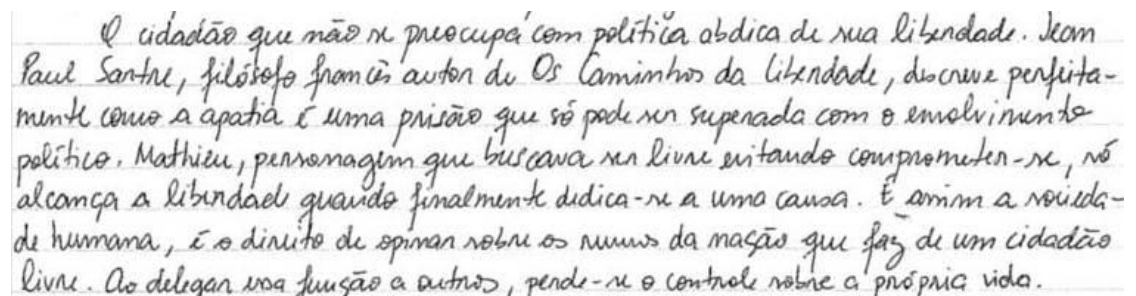
Figura 19 - Tema 1 Redação 4 (excerto 1)



Em uma era pós-moderna, em que a economia volátil subjuga a esfera política, a participação do indivíduo nesta é, portanto, indispensável. Não só para eventuais reivindicações, mas pela responsabilidade do mesmo sobre aquilo que vive e para que a ordem seja montada diante das impetuosidades do capital. Paraphraseando Jean-J. Rousseau, "O povo é o único soberano" - e o único capaz de controlar e fluir a sociedade em que vivemos.

No excerto trazido pela Figura 19, o candidato opta por trazer, em citação direta, a voz de Jean-Jacques Rousseau (“O povo é o único soberano”) como forma de reforçar a importância do povo na sociedade e, assim, ratificar a afirmação apresentada no começo do excerto apresentado (“Em uma era pós-moderna, em que a economia volátil subjuga a esfera política, a participação do indivíduo nesta é, portanto, indispensável”). Observamos que o candidato partilha dos mesmos elos da cadeia discursiva do excerto creditado a Zygmunt Bauman na proposta, uma vez que ambos discutem a subjugação da política por outras forças, nesta situação, a economia e o mercado.

Figura 20 - Tema 1 Redação 2 (excerto 3)

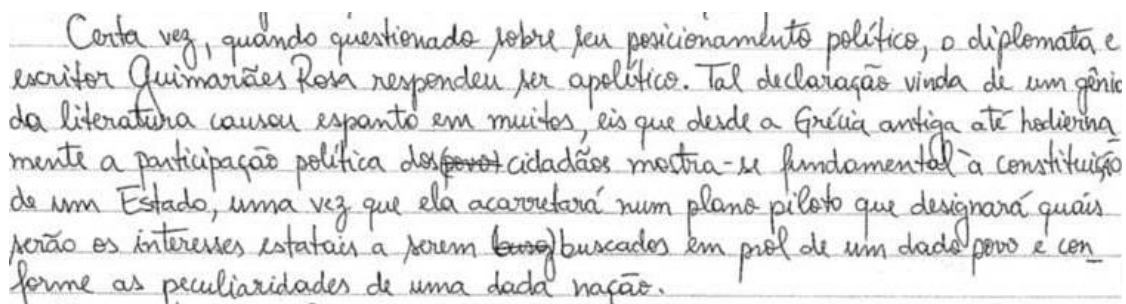


O cidadão que não se preocupa com política abdica de sua liberdade. Jean Paul Sartre, filósofo francês autor de Os Caminhos da Liberdade, descreve perfeitamente como a apatia é uma prisão que só pode ser superada com o envolvimento político. Mathieu, personagem que buscava ser livre evitando comprometer-se, só alcança a liberdade quando finalmente dedica-se a uma causa. É assim a realidade humana, é o direito de opinar sobre os rumos da nação que faz de um cidadão livre. Ao delegar essa função a outros, perde-se o controle sobre a própria vida.

Já no trecho trazido pela Figura 20, as palavras de Jean Paul-Sartre são apresentadas a partir na Trilogia Os Caminhos da Liberdade, que é constituída por três novelas – *A Idade da Razão* (*L'âge de raison*), *Sursis* (*Le sursis*) e *Com a Morte na Alma* (*La mort dans l'Âme*) –, associando envolvimento político à liberdade, já que “a apatia é uma prisão que só pode ser superada com o envolvimento político”. Mais uma vez, há um diálogo, não com o enunciado verbo-visual intitulado “Texto 5”, mas com a expressão “apolítico” que se destaca da tirinha.

Nesse sentido, o candidato aponta, como consequências da postura apolítica, a perda da liberdade.

Figura 21 - Tema 1 Redação 6 (excerto 2)



Certa vez, quando questionado sobre seu posicionamento político, o diplomata e escritor Guimarães Rosa respondeu ser apolítico. Tal declaração vinda de um gênio da literatura causou espanto em muitos, eis que desde a Grécia antiga até hodiernamente a participação política dos cidadãos mostra-se fundamental à constituição de um Estado, uma vez que ela acarretará num plano piloto que designará quais serão os interesses estatais a serem buscados em prol de um dado povo e conforme as peculiaridades de uma dada nação.

O excerto apresentado na Figura 21 mostra uma tendência pouco observada em nossas análises: a utilização de um posicionamento pessoal de um autor, uma vez que é mais comum encontrarmos diálogos com suas obras canônicas. Assim, o candidato questiona, apontando estranheza, o fato de um “diplomata e escritor” e também “gênio da literatura” afirmar ser “apolítico”. Neste excerto, vemos diálogos com dois dos enunciados trazidos pela coletânea: o “Texto 1”, que traz as palavras de Aristóteles acerca da importância da ciência política, e o “Texto 5”, a tirinha que tem como destaque a expressão ser apolítico. A palavra da voz de autoridade, aqui representada por Guimarães Rosa, é apresentada com o intuito de se estabelecer uma oposição entre aquilo que o candidato defende e aquilo que a voz de autoridade traz.

A partir, então, da análise dos excertos apresentados pelas Figuras 18, 19, 20 e 21, observamos como podem ocorrer os diálogos com vozes de autoridade não apresentadas nos enunciados componentes da proposta de redação. Porém, é importante ressaltarmos que são estes enunciados da proposta os responsáveis por fazer o candidato recuperar elos da cadeia discursiva que possam ser consistentes no embasamento do seu posicionamento acerca do tema proposto.

Outro procedimento utilizado com recorrência em nosso corpus é o estabelecimento diálogos explícitos entre a temática proposta e acontecimentos relativamente próximos ou contemporâneos à realização do exame de vestibular.

Figura 22 - Tema 1 Redação 4 (excerto 2)

Qualquer efeito sobre a economia tem repercussões diretas sobre a política, o que foi bem observado no Brasil: com o fim do "milagre brasileiro" da Era Médici, tem-se a queda do regime militar. Essa associação quase imediata decorre do deslocamento do poder, na era pós-moderna em que o mundo se encontra, do esfera pública para a privada. Grandes conglomerados financeiros orientam decisões que afetam sociedades, ocupando o lugar do povo na política, sendo que esta pertence a quem a cria, ou seja, aos próprios indivíduos. Então é que é possível dizer que "já não há mais", em que se situa.

Neste excerto da Figura 22, a concretude histórica da argumentação se dá a partir do diálogo entre um panorama do fim da Ditadura Militar brasileira, ocorrido em 1985, a história brasileira recente, com o deslocamento da força política a partir de questões de ordem econômica (“Qualquer efeito sobre a economia tem repercussões diretas sobre a política”) e aquilo que defende Zygmunt Bauman no enunciado intitulado “Texto 4”, presente na coletânea, isto é, o fato de forças políticas serem substituídas por outras forças na era pós-moderna. O candidato aponta, em sua redação, o fato de os grandes conglomerados financeiros serem esse grande substituto. O mesmo procedimento pode ser observado no trecho apresentado pela Figura 15, o qual traz, inclusive de forma explícita, quais instituições seriam responsáveis por ocupar o lugar das forças políticas, como encontramos em: “Omitindo-se, os cidadãos perderão totalmente o controle dos rumos políticos, restando ao bel prazer dos atuais substitutos das instituições políticas: o FMI, o Banco Mundial e a OMC [...]”.

Figura 23 - Tema 1 Redação 5 (excerto 3)

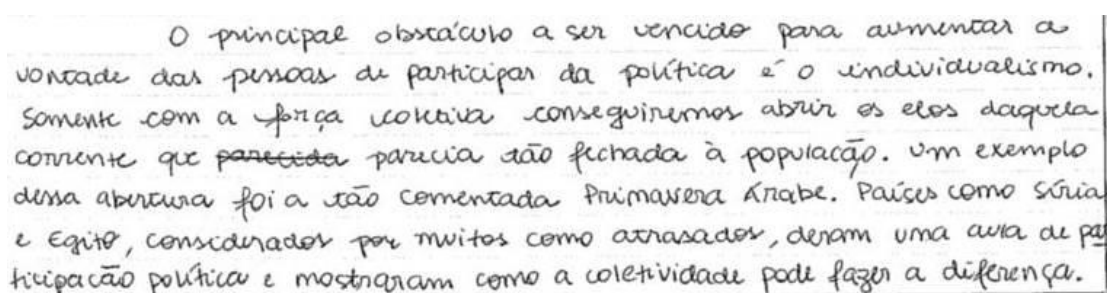
Nesse plano de fundo, 2017 pode ser entendido como um ano de renascimento, tendo as ruas do mundo visto as maiores manifestações desde 1968, indo na contramão dos que postulam que a política morreu. Mesmo em condições adversas, a participação popular, aparentemente adormecida acordou e tende a se firmar cada vez mais como forma de consciência global. Se a História acabou com a queda do Muro de Berlim, o fim da História acabou quando um homem ateou fogo ao próprio corpo no final de 2010 em Túnis, dando início às revoltas batizadas de Primavera Árabe. Protestos tunísios, líbios, egípcios, gregos, “Indignados” espanhóis, Occupy Wall Street e tantos outros, então, são para nos mostrar que a participação política no século XXI não só tem e merece bastante espaço, mas também como disse Aristóteles, ~~o~~ ^{ela} ~~foi~~ ^é sempre será indispensável.

O trecho trazido pela Figura 23, por sua vez, assim como os excertos das Figuras 22 e 15, utiliza os fatos históricos contemporâneos a fim de argumentar sobre a importância da

participação política, a exemplo do “[...] um homem ateou fogo ao próprio corpo no próprio corpo no final de 2010 em Túnis, dando início às revoltas batizadas de Primavera Árabe. Protestos tunísios, líbios, egípcios, gregos “indignados” espanhóis, Occupy Wall Street [...]”. Assim, o candidato opta pelo elencar de diversos acontecimentos como exemplificação da importância da participação política ao longo do tempo, dialogando, em sentido de oposição, com o excerto de Bauman, na proposta, o qual defende o enfraquecimento das forças políticas.

Dentro os acontecimentos mencionados, vemos com maior frequência a Primavera Árabe, que aparece em três das sete redações analisadas. Este evento consistiu em uma série de manifestações e protestos populares que ocorreram no Oriente Médio e no norte da África em dezembro de 2010, objetivando a derrubada de governos ditatoriais, a melhora das condições de vida da população – que sofria com altas taxas de desemprego e com o alto custo dos alimentos – e a realização de eleições, representando, portanto, a participação política como protagonista para mudanças. É o que pode ser observado, por exemplo, no excerto da Figura 24:

Figura 24 - Tema 1 Redação 3 (excerto 2)



O principal obstáculo a ser vencido para aumentar a vontade das pessoas de participar da política é o individualismo. Somente com a força coletiva conseguiremos abrir os olhos daquela corrente que parecia ser fechada à população. Um exemplo dessa abertura foi a tão comentada Primavera Árabe. Países como Síria e Egito, considerados por muitos como atrasados, deram uma aula de participação política e mostraram como a coletividade pode fazer a diferença.

Porém, cabe-nos ainda ressaltar que a utilização deste acontecimento contemporâneo ocorre de forma superficial (“Países como Síria e Egito, considerados por muitos como atrasados, deram uma aula de participação política e mostraram como a coletividade pode fazer a diferença”), isto é, não há uma contextualização detalhada dos motivos que levaram à ocorrência deste evento ou no que, de fato, consistiu esse evento, diferentemente do que acontece com o trecho trazido pela Figura 23, em que há mais detalhes acerca da Primavera Árabe. Assim, cabe ao leitor (e, no caso, à banca examinadora) recuperar memórias que este enunciado/fato possa suscitar, a fim de aprofundar a compreensão da relação feita pelo candidato com a situação apresentada.

Com essas análises foi possível constatar que todos os candidatos delimitaram um posicionamento claro perante a questão proposta pela frase-tema (“Participação política:

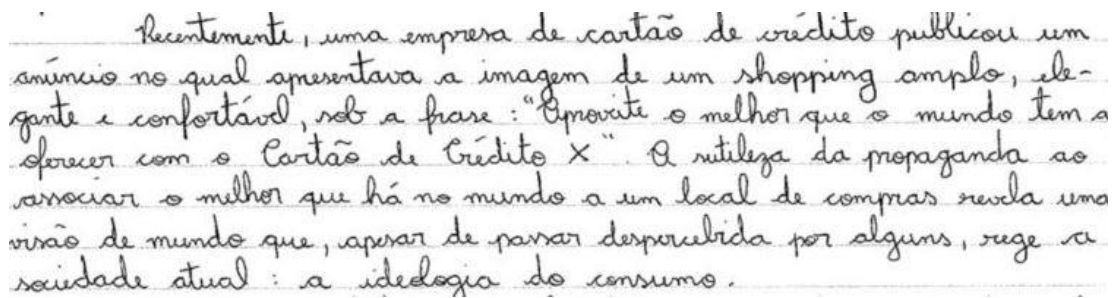
indispensável ou superada?”). Como já dissemos, isso pode ser justificado pela forma como a proposta de redação argumentativa é construída, já que a frase-tema provoca como resposta um posicionamento perante as duas opções possíveis. Ademais, não observamos quaisquer citações diretas dos textos, verbais e visuais dos excertos trazidos pela proposta de redação argumentativa. Em vez disso, constatamos a tendência em se estabelecer diálogos com os textos da coletânea ou a partir de citações indiretas com os enunciados da coletânea – embora isso ocorra com menor frequência – ou com enunciados emergentes na mesma esfera de atividade humana das quais emergem enunciados componentes da proposta. Acreditamos que isso se deva ao fato de essa proposta trazer uma grande variabilidade de textos – embora pertencentes quase que em sua totalidade às mesmas esferas de atividade – fazendo com que os candidatos conseguissem recuperar diferentes elos da teia discursiva ao longo da elaboração de sua redação argumentativa escolar. Nesse contexto, também observamos uma tendência à utilização de citações indiretas (de enunciados não componentes da proposta), isto é, ao sutil apagamento das fronteiras entre a voz do “eu” e do “outro”, em especial quando os posicionamentos do candidato e da voz de autoridade fazem-se afins. Um último ponto a atentarmos diz respeito ao conteúdo temático dos diálogos estabelecidos. Em concordância com os direcionamentos dos excertos trazidos pela proposta (cinco enunciados, sendo três deles oriundos da esfera filosófica em diálogo com as esferas política e sociológica, e dois oriundos da esfera artística, também em diálogo com a esfera política), observamos uma maior tendência à recuperação de enunciados mais voltados a discussões filosóficas, políticas e sociológicas do que enunciados oriundos na esfera artística, sendo que estes apareceram em menor quantidade no *corpus* por nós escolhido.

4.6. Análise das redações argumentativas escolares da FUVEST 2013

Cabe a nós, agora, analisarmos as redações elaboradas a partir da segunda proposta de redação argumentativa escolar com a qual optamos por trabalhar. Devemos lembrar que, diferentemente da Proposta 1, a Proposta 2 não apresenta temática explícita, resumida em uma frase-tema, isto é, cabe ao candidato, segundo a proposta, interpretar e discutir a mensagem do anúncio, além de retomar os elos da cadeia discursiva que os enunciados trazem. Nesse sentido, lembramos também que os enunciados componentes da Proposta 2 remetem à questão do consumo e às ideias que esse consumo traz consigo (isto é, valores, visões de mundo).

Primeiramente, constatamos que, diferentemente do que aconteceu com as redações elaboradas a partir da primeira proposta de redação argumentativa escolar por nós analisadas, nesta houve tanto o uso de citações diretas quando indiretas dos enunciados que compõem a proposta, em especial do *slogan* presente no anúncio publicitário (o qual apresentava, em sua construção, o enunciado verbo-visual “Aproveite o melhor que o mundo tem a oferecer com o Cartão de Crédito X”). Observamos também que as citações deste enunciado verbo-visual são utilizadas para: 1) para descrever /recuperar o enunciado verbo-visual presente no anúncio que compõe a proposta e; 2) exibir e/ou posicionar-se contra a ideologia do consumo e ressaltar a maleficência da suplantação de valores importantes às relações sociais – a exemplo, a felicidade e o sucesso – pelo consumismo. Este é o caso do da redação 5, cujo trecho segue abaixo:

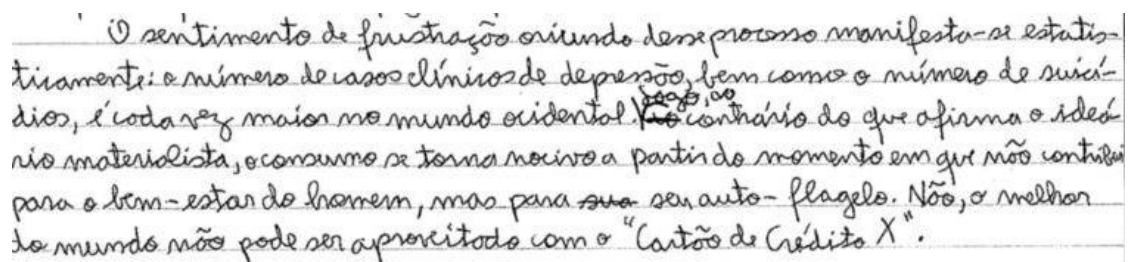
Figura 25 - Tema 2 Redação 5



Recentemente, uma empresa de cartão de crédito publicou um anúncio no qual apresentava a imagem de um shopping amplo, elegante e confortável, sob a frase: "Aproveite o melhor que o mundo tem a oferecer com o Cartão de Crédito X". A utilização da propaganda ao associar o melhor que há no mundo a um local de compras revela uma visão de mundo que, apesar de passar despercebida por alguns, rege a sociedade atual: a ideologia do consumo.

O trecho apresentado pela Figura 25 representa a tendência por nós encontrada em se usar o enunciado verbo-visual a partir de uma descrição verbal daquele. Assim, o candidato apropria-se do slogan publicitário para identificar valores axiológicos – neste caso, a proposição do consumo exacerbado como estilo de vida – os quais serão posteriormente debatidos em sua redação argumentativa escolar. Apontamos que, neste excerto, temos um trecho menos argumentativo e mais expositivo, assim, o posicionamento do candidato só será apreendido quando a redação for lida em sua integridade.

Figura 26 - Tema 2 Redação 4

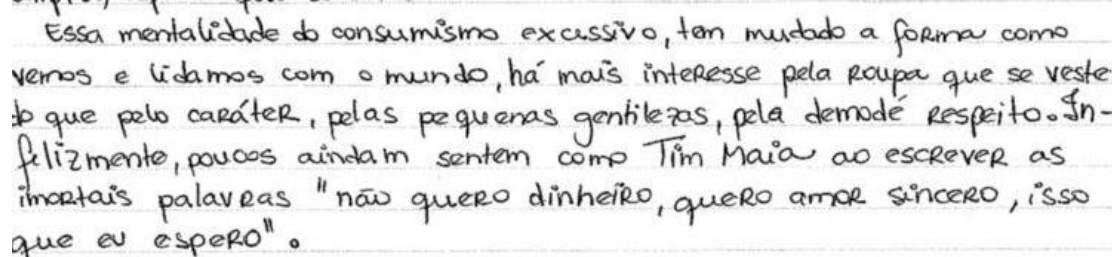


O sentimento de frustração oriundo desse processo manifesta-se estatisticamente: o número de casos clínicos de depressão, bem como o número de suicídios, é cada vez maior no mundo ocidental. ^{isso é} ~~isso~~ contrário do que afirma o idealismo materialista, o consumo se torna nocivo a partir do momento em que não contribui para o bem-estar do homem, mas para sua ~~seu~~ auto-flagelo. Não, o melhor do mundo não pode ser aproveitado com o "Cartão de Crédito X".

Como podemos observar, o excerto da Figura 26 mostra como o candidato utiliza-se de uma releitura do *slogan* trazido pelo enunciado verbo-visual com o intuito de negá-lo, estabelecendo, assim, um diálogo de oposição (“Não, o melhor do mundo não pode ser aproveitado com o ‘Cartão de Crédito X’”). Não há a presença de uma citação direta do enunciado verbal componente da publicidade, porém, a manutenção da estrutura frasal muito próxima ao enunciado “Aproveite o melhor que o mundo tem a oferecer com o Cartão de Crédito X” transmite uma negação mais incisiva aos valores ditados pelo conjunto formado pelo enunciado global (o anúncio) composto pelo enunciado visual e pelo enunciado verbo-visual.

É importante ressaltarmos que, como a proposta de redação argumentativa traz apenas uma voz de autoridade sobre a questão temática da proposta (o anúncio publicitário), uma parte dos candidatos recorreu a vozes, externas à proposta, e enunciados que emergem de várias áreas da atividade humana como forma de embasamento teórico à discussão promovida. Este procedimento, em nosso *corpus*, aconteceu por meio das citações indiretas.

Figura 27 - Tema 2 Redação 1



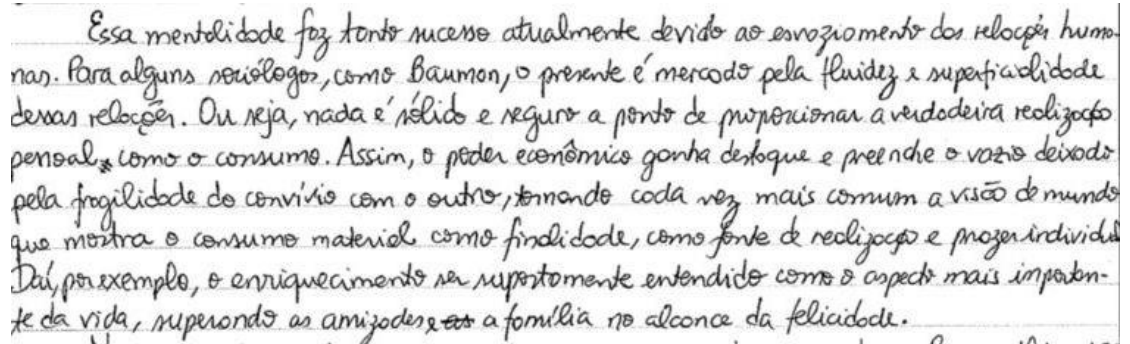
Essa mentalidade do consumismo excessivo, tem mudado a forma como vemos e lidamos com o mundo, há mais interesse pela roupa que se veste do que pelo caráter, pelas pequenas gentilezas, pela demora respeito. Infelizmente, poucos ainda tem sentem como Tim Maia ao escrever as imortais palavras "não quero dinheiro, quero amor sincero, isso que eu espero".

Como observamos no trecho trazido pela Figura 27, há uma citação direta de uma música escrita por Tim Maia (e, portanto, temos um enunciado que nasce na esfera artística) a qual retoma os elos da cadeia discursiva relacionados ao consumo, porém, como forma de contestação desta ideologia, apresentada em especial pelo *slogan* que compõe o anúncio (“Aproveite o melhor que a vida tem a oferecer com o Cartão de Crédito X”), já que o enunciado produzido pelo cantor prioriza valores outros – a exemplo do “amor sincero” – que não o consumismo e a aquisição de bens materiais – “não quero dinheiro”.

No entanto, o uso de informações que extrapolam os enunciados que compõem a proposta de redação argumentativa escolar ocorreram de forma mais expressiva a partir da utilização das citações indiretas, a exemplo da utilização de teorias desenvolvidas pelo sociólogo contemporâneo Zygmunt Bauman, proponente da ideia de fluidez das relações

sociais, inclusive em diálogo com a questão do consumo, como podemos observar no excerto da Figura 28:

Figura 28 - Tema 2 Redação 3 (excerto 1)

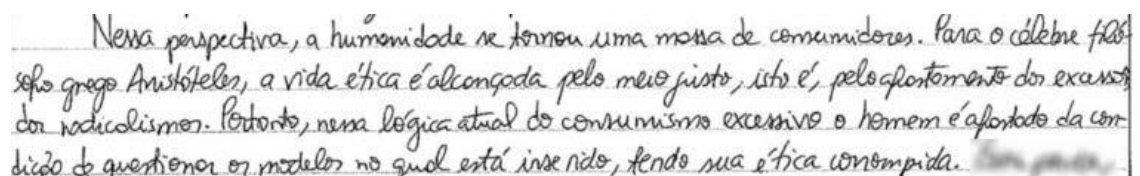


Essa mentalidade faz tanto sucesso atualmente devido ao esvaziamento das relações humanas. Para alguns sociólogos, como Bauman, o presente é marcado pela fluidez e superficialidade dessas relações. Ou seja, nada é sólido e regua a ponto de proporcionar a verdadeira realização pessoal, como o consumo. Assim, o poder econômico ganha destaque e preenche o vazio deixado pela fragilidade do convívio com o outro, tornando cada vez mais comum a visão de mundo que mostra o consumo material como finalidade, como fonte de realização e prazer individual. Daí, por exemplo, o enriquecimento ser supostamente entendido como o aspecto mais importante da vida, superando as amizades e a família no alcance da felicidade.

Neste excerto, o candidato parte do conceito de modernidade líquida, o que pode ser notado não somente pelo uso de termos que remetem a esse conceito – a exemplo, “fluidez”, “superficialidade”, “esvaziamento das relações humanas” – mas também pela apropriação da teoria de Bauman (2001) no contexto do consumo. Primeiramente, é importante delimitarmos que este pensador contemporâneo classifica como “Modernidade Líquida” o contexto por nós vivido hoje. Nele, todas as relações vivenciadas pelo indivíduo comportam-se como “líquidos”, isto é, estabelecem laços facilmente decompostos e modeláveis à satisfação imediata (em oposição àquilo que seria sólido, ou seja, permanente, concreto, duradouro), tornando-se materiais de consumo. Nesse sentido, observamos que o candidato lança mão do conceito de Bauman para discutir a questão do consumo como uma forma de se preencher o vazio deixado pela fragilidade dos laços sociais, que se mostram voláteis e passageiros, trazendo, ao homem, a realização e o prazer pessoais.

Outras vozes de autoridade também se fizeram presente, como podemos observar no trecho da Figura 29:

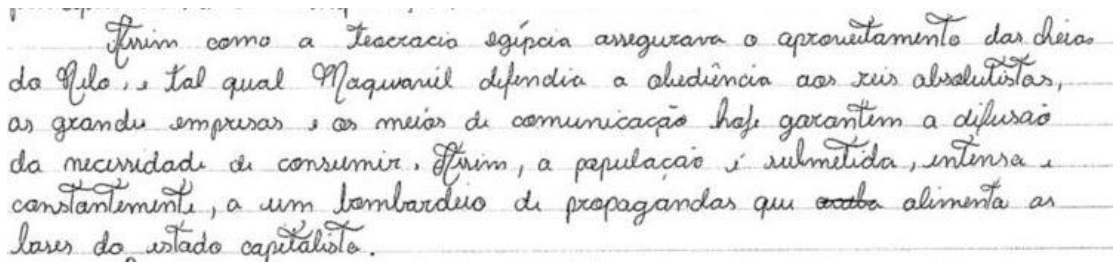
Figura 29 - Tema 2 Redação 3 (excerto 2)



Nessa perspectiva, a humanidade se tornou uma massa de consumidores. Para o celebre filósofo grego Aristóteles, a vida ética é alcançada pelo meio justo, isto é, pelo afastamento dos excessos dos radicalismos. Portanto, nessa lógica atual do consumismo excessivo o homem é afastado da condição de questionar os modelos no qual está inserido, tendo sua ética consumida.

O candidato, neste excerto, por exemplo, discute o conceito aristotélico de vida ética a partir do equilíbrio – enunciado que emerge na esfera filosófica –, mas sem que, para isso, lance mão de citações diretas. O mesmo procedimento pode ser observado nos excertos das Figuras 30, 31 e 32, nas quais temos amostras da utilização de vozes de autoridade exteriores à proposta de redação argumentativa.

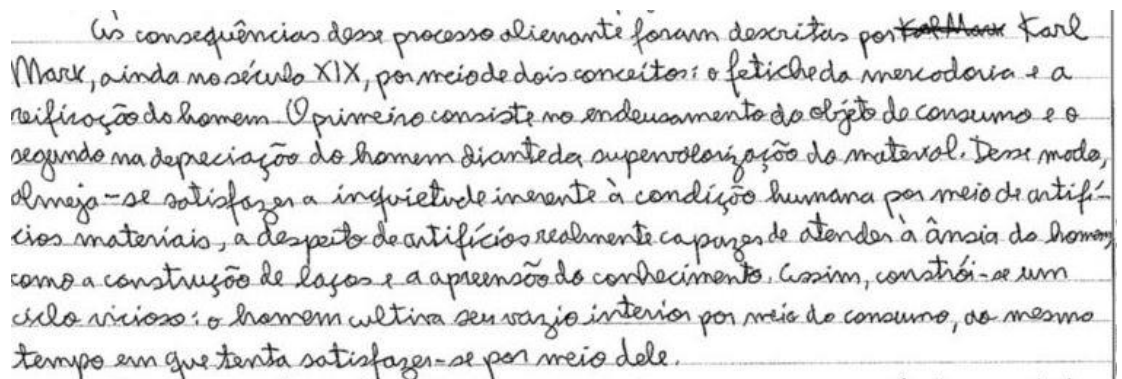
Figura 30 - Tema 2 Redação 2



Foram como a tessitura egípcia assegurava o aproveitamento das cheias do Nilo, e tal qual Maquiavel defendia a obediência aos reis absolutistas, as grandes empresas e os meios de comunicação hoje garantem a difusão da necessidade de consumir. Assim, a população é submetida, intensa e constantemente, a um bombardeio de propagandas que acaba alimentando as bases do estado capitalista.

No excerto da Figura 30, temos a citação indireta de um enunciado que emerge na esfera filosófica e que transita também pela esfera política, a fim de se justificar a origem da mentalidade consumista que, segundo o candidato, está presente na contemporaneidade. Por meio deste processo notamos que há uma diluição das fronteiras entre a voz do candidato e a voz da autoridade apresentada como forma de reforçar o posicionamento apresentado ao longo da redação argumentativa.

Figura 31 - Tema 2 Redação 4



As consequências desse processo alienante foram descritas por ~~Karl~~ Karl Marx, ainda no século XIX, por meio de dois conceitos: o fetiche da mercadoria e a reificação do homem. O primeiro consiste no endeuamento do objeto de consumo e o segundo na depreciação do homem diante da supervalorização do material. Desse modo, deseja-se satisfazer a inquietude inerente à condição humana por meio de artifícios materiais, a despeito de artifícios realmente capazes de atender à ansia do homem, como a construção de laços e a apreensão de conhecimentos. Assim, constrói-se um ciclo vicioso: o homem cultiva seu vazio interior por meio de consumo, ao mesmo tempo em que tenta satisfazer-se por meio dele.

Já no trecho apresentado pela Figura 31, temos, por meio de uma citação indireta, a apresentação de um enunciado emergente na esfera sociológica, já que o candidato se utiliza das ideias de Karl Marx para também justificar a disseminação do consumismo na sociedade.

Figura 32 - Tema 2 Redação 7

Em "Valdrada", cidade descrita por Ítalo Calvino em "As cidades invisíveis", há um lago que reflete todos os movimentos dos moradores, de modo que as pessoas passam a agir conforme a imagem transmitida de si próprios ~~aos outros~~ no espelho d'água aos outros. Saíndo da ficção, por fim, algo similar se desnuda: constrói-se um mundo de consumo e de imagens que acaba não apenas dando um sentido possível à realidade, mas confundindo-se com ela. A reflexão, assim como em "Valdrada", é imagética, subordinada aos valores constituídos e, em tal fantasia, afoga uma reflexão consciente sobre um outro mundo possível.

Por sua vez, o excerto da Figura 32, traz um processo diferente. Embora tenhamos uma citação indireta, o candidato usa outros recursos que permitem delimitar melhor a separação entre a voz dele – candidato – e a voz de autoridade. Nesse sentido, tem-se não só a apresentação do autor da obra a ser citada ("Ítalo Calvino") quanto o nome da obra em si ("As cidades invisíveis").

Cabe a nós trazer um último exemplo a ser discutido e comparado em especial com o que foi trazido pela Figura 33:

Figura 33 - Tema 2 Redação 6

Por fim, é notório a estreita relação entre a ~~capacidade~~ capacidade individual de compra e o acesso aos benefícios sociais, o que acaba por destituir o caráter peculiarmente egoísta do ser humano, podendo até ser nefasto como no caso do personagem de Aluísio de Azevedo, João Romão, onde a avareza toma conta do indivíduo. Na sociedade do consumo, a avareza deixa de ser um pecado para se tornar quase um estilo de vida.

Como ocorre com o excerto da Figura 32, no trecho trazido pela Figura 33 temos uma voz de autoridade cujo enunciado emerge na esfera de atividade artística. Embora haja um processo de delimitação entre as vozes do candidato e da autoridade, através da citação de um autor ("Aluísio Azevedo"), vemos que o candidato parte do pressuposto que o leitor domina as informações por ele trazidas, já que pouco explica o contexto de existência ou quem seria João Romão. Assim, diferentemente do que acontece na Figura 32 – em que os elos da cadeia discursiva são mais explícitos –, o procedimento adotado pelo candidato autor da redação apresentada pela Figura 33 faz com que caiba ao leitor recuperar esses elos apontados.

Finalmente, um último adendo deve ser feito: foram poucos os candidatos que dialogaram de forma direta com o enunciado visual e, quando isso ocorreu, esse diálogo deu-

se por meio do reconhecimento de que a imagem apresentada era um *shopping*, considerados como “templos do consumo”.

Figura 34 - Tema 2 Redação 3 (excerto 3)

Valores equivocados de uma aberração ética
 Equivocadamente, os valores associados à felicidade, à realização e ao sucesso estão submetidos ao poder de consumo no mundo contemporâneo, isto é, ser feliz, realizado ou bem sucedido hoje é ter a capacidade de comprar e ostentar certos produtos e marcas. Percebe-se isso pelo crescimento dos verdadeiros templos do consumo, os *shopping centers*, e pelas anúncios publicitários, como o que diz: "Aproveite o melhor que o mundo tem a oferecer com o Cartão de Crédito X".

Como observamos no excerto apresentado pela Figura 34, o candidato percorre uma linha de raciocínio que liga o consumo a valores, como a felicidade, a realização e o sucesso. Nessa perspectiva, os *shoppings* seriam os espaços destinados à prática do consumo em busca da aquisição desses valores. A ideia de “templo do consumo”, por sua vez, reforça a pujança dessa prática, já que o vocábulo “templo” remete ao lugar da realização de atos sagrados, o que, segundo a visão do candidato, estaria associado ao ato de comprar.

A partir, então, das análises feitas, algumas considerações são passíveis de apontamento. Primeiramente, o uso das citações diretas deu-se de forma exclusiva ao *slogan* publicitário. Acreditamos que isso se liga diretamente ao fato de os candidatos desejarem mostrar de forma explícita a separação entre a sua voz – que em todas as redações analisadas mostraram-se contra os valores disseminados pela publicidade – e aquilo que propunha o anúncio. Secundariamente, no que tange às citações indiretas, observamos que elas se fizeram presentes quando a voz de autoridade e o candidato partilhavam um mesmo posicionamento, já que, nesta situação, não houve a necessidade de diluição de fronteiras entre o discurso do “eu” e o discurso do “outro” para que o candidato pudesse marcar seu posicionamento em relação aos valores axiológicos disseminados. A única situação por nós observada em que foram usados outros recursos que não a citação direta para a separação entre os discursos foi quando os enunciados das vozes de autoridade emergiram da esfera artística, servindo, portanto, como forma de exemplificação para aquilo que o candidato defendia em sua redação argumentativa. Acreditamos que isso se deva não só à dificuldade de se citar indiretamente apenas um pequeno trecho de um enunciado da esfera artística, que geralmente constrói seu sentido pleno a partir da integridade da obra, como também ao fato de que o uso do enunciado

de uma voz de autoridade a partir da sua reprodução integral pode ser entendido pelo candidato como uma estratégia de reforço da argumentação desenvolvida.

4.7. Considerações comparativas acerca do que foi encontrado nas análises

Ao tecer um paralelo entre as redações argumentativas escolares feitas com base nas propostas 1 e 2, observamos, inicialmente, que a proposta de redação argumentativa escolar 1 trouxe uma quantidade maior de enunciados produzidos por vozes de autoridade naquilo que seria a temática sugerida ao candidato ("Participação política: indispensável ou superada?"). Isso parece ocorrer devido a uma maior facilidade para que os candidatos retomassem alguns elos da cadeia discursiva, a fim de reforçar ou argumentar sobre o tema. Mesmo assim, muitos optaram pela não utilização de citações, fossem de ordem direta ou indireta, dos excertos da coletânea, já que foi possível recuperar outros enunciados produzidos por aquela voz de autoridade que estava presente nos enunciados componentes da coletânea. Observamos ainda que muitos candidatos cujas redações argumentativas analisamos aqui conseguiram recuperar o contexto sócio-histórico de produção dos enunciados trazidos pela proposta para, assim, utilizar esse contexto como plano de fundo para as discussões desenvolvidas.

No que tange à proposta 2, cujo tema não era explicitamente delimitado e cujos enunciados de vozes de autoridade se restringiam à voz da banca examinadora e ao anúncio publicitário – sem quaisquer enunciados que emergiram das esferas de atividade política, filosófica, sociológica, artística e afins –, muitos candidatos aparentaram ter bagagem pessoal de conteúdos e informações e possibilidades de recorrer a diferentes esferas de atividade humana (e os enunciados que nelas nascem) como forma de reforçar a discussão que estavam desenvolvendo, embora devamos pontuar que os enunciados das vozes de autoridade emergiram de forma mais frequente das esferas filosófica e artística. Assim, notamos que o direcionamento temático foi menos coercitivo, fazendo com que o candidato retomasse os elos da cadeia discursiva que fossem mais interessantes e familiares para ele recuperar.

5. Considerações finais

A partir das discussões acerca do vestibular da FUVEST desenvolvidas ao longo desta pesquisa, e dos estudos bibliográficos por nós realizados, verificamos, então, a existência de dois gêneros comumente presentes em ambientes escolares: a proposta de redação argumentativa e a redação argumentativa escolar. Ademais, observamos que, embora seja indicado pela banca examinadora que sejam estabelecidos diálogos entre a proposta e a produção textual do candidato, não há rígidas exigências sobre como isso deve acontecer. Assim, observamos a ocorrência de citações diretas e, principalmente, indiretas dos enunciados componentes desse enunciado maior que é a proposta.

Sobre o gênero proposta de redação argumentativa foi possível observar que ele se configura como um enunciado maior composto por outros enunciados que podem ser de caráter visual, verbal ou ainda verbo-visual. Nele, encontramos estabilidades, que levam à manutenção, e instabilidades, que tendem à atualização. A tendência à manutenção foi caracterizada pela separação da proposta em três seções: a primeira direcionada ao recorte do conteúdo temático o qual deve ser abordado; a segunda, com indicações coercitivas temáticas acerca de quais elos da cadeia discursiva devem ser retomados; a terceira, com recomendações acerca de como a produção textual do candidato deve ser estruturada. Já a tendência à atualização, notamos na presença de diferentes materialidades verbais como forma a delimitar o tema proposto bem como a presença de diferentes vozes de autoridade. Ressaltamos aqui que a voz do examinador por vezes tem pouco destaque temático, isto é, apesar de ser responsável por organizar os enunciados componentes da proposta, raras vezes tece considerações sobre a discussão do tema. Ademais, notamos a presença dos três elementos que, segundo Bakhtin, são responsáveis por definir os gêneros. O conteúdo temático, no gênero proposta de redação argumentativa, está expresso nos excertos componentes da proposta – os quais, invariavelmente, trazem consigo um posicionamento valorativo acerca de alguma questão da atualidade – e, por vezes, também na frase-tema. Aquele nasce a partir de questões da contemporaneidade – em especial o papel do ser humano como cidadão e o exercício dessa cidadania –, estando associadas, muitas vezes, também a questões filosóficas debatidas por grandes filósofos. Já no que tange ao estilo, vimos que duas questões são marcantes: os enunciados menores que compõem a proposta trazem consigo a voz de outrem e marcas estilísticas deste outrem. Assim, cada excerto traz marcas linguísticas das esferas onde emergem, (a exemplo das diferenças existentes quando comparamos os enunciados “Texto 2” e “Texto 4” da Proposta 1, oriundos, respectivamente, da esfera

filosófica e da esfera artística. Há ainda a voz da banca examinadora, cujo objetivo é, além de organizar a proposta, instaurar regras para a produção textual do candidato, trazendo, dessa forma, marcas linguísticas específicas deste processo, como o uso do tipo textual injuntivo. Finalmente, a construção composicional dá-se, como já citado, a partir da apresentação de um enunciado maior (a proposta) composto por vários enunciados menores. Esses enunciados são divididos em duas diferentes três, a primeira responsável por situar o candidato acerca do conteúdo temático a ser discutido, a segunda objetivando dar instruções temáticas acerca daquilo que o candidato terá que produzir e, finalmente, a terceira, trazendo instruções estruturais sobre como deverá ser a redação a ser produzida. Por fim, concluímos que o gênero proposta de redação argumentativa pertence à categoria, definida por Bakhtin, dos gêneros secundários, por não se elaborar na comunicação imediata, bem como por estar ligado a contextos mais complexos.

É importante ainda ressaltarmos que ambas as propostas refletem um posicionamento da banca examinadora acerca de como os enunciados devem ser compreendidos, fato explicitado tanto por meio da escolha dos enunciados que compõem a proposta quanto pela definição da fase-tema (quando ela aparece). Dessa forma, tanto na proposta de redação argumentativa da FUVEST 2012 quanto na proposta de redação argumentativa da FUVEST 2013 encontramos indicação, feitas pela própria banca, de que os enunciados não são produtos isolados uns dos outros, mas sim componentes de uma grande teia de relações de significados e, por isso, devem ser compreendidos a partir dessas relações estabelecidas si. O dever do candidato, então, é recuperar essas ideias e as demais relações formadas, não apenas refletindo sobre, mas de fato trazendo-as em sua redação argumentativa.

Já sobre o gênero redação argumentativa escolar observamos que os três elementos identificados por Bakhtin também estão presentes. No que tange ao conteúdo temático, vemos que este é delimitado pela coletânea componente da proposta de redação argumentativa. Porém, o candidato assume uma postura valorativa em relação à discussão proposta, podendo recorrer tanto a vozes de autoridade quanto a situações contemporâneas ou históricas com o intuito de desenvolver sua linha argumentativa. Assim, o conteúdo temático da redação argumentativa escolar é delimitado, porém, conta com a presença de informações e conteúdos pessoais do candidato, isto é, de informações que extrapolam os enunciados componentes da proposta. Já no plano do estilo de linguagem, vemos alguns recursos que mais se destacam. O primeiro deles é o uso da norma culta da linguagem, especialmente porque isso é exigido do candidato. Há, também, uma tendência à impessoalidade, isto é, ao afastamento do candidato em relação àquilo que é dito, objetivando apresentar fatos de uma perspectiva não

particularizada, dando credibilidade, já que a discussão é feita a partir de uma visão global. Para a concretização disso, observamos duas estratégias linguísticas majoritárias: o uso da primeira pessoa do plural (“nós”), capaz de, linguisticamente, integrar o candidato que fala e o examinador que lê, trazendo um caráter universal à discussão, e o uso da impessoalidade, por meio da indeterminação do sujeito, o que, por sua vez retira o caráter subjetivo da escrita da redação. Ambas as estratégias atuam de forma a trazer uma discussão que não se restringe à visão do candidato, mas que pode ser aplicada a diferentes contextos e tempos, fato que traz consistência ao ponto de vista. Além disso, podemos mencionar que os elementos de coesão são fundamentais na construção da linha argumentativa que o candidato busca desenvolver. Finalmente, na construção composicional, observamos que a redação argumentativa escolar é dividida em três seções, sendo elas: introdução – composta por um parágrafo, que tem como objetivo a apresentação resumida das ideias a serem desenvolvidas e na qual predomina a contextualização da discussão bem como a exposição do ponto de vista a ser assumido pelo candidato –, desenvolvimento – contendo de 1 a 3 parágrafos de caráter majoritariamente argumentativo, destinando-se ao aprofundamento daquilo que foi apontado na introdução – e, por fim, a conclusão – em que, trazendo uma exposição sintética do que foi defendido bem como a retomada do posicionamento assumido, é constituída por apenas um parágrafo. As seções constituintes da redação possuem caráter majoritariamente opinativo, embora sequências descritivas, narrativas e explicativas também possam ser observadas. Ainda apontamos, na construção composicional, a presença das relações dialógicas entre a coletânea e a produção textual do candidato. Finalmente, assim como a proposta de redação argumentativa, a redação argumentativa escolar também se encontra como pertencente à categoria bakhtiniana dos gêneros secundários, pois não nasce na comunicação imediata. Ao contrário disso, este gênero relaciona-se a um contexto de produção organizado e complexo, demandando um enunciado previamente planejado.

Em nossas análises, constatamos primeiramente que, na FUVEST 2012, que trouxe um tema de caráter político, os candidatos cujos textos foram analisados tenderam a concordar com os direcionamentos trazidos nos enunciados da proposta, neste caso, defendendo a importância da participação política. Acreditamos que isso se deva à forma como é construída essa proposta de redação argumentativa escolar, trazendo um questionamento o qual demanda um posicionamento dentre duas opções fornecidas, bem como à coletânea trazida, já que todos os enunciados refletiam a importância da participação política. Já no âmbito da FUVEST 2013, cuja proposta de redação aproximava-se de uma temática mais social, os candidatos tenderam a contestar a máxima presente no senso comum

de que “o dinheiro tudo compra”, opondo-se ao *slogan* presente no anúncio publicitário trazido pela coletânea.

Quanto maior o número de excertos componentes da proposta, menor foi a tendência ao uso desses enunciados na redação argumentativa escolar elaborada pelo candidato. Acreditamos que isso deve ao fato de que a maior quantidade de excertos torna mais fácil a recuperação de diferentes elos da cadeia discursiva, não sendo necessário recorrer àquilo que foi fornecido pela banca examinadora. Por outro lado, uma proposta com um número menor de enunciados de diferentes vozes de autoridade fez com que os poucos excertos apresentados fossem usados como base para o embasamento da discussão. Porém, esse uso sempre foi complementado ou por outras vozes de autoridade ou por fatos concretos relacionados a situações cotidianas.

Observamos, também, que os processos de citação direta apareceram em menor quantidade quando comparados com os de uma citação indireta. Acreditamos que isso ocorra, pois acaba sendo mais fácil retomar as ideias que uma voz de autoridade propõe do que a citação direta *ipsis litteris*. É importante ressaltarmos, porém, que, em ambos os casos, as redações argumentativas acabaram por atingir as expectativas da banca examinadora, trazendo-nos a ideia de que o vestibular da FUVEST não preza pela memorização das palavras de outrem, mas por uma argumentação lógica em que as ideias de diferentes autoridades sejam utilizadas de forma coesa e consistente.

Notamos ainda que os candidatos procuram recorrer majoritariamente a vozes de autoridade cujos enunciados emergem das esferas filosófica, sociológica e política. Apontamos, então, que isso ocorre devido ao fato de ser comumente divulgado, em especial nas escolas, que este tipo de conteúdo seria aquele valorizado pela banca examinadora, já que seria oriundo de pensadores prestigiados nas academias e na história do pensamento contemporâneo. Porém, em oposição a essa ideia do senso comum, vimos que essa valorização pode se mostrar falsa, uma vez que, em nosso *corpus*, encontramos redações argumentativas utilizando-se apenas de fatos concretos do cotidiano e do diálogo com as ideias da proposta. Essas redações, assim como aquelas que utilizaram as informações e conteúdos ditos “valorizados” alcançaram as expectativas esperadas e foram classificadas como as melhores produções de seus respectivos anos.

Portanto, com essa pesquisa, apontamos a existência de dois gêneros oriundos da esfera educacional, a proposta de redação argumentativa e a redação argumentativa escolar e mostramos, com nossas análises, que há uma diversidade dos processos de citação utilizados nas redações elaboradas para o vestibular da FUVEST, não havendo, porém, predileção ou

valorações diferentes em relação aos dois processos por nós explorados aqui. Também conseguimos observar que, embora uma grande quantidade de enunciados utilizados para embasar a argumentação do candidato seja oriunda de esferas de atividade filosófica, sociológica ou política, aqueles que emergem na esfera artística ou que retomam fatos, contemporâneos ou históricos, são igualmente considerados pela banca examinadora.

REFERÊNCIAS

BAKTHIN, M. Os gêneros do discurso. IN: BAKTHIN, M. **Estética da criação verbal**. Introdução e tradução do russo Paulo Bezerra; prefácio à edição francesa Tzvetan Todorov. São Paulo: Martins Fontes, 2003a. p.261-306.

_____. Reformulação do livro sobre Dostoiévski. IN: BAKTHIN, M. **Estética da criação verbal**. Introdução e tradução do russo Paulo Bezerra; prefácio à edição francesa Tzvetan Todorov. São Paulo: Martins Fontes, 2003b. p.337-357.

_____. **Questões de Literatura e Estética: A teoria do romance**. 5. ed. São Paulo, Hucitec, 2002.

BAUMAN, Z. **Modernidade Líquida**. Rio de Janeiro: Zahar, 2001

BRAIT, B. Análise e teoria do discurso. In: BRAIT, Beth (org.). **Bakhtin: outros conceitos-chave**. São Paulo: Contexto, 2006. p. 9-32.

BRAIT, B.; MELO, R. de. Enunciado/enunciado concreto/enunciação. In: BRAIT, Beth (Org.). **Bakhtin: conceitos-chave**. São Paulo: Contexto, 2005.

BRASIL. Secretaria de Educação Básica. Ministério da Educação. **Orientações Educacionais Complementares aos Parâmetros Curriculares Nacionais para o Ensino Médio – Linguagens, códigos e suas tecnologias**. Brasília, 2006. Disponível em: < <http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/linguagens02.pdf> > Acesso em 09 jan. 2019.

SANCHES, I. C. **Citações no vestibular da FUVEST: a apropriação da palavra do outro e argumentação**. 2018. 194 f. Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, Faculdade de Ciências e Letras de Araraquara, 2013. Disponível em: < http://www.fclar.unesp.br/agenda-pos/linguistica_lingua_portuguesa/4591.pdf >

CARVALHO, E. **Os poderes do Vestibular: da construção da hegemonia ao prenúncio da queda**. In: História, Educação e Sociedade: demandas e tendências. IFG 2, 2012, Goiânia, GO. Anais (*on-line*)... IFG/Campus Goiânia: IFG, 2012, p. 1-18.

CASSETTARI, M. I. **Análise dialógica das redações mais bem avaliadas do vestibular de meio de ano de Vunesp 2010**. 2013. 152 f. Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, Faculdade de Ciências e Letras de Araraquara, 2013. Disponível em: <<http://hdl.handle.net/11449/93874>>.

COSTA, S. R. **Dicionário de gênero textuais**. 2 ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2009.

FARACO, C. A. **Linguagem e Diálogo: as ideias linguísticas do círculo de Bakhtin**. Curitiba: Criar Edições, 2003c.

FIORIN, J. L. **Introdução ao pensamento de Bakhtin**. São Paulo: Ática, 2006.

FOSSEY, M. F. **Avaliação de redações de vestibular: da teoria à prática**. Trab. linguist. apl. [*on-line*]. Vol.57, n.2, pp.1015-1042, 2018. Disponível em < <http://www.scielo.br/pdf/tla/v57n2/0103-1813-tla-57-02-1015.pdf> > Acesso em 19 jan. 2019

FUNDAÇÃO UNIVERSITÁRIA PARA O VESTIBULAR (FUVEST). Manual do Candidato 2000. São Paulo: FUVEST, 1999. Disponível em <http://acervo.fuvest.br/fuvest/2000/fuv2000_manual.pdf> Acesso em 17 out. 2017

_____. Manual do candidato 2001. São Paulo: FUVEST, 2000. Disponível em <http://acervo.fuvest.br/fuvest/2001/fuv2001_manual.pdf>. Acesso em 17 out. 2017

_____. Manual do candidato 2012. São Paulo: FUVEST, 2011. Disponível em <download.uol.com.br/vestibular2/fuvest2012/fuv2012manual.pdf>. Acesso em 05 fev. 2018

_____. Manual do candidato 2015. São Paulo: FUVEST, 2014 Disponível em <http://acervo.fuvest.br/fuvest/2015/fuv2015_manual.pdf>. Acesso em 17 out. 2017

_____. Algumas das Melhores Redações 2012. Disponível em: <<http://www.fuvest.br/vest2012/bestred/bestred.html>>. Acesso em 11 jul. 2016

_____. Algumas das Melhores Redações 2013. Disponível em: <<http://www.fuvest.br/vest2013/bestred/bestred.html>>. Acesso em 11 jul. 2016

GRILLO, S. V. C. **A noção de 'tema do gênero' na obra do Círculo de Bakhtin**. Estudos Lingüísticos (São Paulo), v. 1, p. 1825-1834, 2006. Disponível em <<http://docplayer.com.br/78924271-A-nocao-de-tema-do-genero-na-obra-do-circulo-de-bakhtin.html>> Acesso em 04 jun 2018

_____. **Épistémologie et genres du discours dans le cercle de Bakhtine**. Linx, Nanterre, v.56, p. 19-38, 2007. Disponível em: <<http://journals.openedition.org/linx/355>> Acesso em 25 mar 2018

GUARIGLIA, R. **O consensual e o polêmico no texto argumentativo escolar**. 2008. 188 f. Tese (doutorado) - Universidade Estadual Paulista, Faculdade de Ciências e Letras de Araraquara, 2008. Disponível em: <<http://hdl.handle.net/11449/103587>>. Acesso em 02 fev 2018

GUIMARÃES, S. **Como se faz a indústria do vestibular**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1984.

MACHADO, I. Gêneros discursivos. In: BRAIT, Beth (Org.). **Bakhtin: conceitos-chave**. São Paulo: Contexto, 2005.

MARCHEZAN, R. M. F. C. Diálogo. In: BRAIT, Beth (Org.). **Bakhtin: outros conceitos-chave**. São Paulo: Contexto, 2006, p. 115-131.

PAVANI, C. F.; KÖCHE, V. S.; BOFF, O. M. B. Redação de vestibular: gênero heterogêneo. **Revista Virtual de Estudos da Linguagem – ReVEL**. V. 4, n. 6, março de 2006. Disponível em <http://www.revel.inf.br/files/artigos/revel_6_redacao_de_vestibular.pdf> Acesso em 31 jan 2017

RIBEIRO NETO, A. **O vestibular ao longo do tempo: implicações e implicâncias**. Seminário "Vestibular Hoje". Brasília, DF: MEC/SESU/CAPES, 1985.

SOARES, N. M. **A redação na prova do ENEM: uma análise dialógica do discurso**. 2014. 145 f. Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, Faculdade de Ciências e Letras (Campus de Araraquara), 2014. Disponível em: <<http://hdl.handle.net/11449/115844>>.

SOUZA, G. T. **Introdução à Teoria do Enunciado Concreto do Círculo Bakhtin/Volochinov/Medvedv**. 2ed. São Paulo: Humanitas/FFLCH/USP, 2002, 148 p.

SZYNBORSKA, W. **Poemas**. Seleção, tradução e prefácio de Regina Przybycien. São Paulo: Companhia das Letras, 2011, p. 77-78.

VOLÓCHINOV, V. **Marxismo e filosofia da linguagem: problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem**. Tradução de Sheila Grillo e Ekaterina Vólkova. São Paulo: Editora 34, 2017.

OBRAS CONSULTADAS

MACIEL, L. V. C. **Vestibular da Unicamp: uma proposta dialógica de redação**. Rev. bras. linguist. apl. [on-line]. 2010, vol.10, n.1, pp.159-177. ISSN 1984-6398.

MARCHEZAN, R. C. Gêneros do discurso: o caso dos artigos de opinião. In: PAULA, L.; STAFUZZA, G. (Org.). **Círculo de Bakhtin: teoria inclassificável**. Campinas, São Paulo: Mercado de Letras, 2010, v. 1, p. 265-278.

_____. **Sobre o pensamento bakhtiniano: uma recepção de recepções**. Bakhtiniana: Revista de Estudos do Discurso, v. 8, p. 82-94, 2013. Disponível em <http://revistas.pucsp.br/index.php/bakhtiniana/article/view/15064/11695>

O ESTADO DE SÃO PAULO. **Redações da FUVEST**. Disponível em: < <http://infograficos.estadao.com.br/public/educacao/fuvest-redacoes/> >. Acesso em: 11 jan. 2019

SILVA, J. C. **A proposta de redação do ENEM: uma análise arquitetônica e composicional**. Entremeios [Revista de Estudos do Discurso], Seção Estudos, Programa de Pós-graduação em Ciências da Linguagem (PPGCL), Universidade do Vale do Sapucaí, Pouso Alegre (MG), vol. 13, p. 139-149, jul. - dez. 2016.. Disponível em < <http://www.entremeios.inf.br/published/364.pdf> > Acesso em 24 jul 2018

SOBRAL, A. **Ver o texto com os olhos do gênero: uma proposta de análise**. Bakhtiniana, São Paulo, v. 1, n. 1, p. 85-103, 1ºsem 2009. Disponível em < <http://revistas.pucsp.br/index.php/bakhtiniana/article/view/3000> > Acesso em 12 jan 2018

TRAVAGLIA, L. C. **A caracterização de categorias de texto: tipos, gêneros e espécies**. Alfa, São Paulo, v. 51, n. 1, p. 39-79, 2007. Disponível em < <https://periodicos.fclar.unesp.br/alfa/article/view/1426/1127> > Acesso em 12 jan 2018

ANEXOS

ANEXO A – PROPOSTA DE REDAÇÃO – FUVEST 1983

1983

REDAÇÃO

Escreva uma história cujo final seja o seguinte anúncio:

"Vende-se uma motoca"

ANEXO B – PROPOSTA DE REDAÇÃO – FUVEST 1985

1985

REDAÇÃO

Leia o texto abaixo.

Vestibular: "Um mal necessário".
(Antônio Hélio Guerra Vieira, reitor da Universidade de São Paulo).

No Brasil, as escolas superiores adotam o mesmo princípio usado na Europa para a seleção dos candidatos: o número clausus, que fixa o total de alunos que cada curso pode receber. Mas lá a situação é diferente. As escolas superiores aplicam um exame de qualificação, que serve apenas para encaminhar o aluno a determinada escola: todos conseguem uma vaga no ensino superior, só que nem sempre nas escolas que pretendem.

A França, por exemplo, substitui o vestibular pelo baccal aureat (bacharelado) e a Alemanha pelo abitur (habilitação). Esses exames servem de critérios para remanejar os alunos aprovados, que têm garantido um lugar no ensino superior. "Nesses países — lembra Guerra Vieira —, o Estado mantém um número de escolas superiores suficientes para atender toda a demanda." Outros, no entanto, decidiram acabar com o número clausus. Resultado: o Instituto Nacional Politécnico, no México, tem 150 mil alunos matriculados (na Escola Politécnica da USP existem apenas três mil estudantes), fato que levou a uma total degeneração do ensino superior naquele país.

(O Estado de São Paulo - 16/11/84)

Redija, em prosa, uma dissertação expondo seu ponto de vista sobre a necessidade da existência do número clausus para o ingresso nas universidades públicas brasileiras. Você deve apresentar sua posição, desenvolver sucintamente argumentos e chegar a uma conclusão compatível com a argumentação.

ANEXO C – PROPOSTA DE REDAÇÃO – ENEM 2018

enem



INSTRUÇÕES PARA A REDAÇÃO

- O rascunho da redação deve ser feito no espaço apropriado.
- O texto definitivo deve ser escrito à tinta, na folha própria, em até 30 linhas.
- A redação que apresentar cópia dos textos da Proposta de Redação ou do Caderno de Questões terá o número de linhas copiadas desconsiderado para efeito de correção.

Receberá nota zero, em qualquer das situações expressas a seguir, a redação que:

- desrespeitar os direitos humanos.
- tiver até 7 (sete) linhas escritas, sendo considerada "texto insuficiente".
- fugir ao tema ou que não atender ao tipo dissertativo-argumentativo.
- apresentar parte do texto deliberadamente desconectada do tema proposto.

TEXTOS MOTIVADORES

TEXTO I

CAPÍTULO IV
DO DIREITO À EDUCAÇÃO

Art. 27. A educação constitui direito da pessoa com deficiência, assegurados sistema educacional inclusivo em todos os níveis e aprendizado ao longo de toda a vida, de forma a alcançar o máximo desenvolvimento possível de seus talentos e habilidades físicas, sensoriais, intelectuais e sociais, segundo suas características, interesses e necessidades de aprendizagem.

Parágrafo único. É dever do Estado, da família, da comunidade escolar e da sociedade assegurar educação de qualidade à pessoa com deficiência, colocando-a a salvo de toda forma de violência, negligência e discriminação.

Art. 28. Incumbe ao poder público assegurar, criar, desenvolver, implementar, incentivar, acompanhar e avaliar: [...]

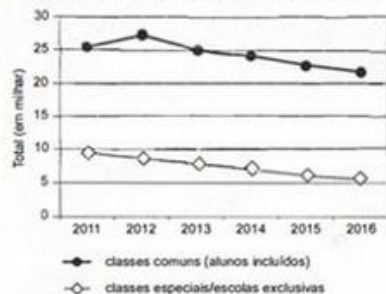
IV - oferta de educação bilíngue, em Libras como primeira língua e na modalidade escrita da língua portuguesa como segunda língua, em escolas e classes bilíngues e em escolas inclusivas; [...]

XII - oferta de ensino da Libras, do Sistema Braille e de uso de recursos de tecnologia assistiva, de forma a ampliar habilidades funcionais dos estudantes, promovendo sua autonomia e participação.

BRASIL. Lei nº 13.146, de 6 de julho de 2015. Disponível em: www.planalto.gov.br. Acesso em: 9 jun. 2017 (fragmento).

TEXTO II

Matrículas de Surdos na Educação Básica - Educação Especial



Fonte: Inep.

TEXTO III



Disponível em: <http://servicos.pr4.mpt.mp.br>. Acesso em: 3 jun. 2017 (adaptado).

TEXTO IV

No Brasil, os surdos só começaram a ter acesso à educação durante o Império, no governo de Dom Pedro II, que criou a primeira escola de educação de meninos surdos, em 26 de setembro de 1857, na antiga capital do País, o Rio de Janeiro. Hoje, no lugar da escola funciona o Instituto Nacional de Educação de Surdos (Ines). Por isso, a data foi escolhida como Dia do Surdo.

Contudo, foi somente em 2002, por meio da sanção da Lei nº 10.436, que a Língua Brasileira de Sinais (Libras) foi reconhecida como segunda língua oficial no País. A legislação determinou também que devem ser garantidas, por parte do poder público em geral e empresas concessionárias de serviços públicos, formas institucionalizadas de apoiar o uso e difusão da Libras como meio de comunicação objetiva.

Disponível em: www.brasil.gov.br. Acesso em: 9 jun. 2017 (adaptado).

PROPOSTA DE REDAÇÃO

A partir da leitura dos textos motivadores e com base nos conhecimentos construídos ao longo de sua formação, redija texto dissertativo-argumentativo em modalidade escrita formal da língua portuguesa sobre o tema "Desafios para a formação educacional de surdos no Brasil", apresentando proposta de intervenção que respeite os direitos humanos. Selecione, organize e relacione, de forma coerente e coesa, argumentos e fatos para defesa de seu ponto de vista.

ANEXO D – PROPOSTA DE REDAÇÃO – UNESP 2018



REDAÇÃO



TEXTO 1

Um levantamento do Instituto Datafolha divulgado em maio de 2014 apontou que 61% dos eleitores são contrários ao voto obrigatório. O voto obrigatório é previsto na Constituição Federal – a participação é facultativa apenas para analfabetos, idosos com mais de 70 anos de idade e jovens com 16 e 17 anos.

Para analistas, permitir que o eleitor decida se quer ou não votar é um risco para o sistema eleitoral brasileiro. A obrigatoriedade, argumentam, ainda é necessária devido ao cenário crítico de compra e venda de votos e à formação política deficiente de boa parte da população.

“Nossa democracia é extremamente jovem e foi pouco testada. O voto facultativo seria o ideal, porque o eleitor poderia expressar sua real vontade, mas ainda não é hora de ele ser implantado”, diz Danilo Barboza, membro do Movimento Voto Consciente.

O sociólogo Eurico Cursino, da Universidade de Brasília (UnB), avalia que o dever de participar das eleições é uma prática pedagógica. Ele argumenta que essa é uma forma de canalizar conflitos graves ligados às desigualdades sociais no país. “A democracia só se aprende na prática. Tomar o voto facultativo é como permitir à criança decidir se quer ir ou não à escola”, afirma.

Já para os defensores do voto não obrigatório, participar das eleições é um direito e não um dever. O voto facultativo, dizem, melhora a qualidade do pleito, que passa a contar majoritariamente com eleitores conscientes. E incentiva os partidos a promover programas eleitorais educativos sobre a importância do voto.

(Karina Gomes. “O voto deveria ser facultativo no Brasil?”. www.cartacapital.com.br, 25.08.2014. Adaptado.)

TEXTO 2

Há muito tempo se discute a possibilidade de instauração do voto facultativo no Brasil. Mas são diversos os fatores que travam a discussão.

Atualmente, é a Lei nº 4737/1965 que determina o voto como obrigatório no Brasil, além dos dispositivos e penas a quem não comparece ao pleito. Com a imposição, o país segue na tendência contrária ao resto do mundo. Estudo divulgado pela CIA, que detalha o tipo de voto em mais de 230 países no mundo, mostra que o Brasil é um dos (apenas) 21 que ainda mantém a obrigatoriedade de comparecer às urnas.

Para Rodolfo Teixeira, cientista político e professor da Universidade de Brasília (UnB), a atual descrença na classe política pode levar a uma grave deserção do brasileiro do processo eleitoral. O jurista Alberto Rollo, especialista em Direito Eleitoral e membro da comissão de reforma política da OAB de São Paulo, concorda e acredita que o eleitor brasileiro ainda é “deficitário” do ponto de vista de educação política, sem ser maduro o suficiente para entender a importância do voto: “Se [o voto facultativo] fosse implementado hoje, mais da metade dos eleitores não votaria. Isso é desastroso”, afirma.

O cientista político e professor da FGV-Rio Carlos Pereira pensa diferente. O especialista acredita que as sete eleições presidenciais depois do fim da ditadura militar mostram que o momento democrático do Brasil está consolidado. O voto facultativo seria mais um passo a uma democracia plena.

“O argumento de que o eleitor pobre e menos escolarizado deixaria de votar parte de um pressuposto da vitimização. É uma visão muito protecionista”, diz Pereira. “O eleitor mais pobre tem acesso à informação e é politizado: ele sabe quanto está custando um litro de leite, uma passagem de ônibus, se o bairro está violento, se tem desemprego na família. É totalmente plausível que ele faça um diagnóstico e decida em quem votar e se quer votar.”

(Raphael Martins. “O que falta para o Brasil adotar o voto facultativo?”. <http://exame.abril.com.br>, 01.08.2017. Adaptado.)

Com base nos textos apresentados e em seus próprios conhecimentos, escreva uma dissertação, empregando a norma-padrão da língua portuguesa, sobre o tema:

O VOTO DEVERIA SER FACULTATIVO NO BRASIL?

ANEXO E – REDAÇÃO ARGUMENTATIVA ESCOLAR MODELO 1

O bista aberto político

Em 2011, a revista "Time" elegeu como a pessoa do ano o ser que protesta, "The Protestant". De fato, tal ação foi amplamente verificada no ano que se passou, como exemplifica a "Primavera Árabe". Nesta, milhares de pessoas lutaram pelos seus direitos e exigiam algo que muitos pareciam ter esquecido: participação política.

Entretanto, enquanto muitos árabes lutam por seus direitos políticos, o mundo ocidental parece ter descartado tal conquista, tratando-a como um objeto substituível por outras coisas que preenchem o vazio ali estabelecido.

Nesse ínterim, a tese do sociólogo Zygmunt Bauman parece se concretizar: as coisas são tão superficiais e passageiras e as pessoas são tão sedentas por consumo que elas preferem ~~se~~ ~~estituir~~ ~~qualquer~~ ~~emissão~~ ~~aberto~~ ~~qualquer~~ ~~emissão~~ ~~político~~ ~~dentro~~ ~~delas~~ e substituí-las por forças não-políticas relativas, como o mercado financeiro e o consumo.

A desconfiança, ou substituição, de um direito político demonstra a desistência do homem enquanto ser que participa e se identifica a um senso coletivo. Este homem tem outros interesses agora: prefere trocar o indispensável (a política) pelo dispensável e supérfluo (simbolizado em seu óbvio desejo de consumo).

Neste ínterim, processo de "ceificação" da política, o homem moderno demonstra sua desconfiança em um senso coletivo que batalha por um ideal e objetiva mudar a sociedade, invalidando a função da "ferramenta" política.

Tal desconfiança contribui para a estruturação de uma sociedade permissiva e conformada, que esquece suas conquistas coletivas e prefere viver através de sua própria "política": desigual, individualista e terrivelmente vazia.

© Redação – FUVEST 2012

ANEXO F – TEMA 1 - PROPOSTA DE REDAÇÃO – FUVEST 2012

REDAÇÃO

Texto 1

A ciência mais imperativa e predominante sobre tudo é a ciência política, pois esta determina quais são as demais ciências que devem ser estudadas na pólis. Nessa medida, a ciência política inclui a finalidade das demais, e, então, essa finalidade deve ser o bem do homem.

Aristóteles. Adaptado.

Texto 2

O termo "idiota" aparece em comentários indignados, cada vez mais frequentes no Brasil, como "política é coisa de idiota". O que podemos constatar é que acabou se invertendo o conceito original de idiota, pois a palavra *idiôtes*, em grego, significa aquele que só vive a vida privada, que recusa a política, que diz não à política.

Talvez devêssemos retomar esse conceito de idiota como aquele que vive fechado dentro de si e só se interessa pela vida no âmbito pessoal. Sua expressão generalizada é: "Não me meto em política".

M. S. Cortella e R. J. Ribeiro,
Política – para não ser idiota. Adaptado.

Texto 3

FILHOS DA ÉPOCA

*Somos filhos da época
e a época é política.*

*Todas as tuas, nossas, vossas coisas
diurnas e noturnas,
são coisas políticas.*

*Querendo ou não querendo,
teus genes têm um passado político,
tua pele, um matiz político,
teus olhos, um aspecto político.*

*O que você diz tem ressonância,
o que silencia tem um eco
de um jeito ou de outro, político.*

(...)

Wisława Szymborska, **Poemas.**

Texto 4

As instituições políticas vigentes (por exemplo, partidos políticos, parlamentos, governos) vivem hoje um processo de abandono ou diminuição do seu papel de criadoras de agenda de questões e opções relevantes e, também, do seu papel de propositoras de doutrinas. O que não significa que se amplia a liberdade de opção individual. Significa apenas que essas funções estão sendo decididamente transferidas das instituições políticas (isto é, eleitas e, em princípio, controladas) para forças essencialmente não políticas — primordialmente as do mercado financeiro e do consumo. A agenda de opções mais importantes dificilmente pode ser construída politicamente nas atuais condições. Assim esvaziada, a política perde interesse.

Zygmunt Bauman. **Em busca da política.** Adaptado.

Texto 5



Os textos aqui reproduzidos falam de política, seja para enfatizar sua necessidade, seja para indicar suas limitações e impasses no mundo atual. Reflita sobre esses textos e redija uma dissertação em prosa, na qual você discuta as ideias neles apresentadas, argumentando de modo a deixar claro o seu ponto de vista sobre o tema **Participação política: indispensável ou superada?**

Instruções:

- A redação deve obedecer à norma padrão da língua portuguesa.
- Escreva, no mínimo, 20 e, no máximo, 30 linhas, com letra legível.
- Dê um título a sua redação.

ANEXO G – TEMA 1 REDAÇÃO 1

Atenção: Leia atentamente as instruções do caderno de questões antes de preencher essa folha.

Participação política: direito ou dever?

"É aceitável um cidadão não se interessar por política, todavia ele sempre será governado por aqueles que se interessam." Essas palavras de Platão que estão alheio à política não era uma opção nas polis gregas. Além disso, na antiguidade clássica, o direito à participação política não era apenas visto como uma possibilidade, mas como algo honroso e necessário para a manutenção de uma sociedade justa e democrática. Apesar de tal regime democrático ter sido substituído por outros ao longo do curso da história e apenas ter sido revivido no Brasil na década de 80, nunca perdeu seus nobres ideais de justiça e igualdade perante a lei. Mesma assim, em nosso país, o interesse pela política dos cidadãos brasileiros diminuiu exponencialmente. Esse fato representa que a supressão da participação política ou ela continua indispensável?

A origem do termo "farinha do mesmo saco" tem sido criada no Segundo Império, ainda resumem bem a situação partidária cotidiana. Partidos políticos sem ideologia ou com ela difusa são apenas uma parte da relativização política que faz o brasileiro crer que realmente não há nenhuma diferença significativa entre os políticos. Assim, junto com a determinística característica de conformidade comum ao brasileiro, o fato de todos os partidos parecerem o mesmo leva a uma aparente superação do direito do voto. ~~Felizmente,~~

Felizmente, ainda há motivos para ter esperança. Incentivados pelos movimentos de liberdade que ocorrem em todo o mundo, como a Primavera Árabe, é cada vez maior o número de jovens que saem às ruas para protestar com a discursão política do Brasil e exigir mudanças. Apesar de serem manifestações sem um objetivo concreto e sem meios ou recursos para efetivá-lo, esses jovens exigem o maior direito democrático: o de serem ouvidos e terem a poder para poder mudar seu próprio futuro.

Assim como Winston Churchill disse, não há deus que não exista forma de governo melhor que a democracia. Ela é, com certeza, o meio mais justo de governar e que propicia iguais oportunidades à todos. Não se deve, entretanto, se manter alheio às decisões do senado, câmara, etc. Serão essas medidas que influenciarão diretamente todos no país. Por isso, é indispensável que todos tenham o direito de manifestar suas opiniões e ser ouvido, para que assim a sociedade alcance o progresso unido.

ANEXO H – TEMA 1 REDAÇÃO 2

Atenção: Leia atentamente as instruções do caderno de questões antes de preencher essa folha.

01 O caminho da liberdade

02

03 A maneira de pensar do ser humano sofreu uma reviravolta na Grécia Antiga,

04 quando, ainda que gradualmente, os mitos deixaram de sustentar a autoridade

05 de um cidadão. Com isso, para fazer valer sua vontade nas decisões da pólis, o ho-

06 mem grego precisou adaptar-se a uma nova prática: a política. A partir de então,

07 graças à influência do pensamento grego no mundo ocidental, a política tornou-

08 -se instrumento básico para qualquer ser humano que quisesse ser livre. O mun-

09 do foi moldado por uma maneira de pensar, e mudou tanto que, ironicamente,

10 hoje muitos querem distância da política, o que levanta a seguinte questão: qual

11 é a real importância do envolvimento político hoje?

12 O cidadão que não se preocupa com política abdica de sua liberdade. Como

13 Paul Sartre, filósofo francês autor de Os Caminhos da Liberdade, descreve perfeitamente

14 como a apatia é uma prisão que só pode ser superada com o envolvimento

15 político. Mathieu, personagem que buscava ser livre evitando comprometer-se, só

16 alcança a liberdade quando finalmente dedica-se a uma causa. É assim a sociedade

17 de humano, é o direito de opinar sobre os rumos da nação que faz de um cidadão

18 livre. Ao delegar essa função a outros, perde-se o controle sobre a própria vida.

19 A apatia política é origem de todos os problemas sociais. É notório como ma-

20 zelas como a corrupção e a miséria, no lugar de causar revolta, trazem o conform-

21 ismo, pai da postura apolítica. Assim, cria-se um círculo vicioso, em que a

22 sociedade acerta os mesmos erros com cada vez mais proximidade, com o velho di-

23 cando "É assim mesmo, fazer o quê?". Dem pensamento surge o medo de ruir,

24 o desemprego e a fome, que o apolítico rapidamente colocará na conta dos políticos,

25 esquecendo-se que sua ignorância política é que deu poder a eles.

26 Nota-se então que a política mantém-se como ferramenta fundamental

27 para transformar o mundo, mas que o homem moderno já não se dá conta

28 de seu poder. Ao invés de lutar contra a corrente de decisões e rumos errados, o

29 cidadão de hoje se deixa afogar no próprio conformismo e apatia.

30

31

32

33

34

Redação - FUVEST 2012

ANEXO I – TEMA 1 REDAÇÃO 3

Atenção: Leia atentamente as instruções do caderno de questões antes de preencher essa folha.

01 Todos juntos somos forte
 02 Dentre as turbulências ocorridas no ano de 2011, a movimentação
 03 popular reivindicando governos democráticos em países como Síria e
 04 Egito teve um papel de destaque no cenário mundial. O êxito na luta
 05 contra esses ditadores só foi possível graças à mobilização e ao
 06 engajamento político da população local. Esse fato nos mostra como
 07 a participação política é indispensável, e que ela pode sim mudar
 08 a realidade de um país.

09 Tal engajamento político é hoje negado por grande parte
 10 das pessoas. Esse fato e muitos outros giram em torno de uma ques-
 11 tão atual que é: vivermos em um mundo regido pelo consumo e pelo
 12 mercado financeiro. Em seu livro Amor líquido, Zygmunt Bauman
 13 deixa claro como o consumismo e o individualismo afetam as rela-
 14 ções interpessoais. Deixamos o pensamento coletivo de lado para nos
 15 dedicar somente em benefício próprio. E sem pensamento coletivo
 16 não existe política.

17 Essa influência do mercado financeiro é, de fato, uma
 18 limitação à prática democrática. Diversos elos de interdependência
 19 são estabelecidos. A mídia instiga o consumo, o consumo controla
 20 a produção, e esta rege o mercado financeiro de ações. Esses são
 21 alguns elos de uma corrente que permanece fechada ao povo, que
 22 não se sente controlando nada.

23 A sensação de exclusão política gera cada vez menos volun-
 24 tade de intervir nesse assunto. É muito mais cômodo algar-se apolítico do que angariar esforços para mudar a situação atual. A vontade da população deve prevalecer sobre a do poder público. Esquecemos que somos a maioria e a vantagem que isso pode nos trazer.

28 O principal obstáculo a ser vencido para aumentar a vontade das pessoas de participar da política é o individualismo. Somente com a força coletiva conseguiremos abrir os elos daquela corrente que parecia tão fechada à população. Um exemplo dessa abertura foi a tão comentada Primavera Árabe. Países como Síria e Egito, considerados por muitos como atrasados, deram uma aula de participação política e mostraram como a coletividade pode fazer a diferença.

ANEXO J – TEMA 1 REDAÇÃO 4

Atenção: Leia atentamente as instruções do caderno de questões antes de preencher essa folha.

01 O fim das utopias pode engajamento

02 "O problema da sociedade é que ela para de se questionar", diagnostica o sociólogo polonês Zygmunt Bauman, em seu livro Modernidade Líquida. Pode-se, a partir do diagnóstico, fazer uma analogia com a situação da questão política no mundo: dado o nível de acomodação das pessoas, elas raramente questionam o modo como a política é feita, ao menos que este lhes seja danoso. Porém, sendo o homem um ser político - ou seja, política quase que naturalmente - cabe a ele a responsabilidade pela mesma: é indispensável sua participação nela.

09 A criação da política pelo indivíduo parte de teorias de cunho contratualista, em que este se submete a alguém que detém o poder para manter organizada a sociedade em que vive. Assim, nasce também a acomodação: enquanto as atitudes daquele que detém o poder convivem ao indivíduo, tem-se o pensamento unido de que qualquer participação política é desnecessária. Desmembram-se ideologias e são mínimas quaisquer reivindicações. Basta, contudo, que se atue algum privilégio político do sujeito para que este se mostre engajado e disposto a mudar a ordem vigente, valendo-se do argumento que a política deve se basear em seus interesses - de maneira geral, a parte mais ideológica do mesmo é o próprio bem.

18 Qualquer efeito sobre a economia tem repercussões diretas sobre a política, o que foi bem observado no Brasil: com o fim do "milagre brasileiro" da Era Médici, tem-se a queda do regime militar. Essa associação quase imediata decorre do deslocamento do poder, na era pós-moderna em que o mundo se encontra, da esfera pública para a privada. Grandes conglomerados financeiros orientam decisões que afetam sociedades, ocupando o lugar do povo na política, sendo que esta pertence a quem a cria, ou seja, aos próprios indivíduos. Diante do que Z. Bauman chama de "fim das utopias", em que os ideais iluministas não são mais viáveis às sociedades, é o engajamento político que ordenará as ordens mundiais que estão por vir, já que tudo o que toca ao financeiro é extremamente fluido e pode ruir a qualquer momento.

28 Em uma era pós-moderna, em que a economia volátil subjuga a esfera política, a participação do indivíduo nesta é, portanto, indispensável. Não só para eventuais reivindicações, mas pela responsabilidade do mesmo sobre aquilo que cria e para que a ordem seja montada diante das imperícias do capital. Parafraseando Jean-J. Rousseau, "O povo é o único soberano" - e o único capaz de controlar e fluir a sociedade em que vivemos.

34

ANEXO K – TEMA 1 REDAÇÃO 5

Atenção: Leia atentamente as instruções do caderno de questões antes de preencher essa folha.

A atualidade da política e a falácia do "fim da História"

O dramaturgo alemão Bertolt Brecht, no famoso texto "O analfabeto político", defende que o pior tipo de ignorância ou "analfabetismo" é a negação da política, pois dessa negação derivariam todos os outros males da sociedade, que teriam raiz na não-participação do indivíduo na decisão dos rumos da vida social na qual está inserido. Essa visão de mundo, também compartilhada por Mikalava de Dzygmonsta em seu poema, já foi colocada como apenas um vestígio de uma época em que a política fazia sentido, sendo ela obsoleta no mundo atual, um mundo supostamente "pós-moderno" onde o desenvolvimento tecnológico nos marcos da economia capitalista e da democracia liberal trataria de resolver todos os impasses desse mesmo modo de viver.

Porém, um olhar sobre a realidade objetiva permite ao sujeito crítico constatar sérias fissuras na tese do "fim da História" e ser colocado diante de contradições fortes, como um Hamlet que descobre algo podre no reino da Dinamarca, sendo a Dinamarca agora o mundo globalizado. A desregulação de mercados financeiros gera a pior crise desde 1929, crise essa que é combatida sem que se abale a hegemonia das estruturas de poder perversas que se lapam a democracia na Europa esclarecida, substituindo a vontade popular por programas definidos pelos mercados, demonstrando a falência das instituições apontada por Bauman e causando novas formas de mal-estar na cultura. Não à toa, a depressão já é a patologia escolhida como "mal do século".

Nesse pano de fundo, 2011 pode ser entendido como um ano de renascimento, tendo as ruas do mundo visto as maiores manifestações desde 1968, indo na contramão dos que postulam que a política morreu. Mesmo em condições adversas a participação popular aparentemente adormecida acordou e tende a se firmar cada vez mais como forma de consciência global. Se a História acabou com a queda do Muro de Berlim, o fim da História acabou quando um homem ateou fogo ao próprio corpo no final de 2010 em Túnis, dando início às revoltas batizadas de Primavera Árabe. Protestos tunísias, líbios, egípcios, gregos, "Indignados" espanhóis, Occupy Wall Street e tantos outros, então, vêm para nos mostrar que a participação política no século XXI não só tem e merece bastante espaço, mas também, como disse Aristóteles, ~~é~~ ^{foi} ~~sempre~~ ^{sempre} será indispensável.

ANEXO L – TEMA 1 REDAÇÃO 6

01 O regresso social reside na alienação política

02 Certa vez, quando questionado sobre seu posicionamento político, o diplomata e

03 escritor Guimarães Rosa respondeu ser apolítico. Tal declaração vinda de um gênio

04 da literatura causou espanto em muitos, eis que desde a Grécia antiga até moderna

05 mente a participação política dos ~~seus~~ cidadãos mostra-se fundamental à constituição

06 de um Estado, uma vez que ela acarretará num plano piloto que designará quais

07 serão os interesses estatais a serem ~~busc~~ buscados em prol de um dado povo e con-

08 forme as peculiaridades de uma dada nação.

09 No que tange ao Brasil, até 1984 houve necessidade de participação popular para

10 se instaurar a democracia e, atualmente, a função de construir a história em

11 nossa geração consiste na atuação real dos cidadãos a fim de se atingir a con-

12 solidação do Estado Social Democrático de Direito, o qual só é alcançado a partir

13 de pessoas que exijam seus direitos e cobrem das instituições políticas, bem como de se

14 us respectivos atores, o efetivo exercício de seus deveres enquanto governantes.

15 A despeito de ser inquestionável que vivemos em um tempo em que há muitos limites

16 políticos, por conta do amplo liberalismo político em voga, o povo não pode se omitir

17 aceitando a tudo como o fazem os alienados. Omitindo-se, os cidadãos perderão total-

18 mente o controle dos rumos políticos, restando ao bel prazer dos atuais substitutos das

19 instituições políticas: o FMI, o Banco Mundial e a OMC, instituições estas que defendem interesses

20 econômicos de uma pequena aristocracia internacional, pouco se importando com políticas

21 sociais ou com uma melhor distribuição de renda à população mundial.

22 A tomar-se a isso, é cediço que em tudo há política numa sociedade civilizada. Ela

23 existe quando o cidadão atravessa a rua na faixa de pedestres, quando ele necessita de su-

24 lide pública ou simplesmente quando utiliza água tratada e encanada em seu lar.

25 Desta arte, ainda que o indivíduo deseje ser apolítico ou alienado numa sociedade orde-

26 na, é impossível afirmar que ele nunca se relacionará, direta ou indiretamente, com a política.

27 Nesse diapasão, mais do que inevitável, pois, é indispensável a participação políti-

28 ca na sociedade contemporânea, seja porque a política está em tudo na civilização

29 atual, seja porque é a participação popular que garantirá a soberania de um povo,

30 conquistando-se, assim, direitos sociais e econômicos mais justos, ou efetivando-se,

31 no caso do Brasil, um Estado Social Democrático real.

32

33

34

ANEXO M – TEMA 1 REDAÇÃO 7

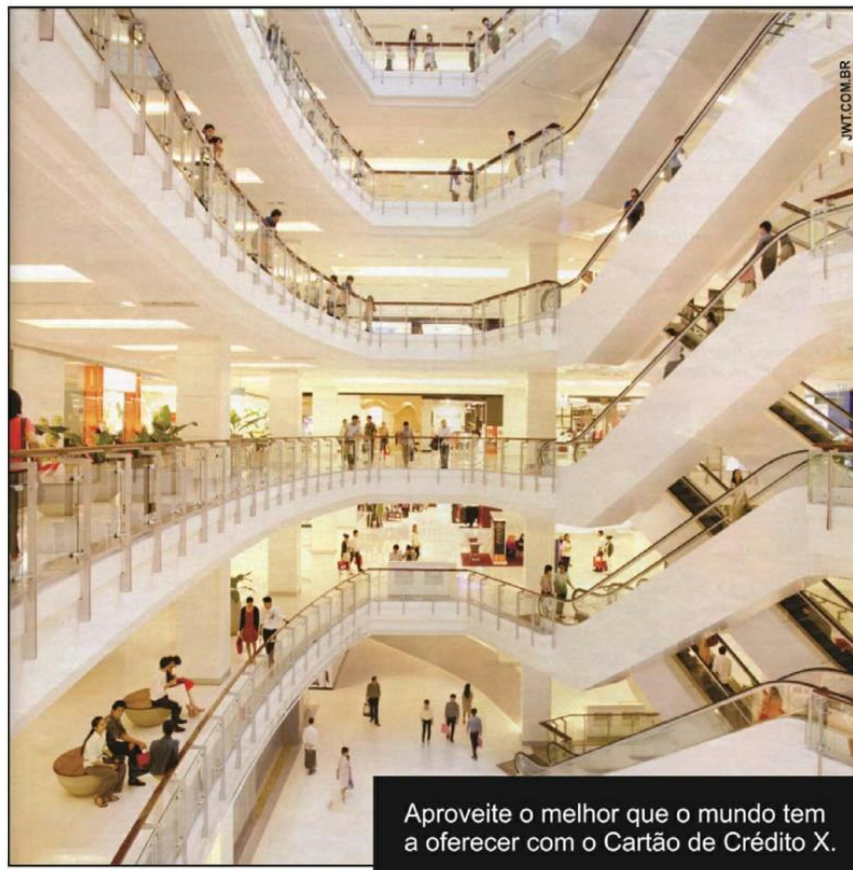
Atenção: Leia atentamente as instruções do caderno de questões antes de preencher essa folha.

A participação política é um fator indispensável para que se realize uma sociedade. Quanto maior o seu índice, mais articulada e mais justa é a interação entre seus estratos. A política atual se encontra esvaziada de participação, sobretudo, porque os modelos políticos de atuação e representação pública estão obsoletos e reduzidos e, principalmente, por conta de sua vantagem ao atual sistema de produção uma redução das liberdades individuais dos cidadãos.

O poema de Szymanski, numa lógica Brechtiana, demonstra o quanto, mesmo que involuntariamente, todos já estão inseridos num processo político, quer queiramos ou não. O que interessa, pois, é saber o quanto os pessoas estão se apropriando de seus direitos e responsabilidades coletivas. Assim, levando em conta as ideias de Baumann expressas no enunciado, nota-se o quanto a política atual se reduziu por conta de ~~obsoletos~~ os modelos de participação herdados do século XX, como a greve, por exemplo, já não serem capazes de representar as situações e demandas atuais.

Isso dá a falsa impressão de que já não é necessário participar dos processos coletivos de forma politizada, o que fez com que os pessoas lutem cada vez menos por seus direitos e liberdades individuais e coletivos e, assim, se adequem mais facilmente aos padrões de conduta impostos pela classe que comanda a produção. A vida política passa a ser regulada pelos parâmetros do sistema de produção: os valores do mercado; ela não se define mais pelo acordo entre os interesses das diversas classes.

É como se, depois da Guerra Fria, ao invés de ter um mundo plural e multipolar, nos encontrássemos diante de simples variações em torno de uma única dimensão: os interesses da classe que detém os meios e os formas de produção. Seja preciso, então, refazer o valor original - aristotélico - do termo, considerando-o novamente como ciência que tem por objeto o bem do homem e, ainda, revertê-lo a revestir com formas de atuação que não as do século passado - que garantiram sua função no mundo contemporâneo.

ANEXO N – TEMA 2 – PROPOSTA DE REDAÇÃO FUVEST 2013**REDAÇÃO**

Esta é a reprodução (aqui, sem as marcas normais dos anunciantes, que foram substituídas por X) de um anúncio publicitário real, colhido em uma revista, publicada no ano de 2012.

Como toda mensagem, esse anúncio, formado pela relação entre imagem e texto, carrega pressupostos e implicações: se o observarmos bem, veremos que ele expressa uma determinada mentalidade, projeta uma dada visão de mundo, manifesta uma certa escolha de valores e assim por diante.

Redija uma dissertação em prosa, na qual você interprete e discuta a mensagem contida nesse anúncio, considerando os aspectos mencionados no parágrafo anterior e, se quiser, também outros aspectos que julgue relevantes. Procure argumentar de modo a deixar claro seu ponto de vista sobre o assunto.

Instruções:

- A redação deve obedecer à norma-padrão da língua portuguesa.
- Escreva, no mínimo, 20 e, no máximo, 30 linhas, com letra legível.
- Dê um título a sua redação.

ANEXO O – TEMA 2 – REDAÇÃO 1

Atenção: Leia atentamente as instruções do caderno de questões antes de preencher essa folha.

Valor: Duas faces.

A sociedade vem ao longo do tempo marcando sua passagem pelo mundo, imprimindo uma identidade, identidade essa formada por crenças e valores. Passamos por diversas etapas e momentos históricos que influenciaram na forma como o mundo era visto e vivido. Citando exemplos não tão distantes, podemos dizer sobre a Idade Média e seu mundo cheio de dogmas religiosos, posteriormente a Idade Moderna com seus pensamentos revolucionários de liberdade, chegando ao momento atual, da famosa pós-modernidade. Mas e agora? E nós? Quais são os valores que estamos deixando para as gerações futuras?

A pós-modernidade é caracterizada pela velocidade, agilidade, pela praticidade, e, principalmente, pelo dinheiro. Como de uma forma nunca antes vista, o dinheiro e o poder de compra, tem tomado dimensões alarmantes na vida das pessoas. Atualmente, com apenas um cartão de crédito compra-se tudo, exatamente tudo que se quer, desde vestimentas e comida até sexo, e incrivelmente, até amigos pela internet. Já existem sites de pessoas que vendem seus "bons ouvidos" ou seu "ombro amigo" aos solitários.

A sociedade do extremo consumo tem ajudado de forma extraordinária no esvaziamento dos valores e na perda do contato social. Andamos cada vez mais solitários, presos aos nossos telefones celulares, tablets, roupas de marca. Assim caímos na triste máxima de "você é aquilo que tem", aquilo que compra, aquilo que consome.

Essa mentalidade do consumismo excessivo, tem mudado a forma como vemos e lidamos com o mundo, há mais interesse pela roupa que se veste do que pelo caráter, pelas pequenas gentilezas, pela demoré respeito. Infelizmente, poucos ainda tem como Tim Maia ao escrever as imortais palavras "não quero dinheiro, quero amor sincero, isso que eu espero".

ANEXO P – TEMA 2 – REDAÇÃO 2

Atenção: Leia atentamente as instruções do caderno de questões antes de preencher essa folha.

A Manipulação do Prazer.

Analisando diferentes sociedades, ao longo da história, é possível perceber que a manutenção do Estado, nos mais diversos períodos, contou com um agente comum: a criação de ideologias. Ora defendido pela religião, ora pelas intelectuais, sempre houve uma linha de pensamento que respaldava o status quo, e não é diferente com o capitalismo que rege o mundo atual, sua principal arma de manipulação, é o consumismo.

Assim como a teocracia egípcia assegurava o aproveitamento das cheias do Nilo, e tal qual Maquiavel defendia a obediência aos reis absolutistas, as grandes empresas e os meios de comunicação hoje garantem a difusão da necessidade de consumir. Assim, a população é submetida, intensa e constantemente, a um bombardeio de propagandas que ~~exalta~~ alimenta as lares do estado capitalista.

O recurso da publicidade em tal campanha pela criação de uma rede de aquisição, por sua vez, revela o lado mais obscuro da ideologia consumista, que ~~consiste~~ ^{consiste} no estabelecimento de vínculos entre adquirir produtos e alcançar prazer, ou, até mesmo, felicidade. Comprar, então, torna-se uma prática através da qual o indivíduo realiza seus desejos, eleva-se socialmente e conquista prestígio.

Um dos grandes ~~pro~~ problemas da sociedade de consumo é ela impõe, mais do que a necessidade de comprar, uma série de valores repentinamente inexistentes no ato da compra. Então os shoppings se tornam cheios de consumidores, milhares de carros são vendidos todos os dias, e ainda mais televisores conquistam os lares, não porque as pessoas precisam consumir, mas porque se sentem bem consumindo.

Por isso é preciso refletir antes de se entregar ao maravilhoso mundo das lums matriciais, tão bem apresentado em filmes e novelas, e pensar duas vezes antes de adquirir um produto. Enquanto muitas pessoas compram coisas que não precisam sem valor a razão, outras desejam e se esforçam para que isso se repita cada vez mais.

ANEXO Q – TEMA 2 – REDAÇÃO 3

Atenção: Leia atentamente as instruções do caderno de questões antes de preencher essa folha.

Valores equivocados de uma aberração ética

Equivocadamente, os valores associados à felicidade, à realização e ao sucesso estão submetidos ao poder do consumo no mundo contemporâneo, isto é, ser feliz, realizado ou bem sucedido hoje é ter a capacidade de comprar e ostentar certos produtos e marcas. Percebe-se isso pelo crescimento dos verdadeiros templos do consumo, os shopping centers, e pelas anúncios publicitários, como o que diz: "Aproveite o melhor que o mundo tem a oferecer com o Cartão de Crédito X".

Essa mentalidade faz tanto sucesso atualmente devido ao esvaziamento das relações humanas. Para alguns sociólogos, como Bauman, o presente é mercado pela fluidez e superficialidade dessas relações. Ou seja, nada é sólido e seguro a ponto de proporcionar a verdadeira realização pessoal, como o consumo. Assim, o poder econômico ganha destaque e preenche o vazio deixado pela fragilidade do convívio com o outro, tornando cada vez mais comum a visão de mundo que mostra o consumo material como finalidade, como fonte de realização e prazer individual. Daí, por exemplo, o enriquecimento ser supostamente entendido como o aspecto mais importante da vida, superando as amizades e a família no alconce da felicidade.

Nessa perspectiva, a humanidade se tornou uma massa de consumidores. Para o célebre filósofo grego Aristóteles, a vida ética é alcançada pelo meio justo, isto é, pelo afastamento dos excessos dos radicalismos. Portanto, nessa lógica atual do consumismo excessivo o homem é afastado da condição de questionar os modelos no qual está inserido, tendo sua ética consumida. Essa perda, por sua vez, condiciona uma certa reificação do sujeito, já que ele diminui parte da sua condição humana de se questionar sobre o mundo que o cerca. Isso se expressa de forma aguda nos discursos que valorizam muito mais o crescimento econômico do que o desenvolvimento social, como ocorreu no desigual milagre econômico brasileiro, durante o regime militar (1964-1985), ou como acontece com o aumento da classe média do Brasil hoje. Nessas duas casos considerou-se mais o aspecto financeiro do que efetivamente o social, pelo acúmulo de bens materiais como a educação, saúde e o lazer, comprovando que a reificação causada pelo sonho consumista é um ponto dos questionamentos sobre o modelo econômico e político, sobre a própria vida ética do indivíduo enquanto homem.

Desse modo, pode-se afirmar que o avanço do consumismo, a fluidez das relações humanas modernas e a reificação pela diminuição da ética servem para sustentar a falsa ideologia da submissão de valores como a felicidade e a realização pessoal aos mecanismos de mercado, ao poder do consumo. Essa mentalidade equivocada sobre os valores é uma aberração ética, de acordo com os clássicos.

ANEXO R – TEMA 2 – REDAÇÃO 4

Atenção: Leia atentamente as instruções do caderno de questões antes de preencher essa tola.

O consumo e o vazão contemporâneos

O anúncio do "Cartão de Crédito X" é um claro símbolo textual de um ideário onipresente no mundo pós-moderno: o consumista. A imagem de um "shopping center" — o templo do consumo — alia-se aos dizeres de que o melhor que o mundo tem a oferecer ~~pode~~ pode ser obtido via cartão de crédito, ou seja, é material. Tal mentalidade frívola permeia as mentes contemporâneas, levando o homem pós-moderno a crer, erroneamente, que pode se tornar pleno exclusivamente por meio do consumo.

As origens de tal mentalidade encontram-se na ânsia capitalista de garantir o lucro das elites detentoras dos meios de produção. Para isso, faz-se o uso de dois organismos simbólicos: a mídia e a propaganda. Os veículos midiáticos, no que diz respeito ao processo de sedução do consumidor, são responsáveis pela criação de ídolos — pessoas aparentemente fabulosas, cujas imagens são usadas a ser apropriadas pelo espectador. Nesse interím, a propaganda entra como estímulo à perseguição de tal simulacro, por meio da tentativa de convencer o consumidor que este se tornará perfeito ao conquistar elementos materiais, assim como faz o anúncio do "Cartão de Crédito X".

As consequências desse processo alienante foram descritas por ~~Karl~~ Karl Marx, ainda no século XIX, por meio de dois conceitos: o fetiche da mercadoria e a reificação do homem. O primeiro consiste no endeuamento do objeto de consumo e o segundo na depreciação do homem diante da supervalorização do material. Dessa modo, ~~o~~ ~~meio~~ — se satisfazer a inquietude inerente à condição humana por meio de artifícios materiais, a despeito de artifícios realmente capazes de atender à ânsia do homem, como a construção de laços e a apreensão do conhecimento. Assim, constói-se um ciclo vicioso: o homem cultiva seu vazão interior por meio do consumo, ao mesmo tempo em que tenta satisfazer-se por meio dele.

O sentimento de frustração oriundo desse processo manifesta-se estatisticamente: o número de casos clínicos de depressão, bem como o número de suicídios, é toda vez maior no mundo ocidental. ~~É~~ ^{isso, ao} contrário do que afirma o ideário materialista, o consumo se torna nocivo a partir do momento em que não contribui para o bem-estar do homem, mas para sua ~~su~~ auto-flagelação. Não, o melhor do mundo não pode ser adivinhado com o "Cartão de Crédito X".

ANEXO S – TEMA 2 – REDAÇÃO 5

Atenção: Leia atentamente as instruções do caderno de questões antes de preencher essa folha.

O que se esconde nos discursos
 A estrutura altera a superestrutura e a cada vez que mudam as classes dominantes, mudam também seus discursos e ideologias. Karl Marx elaborou essa teoria no século XIX e é incrível verificar o quão atual ela se mantém.

Recentemente, uma empresa de cartão de crédito publicou um anúncio no qual apresentava a imagem de um shopping amplo, elegante e confortável, sob a frase: "Aproveite o melhor que o mundo tem a oferecer com o Cartão de Crédito X". A sutileza da propaganda ao associar o melhor que há no mundo a um local de compras revela uma visão de mundo que, apesar de passar despercebida por alguns, rege a sociedade atual: a ideologia do consumo.

Na era do capitalismo desenfreado em que vivemos, a classe dominante é representada pelas grandes empresas, associações e multinacionais, que lucram a cada vez que se compra novas roupas, novos carros, celulares, computadores... A necessidade que se sente de trocar constantemente as coisas quando elas supostamente passam a ser ultrapassadas vem da necessidade do consumo propagada por essas empresas. Afinal, não é realmente preciso trocar de celular a cada "geração" lançada, por exemplo.

As propagandas e publicidades costumam ser grandes "distribuidoras" das ideologias dominantes. Além do exemplo citado acima, encontram-se diversos outros, como anúncios de cervejas. Estes estão sempre relacionados a mulheres e situações prazerosas, que estimulam o pessoa a consumir o produto na busca de uma identificação com a imagem que lhe foi sugerida. Porém, o prazer encontrado é fugaz e logo é substituído por novos desejos ou pela necessidade de mais consumo. É graças a isso que se movem as engunagens da economia.

Assim sendo, um ser humano crítico precisa enxergar os pressupostos ideológicos por trás dos discursos para entender as reais intenções e como elas se relacionam com as estruturas econômicas vigentes. Deste modo, poder-se-á entender como funcionam as sociedades, incluindo a que vivemos, sem viver a ilusão

ANEXO T – TEMA 2 – REDAÇÃO 6

Atenção: Leia atentamente as instruções do caderno de questões antes de preencher essa folha.

01 SER OU NÃO SER CONSUMIDOR

02 É NOTÓRIA NA SOCIEDADE PÓS GUERRA DE 90 A ASSEÇÃO DO MODELO ECONÔMICO

03 NEOLIBERAL EM PRATICAMENTE TODO O PLANETA; ESTA POLÍTICA DE MERCADO, ASSOCIADA À LEI DA

04 OFERTA E procura, É A PRINCIPAL CAUSA DA ATUAL SOCIEDADE DE CONSUMO, CARACTERÍSTICA DA

05 CIVILIZAÇÃO OCIDENTAL. ENTRETANTO ESTA IDEOLOGIA CONSUMISTA É EXTREMAMENTE NEFASTA AO

06 SER HUMANO, A PARTIR DO FATO DE QUE, PARA ESTE PENSAMENTO, APENAS É VISTO COMO CIDADÃO

07 O INDIVÍDUO QUE APRESENTAR CERTO PODER DE COMPRA E APENAS ESTES PODERÃO USUFRUIR DE

08 VANTAGENS CAPITALISTAS: POR EXEMPLO SHOPPING CENTERS E CARTÕES DE CRÉDITO.

09 OS SHOPPING CENTERS, CRIADOS NO SÉCULO XX, SÃO FORMAS DE SEGREGAÇÃO SÓCIO-

10 ESPACIAL CADA VEZ MAIS PRESENTE NO MUNDO DE HOJE; ESTES, POR APRESENTAREM UM PÚBLICO

11 ALVO DEFINIDO PELO ALTO VALOR DE COMPRA, ENGENDRAM NO PENSAMENTO POPULAR UM TIPO

12 DE PRECONCEITO ENTRE CLASSES SOCIAIS QUE É PERPETUADO DEVIDO AS VANTAGENS APRESENTADAS.

13 A PARTIR DO MOMENTO EM QUE O ESTADO MÍNIMO (CARACTERÍSTICA DO NEOLIBERALISMO) ESTÁ

14 PRESENTE ~~EM~~ NUMA SOCIEDADE, AGENTES PRIVADOS EM SUBSTITUIÇÃO AO GOVERNO TRATAM DE

15 GARANTIR ~~OS DIREITOS~~ DIREITOS INALIENÁVEIS À POPULAÇÃO, COMO SEGURANÇA,

16 CONFORTO ETC.; CONTUDO ESTES DEIXAM DE SER DIREITOS E SE CONSTITUEM COMO

17 PRIVILÉGIOS POR ATINGIREM APENAS PARTE DA POPULAÇÃO. É EVIDENTE QUE A FRAÇÃO DA

18 COMUNIDADE PRIVILEGIADA É FORMADA PELA CLASSE MAIS ALTA, EVIDENCIANDO ASSIM A SEGREGAÇÃO

19 FORMADA POR ESTES ESPAÇOS PRIVADOS.

20 PARA CONSOLIDAR O CONSUMISMO, AGENTES DO CAPITALISMO FINANCEIRO CRIARAM

21 OS CHAMADOS CARTÕES DE CRÉDITO, QUE CONSTITUEM NA PRINCIPAL FORMA DE OBTENÇÃO

22 DE LUCRO PELOS BANCOS. COMO PARA A SOCIEDADE CONSUMISTA, A MERCADORIA É A PRINCIPAL

23 FORMA DE GERAR LUCRO, O PRÓPRIO CAPITAL TAMBÉM É VISTO COMO MERCADORIA E É

24 A PARTIR DESTES PRINCÍPIOS QUE OS CARTÕES SE MOSTRAM UMA VANTAGEM AO CAPITALISMO:

25 QUANTO MAIS DINHEIRO EMPRESTADO, MAIOR O JUROS E TAMBÉM MAIOR A ARRECADADA.

26 JÁ PARA OS CONSUMIDORES PORTADORES DESTES "BENEFÍCIO" O PRIVILÉGIO ESTÁ NA MAIOR

27 SEGURANÇA PROPORCIONADA PELOS BANCOS, POIS NÃO HÁ A NECESSIDADE DE PORTAR GRANDES

28 QUANTIAS EM "DINHEIRO VIVO" E, PORTANTO, NÃO HÁ O RISCO DEIXADO PELA AUSÊNCIA ESTATAL.

29 POR FIM, É NOTÓRIO A DIRETA RELAÇÃO ENTRE A ~~MAIOR~~ CAPACIDADE

30 INDIVIDUAL DE COMPRA E O ACESSO AOS BENEFÍCIOS SOCIAIS, O QUE ACABA POR DESTRUIR

31 O CARÁTER PECULIARMENTE EGÓISTA DO SER HUMANO, PODENDO ATÉ SER NEFASTO COMO

32 NO CASO DO PERSONAGEM DE ALVÍSSO DE AZEVEDO, JONAS ROMÃO, ONDE A AVAREZA TOMA

33 CONTA DO INDIVÍDUO. NA SOCIEDADE DO CONSUMO, A AVAREZA DEIXA DE SER UM PECADO

34 PARA SE TORNAR QUASE UM ESTILO DE VIDA.

ANEXO U – TEMA 2 – REDAÇÃO 7

Ambiguidade

Em recente publicidade de uma operadora de cartão de crédito, lia-se o seguinte "slogan": "aproveite o melhor que o mundo tem a oferecer com o cartão de crédito X". A frase diz muito sobre o mundo em que vivemos. Com um cartão, isto é, com os meios de se consumir, tem-se o melhor do mundo. Com todo, a frase esconde uma ambiguidade. Com o cartão X indica como se aproveitar o mundo em si ou apenas aquilo que o mundo tem a oferecer mediante o uso de um cartão? Nessa leitura, evidencia-se que este mundo dado como desejável, como único possível, é criação, fantasia.

Por um lado, a instantaneidade confere ao objeto de consumo uma materialização quase imediata. Não há tempo entre o desejo e o ter: o cartão de crédito presentifica o objeto da vontade. Por outro, também não há tempo de reflexão sobre si mesmo e sobre o desejo. A pergunta "o que faz você feliz?", feita pela propaganda de uma rede de mercados e respondida prontamente com uma série de produtos deixa claro: a felicidade está pronta, basta adquiri-la.

Entretanto, por que se compactua com tal realidade? Por que ela é validada? Michel Foucault, ao explorar a ideia do "Panóptico", de Jeremy Bentham, afirma que, em tal modelo de prisão - celas dispostas em um arco e vigiadas por um vigia - a luz e a visibilidade se tornam imprescindíveis. Sendo observado, o único meio de o presidiário obter aprovação é comportando-se tal como espera o "outro". Nesse sentido, a sensação de olhar alheio dá forma aos indivíduos e às suas ações, fazendo com que o observado se confunda com o observador. Dessa maneira, em uma sociedade em cujo consumo repousa sua tônica, não é difícil supor o que o vigia espera.

A construção de shoppings e de áreas com mais vidros e espaços vazios cada vez maiores privilegia a visibilidade e, por conseguinte, atualiza o modelo de Bentham.

Em "Valdrada", cidade descrita por Italo Calvino em "As cidades invisíveis", há um lago que reflete todos os movimentos dos moradores, de modo que as pessoas passam a agir conforme a imagem transmitida de si próprios aos outros no espelho d'água.

Saindo da ficção, por fim, algo similar se desnuda: constrói-se um mundo de consumo e de imagens que acaba não apenas dando um sentido possível à realidade, mas confundindo-se com ela. A reflexão, assim como em "Valdrada", é imagética, subordinada aos valores constituídos e, em tal fantasia, afoga uma reflexão consciente sobre um outro mundo possível.

Redação - FUVEST 2013